

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA UNIMEP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**MANUAIS DE CIVILIDADE E EDUCAÇÃO: “A  
Conduta da juventude feminina” de Sophie  
Christ**

**RITA DE CÁSSIA LUIZ DA ROCHA**

**PIRACICABA-SP**

**2018**

# **MANUAIS DE CIVILIDADE E EDUCAÇÃO: “A Conduta da juventude feminina” de Sophie Christ**

**RITA DE CÁSSIA LUIZ DA ROCHA**

**ORIENTADOR:**

**PROF. DR. CESAR ROMERO AMARAL VIEIRA**

**Tese de doutorado apresentada à  
Banca Examinadora do ao Programa  
de Pós-Graduação em Educação, da  
Universidade Metodista de  
Piracicaba/UNIMEP, como parte dos  
requisitos necessários à obtenção do  
título de Doutora em Educação.**

**PIRACICABA-SP**

**2018**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP  
Bibliotecária: Marjory Harumi Barbosa Hito - CRB-8/9128.

R672m	<p>Rocha, Rita de Cássia Luiz da Manuais de civilidade e educação : "a conduta da juventude feminina" de Sophie Christ / Rita de Cássia Luiz da Rocha. – 2018. 159 f. ; 30 cm.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Cesar Romero Amaral Vieira. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2018.</p> <p>1. Educação Feminina. 2. História da Educação. I. Vieira, Cesar Romero Amaral. II. Título.</p> <p>CDU – 37</p>
-------	---

## **BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Cesar Romero Amaral Vieira (orientador)**

**Prof. Dr. Ademir Gebara**

**Prof. Dr. Bruno Pucci**

**Profa. Dra. Magda Carmelita Sarat Oliveira**

**Prof. Dr. Thiago Borges de Aguiar**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família. Ao meu orientador Cesar Romero Amaral Vieira. Às minhas professoras, professores, e funcionários da Unimep. Às minhas amigas e amigos. À Capes.

## RESUMO

O objeto de investigação desta tese – Manuais de civilidade, modelos de civilização – foi definido e construído a partir dos estudos interdisciplinares priorizando as áreas da história da educação e da sociologia figuracional de Norbert Elias, com destaque para as relações sociais e para as práticas culturais. O objetivo geral do presente trabalho foi analisar as percepções e composições do feminino produzidas no manual de boas maneiras da escritora alemã Sophie Christ, investigando como a educação de meninas e moças normatizava as práticas femininas dentro do espaço público e privado. Para realizar esta investigação, a pesquisa relacionará, por meio da trajetória de alguns dos principais manuais de civilidade da história do mundo ocidental, os códigos de boas maneiras aos modelos civilizatórios almejados pelo mundo ocidental do século XVI ao XIX. Seguindo essa trajetória, o estudo demonstrará o caminho do objeto de pesquisa. Por intermédio do Pe. Arnaldo Janssen da congregação do Verbo Divino, um grupo de missionárias alemães, denominadas Servas do Espírito Santo, instala-se no Brasil em meados de 1902 para fundar escolas femininas e afirmar seus ideais católicos. Como suporte para sua atuação, o grupo instituiu o manual de Sophie Christ em suas práticas educacionais. Este trabalho analisará o manual de civilidade, com a finalidade de evidenciar as figurações sociais, os comportamentos femininos e o equilíbrio de poder entre os indivíduos dentro do espaço público e privado. A escolha desse manual justifica-se por ser um dos veículos de instrução de modelos civilizatórios, entre tantos outros impressos trazidos por viajantes europeus. A delimitação espaço-tempo será estabelecida basicamente no entre os anos de 1889 a 1922, período em que o manual foi produzido e posteriormente alterado, além de também estar relacionado à fundação da congregação feminina na Holanda/Alemanha. Sendo assim, a tese aqui defendida é de que o manual escrito por Sophie Christ, em seus preceitos e regras sociais, foi determinante para práticas femininas tanto na Alemanha quanto no Brasil.

**Palavras-Chave:** Manuais; Civilidade; Educação Feminina

## ABSTRACT

The research object of this thesis - Manuals of civility, models of civilization - was defined and constructed from the interdisciplinary studies prioritizing the areas of the history of education and figurative sociology of Norbert Elias, with emphasis on social relations and cultural practices. The general objective of the present work was to analyze the perceptions and compositions of the feminine produced in the manual of good manners of the German writer Sophie Christ, investigating how the education of girls and young women, normalized the feminine practices within the public and private spaces. In order to carry out this study, the research will relate, through the trajectory of some of the main manuals of civility in the history of the Western world, the codes of manners to the civilizing models sought by the Western world from the sixteenth to the nineteenth century. Following this trajectory, the study will demonstrate the path of the research object. Through Fr. Arnaldo Janssen of the congregation of the Divine Word, a group of German missionaries called Servas do Espírito Santo, settled in Brazil in mid-1902 to found women's schools and affirm their Catholic ideals. As a support for their performance, the group instituted Sophie Christ's handbook in their educational practices. This work will analyze the manual of civility, with the purpose of highlighting the social figurations, the feminine behaviors and the balance of power between the individuals within the public and private space. The choice of this manual is justified by being one of the vehicles of instruction of civilizational models, among many other printed ones brought by European travelers. The space-time delimitation will be established basically between the years 1889 to 1922, when the manual was produced and later changed, as well as being related to the founding of the female congregation in the Netherlands / Germany. Thus, the thesis here is that the manual written by Sophie Christ, in her precepts and social rules, was decisive for feminine practices both in Germany and in Brazil.

**Keywords:** Manuals; Civility; Women's Education

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
 <b>CAPÍTULO I</b>	
<b>A CIVILIDADE E A EDUCAÇÃO NOS MANUAIS DE CONDUTA</b> .....	<b>19</b>
1.1 A Civilidade em Norbert Elias.....	21
1.2 Manuais de civilidade e boa conduta como fonte.....	30
1.3 Manuais de civilidade e boa conduta como fonte no Brasil.....	48
 <b>CAPÍTULO II</b>	
<b>O MANUAL DE “CONDUTA DA JUVENTUDE FEMININA DE SOPHIE CHRIST”</b> .....	<b>60</b>
2.1 A presença de ordens religiosas no Brasil .....	61
2.2 A visão do outro .....	65
2.3 O trajeto do manual de Sophie Christ .....	67
2.4 “Jeito de mulher” e “jeito de freira”: as servas no Brasil .....	71
2.5 O mundo de Sophie Christ .....	90
 <b>CAPÍTULO III</b>	
<b>A MOCINHA DA IGREJA, DA CASA E DA RUA: AS PRESCRIÇÕES DE CHRIST</b> .....	<b>101</b>
3.1 Da igreja para casa mocinha!.....	109
3.2 Mocinha, o trabalho a espera!.....	115
3.3 Volta aqui mocinha! Da casa, da escola para rua .....	121
3.4 Corpos Perambulantes: as performances na rua para Christ .....	126
3.5 As práticas corporais e a adequação à rua para Christ.....	132
3.6 Christ e o pensar em si e nos outros.....	137
<b>4 CONCLUSÕES</b> .....	<b>142</b>
<b>5 FONTES</b> .....	<b>150</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>152</b>



Não discuto com os deuses, mas é digno  
de lástima o destino das mulheres.  
O homem manda no lar como na guerra, e, no estrangeiro, sabe achar  
o modo de tirar-se de apuros. Alegria lhe coroa  
sempre a vitória. Uma gloriosa morte  
proporciona-lhe o fado. Todavia,  
quão estreita é a ventura feminina!  
(Goethe)<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

A epígrafe acima nos remete ao texto de Goethe e apresenta-nos o objeto, o tema e o interesse da investigação que nos moveu até o presente momento. Porém, é fruto de uma pesquisa iniciada no processo de formação e qualificação desde o mestrado<sup>2</sup> e que nos colocou em contato com a temática.

A intenção de empreender esta tese originou-se a partir de uma inquietação sobre dois manuais trazidos pela congregação católica Servas do Espírito Santo, fundada em 1896, em Steyl – Alemanha, pelo Pe. Arnaldo Janssen. Esta congregação chegou ao Brasil em 1902 e fundou escolas nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, São Paulo e Santa Catarina.

No processo de implantação e edificação de seus colégios no Brasil, as freiras produziram uma vasta documentação, entre crônicas e cartas que fornecem ricas fontes em que é possível perceber as bases da construção de uma rede religiosa e educativa pela qual circularam práticas de como rezar, pregar, educar, formar, civilizar, habitar, bordar, cantar, cozinhar. Tais formas prescritas em discursos relacionavam-se à educação da mulher e às práticas de civilidade, como é o caso das práticas de etiqueta para conter e refinar comportamentos.

Parte da documentação levantada e analisada no período da realização da pesquisa de mestrado, indicavam o uso de dois livros que foram escolhidos pelo fundador desta congregação, Pe. Arnaldo Janssen – como conteúdo das aulas de etiqueta. Ressaltamos que, naquele momento, o enfoque da pesquisa

---

<sup>1</sup> Obra *Ifigênia*, foi escrita por Goethe em 1786. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) é considerado representante da *intelligentsia* burguesa alemã.

<sup>2</sup> Dissertação de Mestrado intitulada “*Educação e Civilidade: O discurso da ordem missionária Servas do Espírito Santo (1907-1955)*” defendida no Programa de Pós-graduação da UNIMEP, em 2007, sob orientação do prof. Dr. Ademir Gebara. A pesquisa analisou os projetos civilizadores e, a cultura escolar propalada pelo colégio Nossa Senhora de Belém fundado por religiosas no município de Guarapuava/PR.

era outro, mas despertou-nos o interesse em, mais tarde, procurar tais manuais e aprofundarmo-nos no estudo. A saber: O Manual de Sophie Christ, de 1889, *Taschenbüchlein des Guten Tones: Praktische Anleitung über die Formen des Anstandes für die Jugend weibliche*<sup>3</sup>, e o manual *Die Höflichkeit: Zwanzig Konferenzen, den Zöglingen des Bischöflichen Konviktes zu Luxemburg gehalten*<sup>4</sup> – escrito por J. B. Krier de 1899.

Nesta nova pesquisa, enfocamos, como objeto de investigação, os manuais de civilidade, especialmente o intitulado *A conduta da juventude feminina* da escritora alemã *Sophie Christ (1889-1922)*. Com o objetivo de avançar a reflexão acerca da constituição de um processo civilizador, posto em curso por modelos trazidos da Europa e que circularam no âmbito da educação brasileira no início do século XX.

Por meio desse manual, buscaremos indícios que demonstram práticas de sociabilidades, ou seja, os conselhos e regras voltadas a uma boa educação, elementos que evidenciariam uma pessoa “bem-educada”. Assim, a proposta desta tese foi analisar as percepções e composições do feminino produzidas no manual de boas maneiras de Christ, investigando como a educação de meninas e moças normatizava as práticas femininas dentro do espaço público e privado, e de como algumas condutas foram sendo perpetuadas e outras alteradas à medida que os processos relacionais foram se transformando ao longo do processo histórico.

Quando nos propusemos abordar o manual de Sophie Christ, sabíamos dos obstáculos a serem enfrentados na pesquisa. O primeiro deles foi em relação à aquisição do livro, pois não havia no Brasil. Nesse sentido, a busca foi realizada em sites de sebos literários e bibliotecas pela Europa, bem como pessoas que pudessem adquiri-lo e enviá-lo ao Brasil. Encontramos dois manuais com edições diferentes, um de 1889 - 3<sup>o</sup> edição - e outro de 1922 com a revisão e ampliação do conteúdo sobre o trabalho feminino.

Após a aquisição dos dois manuais, o segundo momento foi com relação à tradução do livro escrito em alemão gótico. Mesmo morando em um lugar que possui uma colônia de alemães, poucas pessoas têm conhecimento sobre a

---

<sup>3</sup> *Livrinho de Bolso de Boas Maneiras sobre Orientações Práticas Sobre a Conduta da Juventude Feminina.*

<sup>4</sup> *Conferências, aos alunos da Konviktes Episcopais realizadas no Luxemburgo.*

escrita gótica. Diante dessa situação, o manual levou cerca de um ano até ser traduzido

Após vencer esses dois obstáculos, o terceiro problema foi encontrar dados sobre a autora. Essa busca ainda continuou até os últimos instantes na escrita deste trabalho, porém sem sucesso. Desse modo, tivemos que nos contentar com apenas uma biografia sobre Sophie Christ, e nela buscar indícios das experiências de vida que a levaram a escrever um manual de boas maneiras dedicado às meninas e jovens alemãs.

A partir desse material escasso, buscamos as relações sociais das quais Christ participou, desejando compreender as percepções e composições do feminino pela sua escrita no manual, averiguando como se davam algumas práticas corporais femininas do período e como normatizava a educação de meninas/mulheres.

Estudos mostram que esses manuais, assim como o de Christ, foram difundidos por diversos grupos sociais, bem como por ordens e congregações religiosas, em diferentes períodos históricos, como também pela Congregação Missionária Servas do Espírito Santo. Nesse sentido, asseguramos que os manuais de boas maneiras e de etiqueta são produtos de inúmeras experiências que foram criadas e compartilhadas socialmente, e localizadas dentro de um tempo e do espaço.

A primeira premissa aqui posta é a que tais manuais fizeram parte de um programa de civilidade em que a internalização de regras de comportamento e boa conduta influenciou os modos de ser nos processos de formação individual e coletivo, dentre outras formas empregadas. Outra premissa, é de que esse tipo de manual foi fundamental para criar modelos de formação para meninas e moças de diferentes regiões do Brasil, difundidos nas escolas fundadas pela congregação missionária, com a intenção de internalizar comportamentos e equilibrar as tensões e conflitos entre elas. Ressaltamos que foi um processo de conformação social a partir das práticas religiosas e educacionais empregadas, embora as práticas de uso guardassem as devidas diferenças entre estados e contextos institucionais.

Muitos impressos circularam no Brasil, trazidos de outros lugares, mas com o mesmo objetivo o de conformar comportamentos e suavizar os modos, trazer a civilidade. Para Rainho (1995, p.140) boas maneiras, tratados de

cortesia e de civilidade, regras de etiqueta, guias do bom tom, são elementos que compõem, a *literatura de civilidade*. Nesse sentido, aponta-se a vitalidade desse material como fonte que dialoga com a intenção desta tese.

Compreendemos que este campo de pesquisa ainda é pouco estudado no Brasil, pois poucos são os pesquisadores que se debruçam a desvelar os manuais e analisá-los como objeto de verificação nas mudanças nos regimes de costumes e regulação das emoções, ou seja, da disciplinarização à informalização das boas maneiras, uma vez que, mesmo no século XXI, esse tipo de literatura ainda é produzido para garantir os protocolos sociais.

Nesse sentido, muitas pesquisas ainda evidenciam os manuais como referências às mulheres e seus comportamentos, colocando-as sempre em submissão, deixando assim de examinar o equilíbrio dessas redes que se tornaram mais tensas ao longo do processo civilizador.

Outro aspecto fundamental é que, para a História da Educação, os manuais têm fator preponderante como fonte de pesquisa, ao se considerar que a circulação dos manuais de boas maneiras, nos espaços escolares, marcam significativamente o que a sociedade considerava importante que meninos e meninas deveriam saber naquele momento. Assim, os manuais tornam-se rica fonte de pesquisa, pois neles encontram-se as mais diversas figurações de análise, como a família, os filhos, a escola, empregados, e, dentro desses grupos, encontram-se seus desdobramentos. Essa rede que os manuais desencadeiam com seus propósitos e regras de boas maneiras estendem-se em várias direções, por isso há muitas outras possibilidades de investigação.

Assim, ao buscarmos autores que já desenvolveram pesquisas sobre esses impressos e que mapearam alguns desses tratados, pensamos ser oportuno avançar na linha temporal, para evidenciar outros manuais que, no decorrer da nossa pesquisa, foram emergindo. Salientamos que não foram fonte de análise, porém lançamos a possibilidade de pesquisas posteriores.

Nesse sentido, ao rastrear alguns desses manuais, Maria Tereza Santos Cunha (2010a) com o seu projeto de pesquisa “Tenha Modos! *Educação e sociabilidades em manuais de civilidade e etiqueta (1845-1960)*”, da Universidade do Estado de Santa Catarina, evidencia e preserva inúmeros impressos que tiveram uma ampla circulação nas escolas do sul do país.

Desses manuais, que fazem parte do acervo do Museu da Escola Catarinense e que tiveram também uma ampla circulação em diferentes regiões do Brasil, o mais famoso, identificado por Cunha (2006), é o *Código do bom tom*, de J.I. Roquette, além do *Tratado de civilidade e etiqueta*, de autoria da Condessa de Gencé, editado em Portugal, em 1909, e que, em 1951, já se encontrava na 14ª edição. De acordo com esta pesquisadora, este foi um dos manuais mais conhecidos e utilizados em Escolas Normais, especialmente em Santa Catarina.

Os manuais são considerados por Cunha (2006, p. 352) como “vetores de sistemas de valores, ferramentas para a consolidação das formas e dos códigos morais e sociais”, descrevem e inscrevem nos indivíduos o que é ser civilizado. Rainho (2007) indica que o manual mais antigo encontrado por ela foi *Escola de política, ou Tratado prático da civilidade portuguesa*, de D. João de Nossa Senhora da Porta Siqueira, com primeira edição em 1814, em Lisboa.

Além desses, outros manuais circularam no Brasil, de acordo com as pesquisadoras Zchwarcz (1998); Rainho (1995; 2002); Cunha (2006); Leão (2007). Podem-se citar: o *Novo manual do bom-tom* (1900), de Luís Verardi; *Entretenimentos sobre os deveres da civilidade colecionados para o uso da puerícia brasileira de ambos os sexos* (1875), de Guilhermina de Azambuja Neves; Evidenciamos também, as *Noções de civilidade e higiene corporal para o uso das crianças no lar e nas escolas primárias* (1918), do clérigo José Sotero de Sousa; *O Livro das Donas e donzelas* (1906) e *Maternidade* (1925), ambos de Julia Lopes de Almeida; *Pequeno manual de civilidade para uso da mocidade* (1932), o autor não identificado; *Boas maneiras, manual de civilidade* (1936), de Carmem D’Avila.

Vale registrar que, na apresentação do guia de Guilhermina de Azambuja Neves, José Manoel Garcia, professor do Colégio Pedro II, faz referências a outros manuais que eram lidos:

mas daquellas mesmo, taes como a Escola de Política, o Manual de Civilidade e Etiqueta, o Código do Bom Tom, o Manual de Civilidade Brasileira, o Novo Código do Bom Tom, os Elementos de Civilidade por Prévoste, não vejo uma só que esteja no caso de considerar-se adaptada à capacidade dos meninos e meninas que frequentam nossas escolas publicas primarias, já por serem nimiamente diffusas, já por usarem de um estylo elevado em que traçam preceitos que mais convem a adultos do mundo elegante (NEVES, 1875, p.129-130).

No levantamento da pesquisa, encontramos ainda: O *Compêndio de Civilidade*, escrito em 1916 e que, em 1946, contava com 12 edições pela livraria e editora Salesiana, o que revelava sua ampla circularidade, destinado a alunos de colégios e aos jovens filhos de família católicas. Também o livro, *Não faça isso! Código de boas maneiras*, de Jacqueline Autant, de 1960, e o manual *Boas maneiras*, de Iside M. Bonini, obra que é dividida em dois tomos: I (*em Família*) e II (*em Sociedade*), escrito em 1963. Muitos desses manuais de etiqueta, bem como outras coleções da “Boa literatura” ou “Biblioteca do lar”, como foi enquadrada a obra de Iside Bonini, foram destinados especialmente à formação das mulheres.

Do *Pequeno manual de civilidade*, produzido em 1932 destaca-se por ser destinado especialmente aos homens, uma vez que as imagens, sem exceção, que o ilustram, figurativizam homens, em festas, na igreja, à mesa, em passeios nas ruas, em carros e com os filhos.

Cunha (2010a) enfatiza que muitos manuais compunham o acervo e o currículo das escolas normais, enfatizados nas aulas de Economia Doméstica, Educação Moral e Cívica, e Higiene. No período dos anos 1920 e 1930, pais, maridos e “boas mães” desempenharam a função de adquirir esses livros e de ofertá-los desde muito cedo principalmente às meninas/jovens e às mulheres como sendo imprescindível à boa educação.

Outro ponto importante a ser destacado é que muitos desses livros eram escritos por homens, que assinavam os textos de autoria com pseudônimo de mulheres, inferindo, de alguma forma, a conduta do que seria correto a elas no seu modo de se comportar em sociedade, bem como uma forma de aproximação com o público alvo, que seriam as mulheres. Como exemplo, destacam-se os romances M. Delly (Madame Delly), codinome utilizado pelos irmãos franceses Frédéric Henri e Jeanne-Marie Petitjean de La Rosière, que nasceram na década de 1870 e faleceram em meados de 1940. No Brasil, esses romances de M. Delly tiveram uma expressiva difusão entre as jovens no período de 1930 a 1960. Os escritos de M. Delly também compunham a Biblioteca das Moças, entre outras coleções do acervo das escolas normais do país.

Ao apresentarmos esses manuais, ainda verificamos outras pesquisas que têm como fonte a discussão sobre manuais de civilidade e etiqueta. Fizemos um levantamento no banco de teses e dissertações da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, entre os anos 2007 a 2016. Na consulta parametrizada de investigação, utilizamos as palavras-chave *manual, civilidade, etiqueta, modos e comportamento*. Muitos títulos se utilizam de outras palavras, tornando complexo identificar e evidenciar outras pesquisas. A busca por estes elementos concentrou-se na área da Educação, ainda que as áreas de Sociologia, História, Ciências Sociais, Artes e Letras, pudessem ter ampliado o campo da pesquisa. Porém, houve necessidade de delimitar a área de concentração. Sendo assim, as pesquisas levantadas referenciam de alguma forma os manuais de comportamentos.

Sendo assim, encontramos 12 trabalhos. Nesses estudos, muitos impressos misturam-se, ora sendo manuais pedagógicos, cartilhas, revistas, almanaques e outros impressos, bem como, citações de outros trabalhos, que têm como referência os manuais até aqui expostos. Com exceção de quatro trabalhos que destacam outros manuais: a tese de Raimunda Dias Duarte intitulada *A ordem de educar meninos na Amazônia paraense: uma análise discursiva da obra ‘Compendio de civilidade cristã’, de Dom Macedo Costa (1880 a 1915)* pela Universidade Federal do Pará, em 2015; a tese de Evelyn de Almeida Orlando, *Educar-se para educar: o projeto pedagógico do monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964)*, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, defendida em 2013; a dissertação de Kaline Gonzaga Barbosa intitulada *Leituras das regras de escrita de cartas: manual epistolar novo secretário português ou código epistolar como dispositivo de formação pedagógica*, pela Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa em 2015, e a dissertação de Tamara Regina Reis Sales sob título *O Almanaque do bom homem Ricardo: práticas educacionais norte-americanas e sua circulação no Brasil oitocentista*, defendida na Universidade Tiradentes, em 2014.

Ao apresentar essas produções, como dito, não se tem a intenção de analisar os dados coletados, mas dar visibilidade às pesquisas que se debruçaram sobre o tema até aqui, bem como dar possibilidade a outras investigações. Salientamos que, ao expor essas pesquisas com alguns exemplos da utilização dos manuais como fonte, podemos afirmar que serviram como referências de um balanço sobre a temática e períodos anteriores de nossa pesquisa.

Outro aspecto relevante, que não pode ser desconsiderado, mesmo que, na maioria, tenha-se utilizado de manuais anteriormente já explorados, refere-se à importância e à contribuição desses trabalhos acerca dos modos como essas fontes foram sendo ressignificadas, ou seja, valeram-se da reinterpretação astuta e criadora de quem os leu, pois as representações culturais e sociais oriundas dessas leituras estão longe de possuir uma ação planejada, ou apenas um sentido, e sim, uma pluralidade de significações, pois “o texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça” (CERTEAU, 1998, p. 267).

Assim sendo, dos trabalhos levantados, especialmente as teses, nenhuma partilha do que desenvolvemos. A que um pouco se aproxima em termos de referencial teórico seria a tese de Sandra Cristina da Silva, *Guiando Almas Femininas: A educação protestante da mulher pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte de 2013*. Porém a pesquisa está voltada especificamente sobre a circulação dos impressos (jornais) e também não se configura dentro de uma perspectiva de análise relacional em Norbert Elias.

Afirmamos que todos esses manuais de civilidade indicados nos fornecem inúmeros aspectos de análise, e permite ver o lugar de determinados indivíduos nas configurações que participavam, assim como, o manual de Sophie Christ.

Diante disso, consideramos a distinção desse estudo, em primeiro lugar por investigar uma obra pouco analisada, (aqui no Brasil, é a primeira pesquisa). Afirmamos isso devido aos cinco anos de estudos vasculhando sites, bibliotecas online europeias, especialmente alemãs, enviando e-mails a jornais e pessoas para saber um pouco mais sobre a vida e a obra de Christ. O outro aspecto foi que, desde o início da pesquisa, queríamos fugir dos modelos que apresentam os manuais femininos numa perspectiva que colocam as mulheres em condições de submissão, como tantas outras pesquisas com manuais, ou de um trabalho específico sobre gênero. Assim tratamos de alguns aspectos a partir da balança de poder nessas relações, entretanto sem desconhecer as condições históricas hierárquicas que compõem a história das mulheres. Nesse sentido, buscamos evidenciar alguns elementos que colocaram a mulher em certos modelos que demonstraram a internalização de comportamentos numa perspectiva psicogenética e sociogenética – com olhar voltado para o escrito da autora em destaque – permitindo observar tempo e espaço, entre o público e o privado nos



quais mulheres, como ela, utilizaram-se de práticas corporais para fazer frente a esses lugares de internalização de comportamentos.

Assim, questiona-se como se deu e quais as características e preocupações que apresentam os códigos prescritos nos manuais de conduta para essa educação, e também como tais códigos de sociabilidades deram respostas aos interesses da educação feminina do período. Pergunta-se, finalmente, como a educação feminina, pautada na utilização do manual para o processo de conformação das condutas, foi utilizada para constituição de práticas femininas de civilidade.

Para responder a essas e outras indagações, debruçamo-nos nos diferentes manuais de civilidade que circularam no período, destacando suas concepções de civilidade e conduta, mas, de modo particular, no manual de Christ. A delimitação espacial e temporal da pesquisa está situada entre os anos de 1889 a 1922 e se justifica por apresentar o período em que o manual é publicado pela primeira vez e ampliado em 1922, e também por evidenciar a constituição da congregação<sup>5</sup> missionária, ainda na Holanda e Alemanha, e posteriormente o desenvolvimento da missão no Brasil.

A opção teórica/metodológica desta pesquisa fundamenta-se na perspectiva de análise processual proposta por Norbert Elias (1994a; 1994b; 1993; 1997; 2001a, 2001b, 2003), procurando caracterizar os processos civilizatórios de formalização dos costumes, a partir de reflexões sobre a constituição dos códigos de boas maneiras inscritos nos textos dos modelos civilizatórios.

Com Elias, dialogamos com os conceitos de *configuração* e *interdependência*. As figurações compreendem as organizações sociais – como famílias, Estado, igreja, escolas, cidades ou grupos sociais – como foram sendo formadas pelas relações de interdependência entre os indivíduos. Bem como os

---

<sup>5</sup> Utilizarei o termo *congregação* para denominar o grupo das religiosas, mesmo sabedora da mudança no código em, 1983, em que a denominação canônica ordem ou congregação passou a ser utilizado sem diferenciação. “Hoje do ponto de vista jurídico, tanto as ordens como as congregações são igualmente definidas como “Institutos de Vida Consagrada”. Há as ordens mais antigas e tradicionais, com vida comunitária de clausura: beneditinos, agostinianos, carmelitas, cistercienses, premonstratenses, etc. (sem esquecer aquelas que, além da clausura, optam por uma vida de silêncio, quase eremítica, como os trapistas e cartuxos). Há as intermediárias, como os franciscanos, dominicanos e jesuítas. Já as congregações são inúmeras (só no séc. XIX foram fundados 625 novos institutos!). Algumas são inspiradas nas ordens e conservam certa ligação com estas, como as várias congregações da família carmelitana” <https://catolicosnarede.wordpress.com/2008/01/11>.

conceitos de *Psicogênese* e *Sociogênese*, no intuito de verificar como foram compondo algumas estruturas do universo social feminino.

Pensar sobre as relações sociais e a formação de comportamentos das mulheres dentro das análises eliasianas é assumir o desafio como pesquisadora, pois os aspectos históricos/sociológicos abordados por Elias trazem uma perspectiva em torno do equilíbrio de poder entre homens e mulheres que foram se estabelecendo ao longo da humanidade. Ao avançar nessa concepção, refletimos como os comportamentos controlados e autocontrolados, institutos dentro do espaço público e privado influenciaram na composição do feminino, permeados pelas redes de relacionamento, seja pela figuração da família, da igreja, da escola, e de outros pares dentro dos grupos sociais, seja pelas suas relações de poder, contidas na civilidade de emoções e sentimentos.

Nesse sentido, a educação civilizadora é pautada na conformação de comportamentos sociais; ou seja, quanto mais os indivíduos se educam, mais tornam-se capazes de controlar seus impulsos, suas emoções. Sendo assim, a habilidade de conviver em sociedade torna-se mais fácil. Em outras palavras, na medida em que o homem se educa, torna-se capaz de controlar seus impulsos, suas paixões, e assim, a convivência em sociedade é facilitada.

E, ainda para compor este trabalho, foram utilizados outros teóricos – Burke (1997) Le Goff (1995), Revel (2009), Certeau (1998; 2015) – da História Cultural que permitem avançar no diálogo com estudos e pesquisas com manuais como fontes.

Assim, esta tese foi estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo foi feita uma abordagem acerca da constituição da pesquisa desenvolvendo os conceitos de civilização, cultura, cortesia e civilidade a partir da noção de processo civilizador formulado por Norbert Elias. Destacamos o movimento de transformação social pautado pelo surgimento dos manuais de civilidade e a sua utilização como estratégia e mecanismo social de construção de comportamentos e atitudes. Evidenciamos ainda, como a apreensão de códigos e modos mais civilizados permitiram a contenção dos comportamentos, ou seja, a suavização dos costumes, que, no dizer de Elias, seria a “cortenização do guerreiro”, no qual o processo de refinamento das condutas foi fundamental para o controle e autocontrole das emoções, e contenção da violência interna e externa.

Nesses processos de mudança, as mulheres estiveram presentes e foram essenciais, direcionando a constituição dos espaços de sociabilidade, como a igreja, a casa, a escola e as ruas. Por fim, abordamos a contribuição dos manuais como fonte para as pesquisas em História da Educação que permitiu a identificação das concepções sobre os processos civilizatórios em diferentes períodos, bem como a circulação desses ideais civilizadores e, no caso da pesquisa com manuais

No segundo capítulo será apresentada a constituição da congregação feminina alemã Servas do Espírito Santo, ainda na Holanda/Alemanha, e a chegada no Brasil, e a fundação de suas escolas. Essa abordagem se fez necessário para mostrar as redes de interdependência que se deram para entender o percurso e “necessidade” do manual de Sophie Christ. Em seguida, apresentamos a documentação principal da pesquisa, o manual *Conduta da juventude feminina*, livro de bolso escrito por Sophie Christ, selecionado pelo fundador da congregação para que as irmãs aqui no Brasil pudessem utilizá-lo em suas aulas.

Esse manual, escrito em alemão gótico, foi lançado em 1889 e teve 13 edições até 1922. Utilizamos para análise a 3ª edição de 1889, adquirida em um sebo literário na Alemanha, traduzido por Sara Baldus<sup>6</sup>. O material se constitui em uma síntese de palestras sobre orientações práticas em etiqueta e bons modos exigidos pela sociedade alemã. Ao todo, conta com dezesseis prescrições, além das tradicionais regras de comportamento. O livro inclui os deveres junto a professores e superiores, a conduta na igreja, no lar, em relação aos empregados e deveres do amor ao próximo, entre outras orientações.

Nesse capítulo, ainda, apresentamos a biografia da escritora Sophie Christ. Destacamos que este é um documento raro e pouco pesquisado, sendo um processo difícil encontrar indícios sobre a autora. Pesquisamos informações por meio de contatos com pessoas e instituições na Alemanha e localizamos somente dois relatos sobre a vida da escritora: um de Marlene Hübel – *Die heitere würde der persönlichkeit* – A alegre dignidade da personalidade –, e uma

---

<sup>6</sup> Sara Baldus é formada em letras, tradutora de materiais técnicos da indústria em geral, medicina, informática e outras áreas (4 décadas de trabalho). Traduziu livros de historiografia publicados pela Editora Unicamp, Editora Vozes e para o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Entre algumas traduções está *Allgemeine Geschichtswissenschaft* (Princípios Gerais da Ciência Histórica), de Johann Martin Chladenius, 1752, editado em 2013, pela Editora Unicamp.

coletânea sob o título *Blick auf Mainzer Frauengeschichte Mainzer Frauenkalender 1991 bis 2012 Ein Lesebuch* – Um olhar sobre as Histórias das mulheres de Mainz 1991 a 2012, em que a escritora aparece entre mulheres em destaque na Alemanha. As biografias foram traduzidas por Andrea Kreuzcher.<sup>7</sup>

No capítulo três, analisamos o referido manual dando ênfase ao conceito de formalização dos costumes e na identificação de como aparecem, na escrita de Sophie Christ, a forma de construção dos modos e formas de perceber e conceber a sociabilidade feminina dentro do espaço público e privado. Assim, analisamos os espaços da igreja, da casa e da rua. Procuramos desenvolver cada figuração de uma forma isolada, porém sem perder a relação entre elas. Optamos por essa forma didática na escrita do texto para que fiquem claras as especificidades tanto da noção de processo, quanto da noção de figuração, bem como da maneira que se dão interdisciplinarmente.

---

<sup>7</sup> Aluna do 5º período do curso de pedagogia da Faculdade Guairacá – filha de imigrantes alemães, que se estabeleceram no início do século XIX em colônias do interior de Guarapuava-PR.

## CAPÍTULO I

### A CIVILIDADE E A EDUCAÇÃO NOS MANUAIS DE CONDUTA

Retoma-se aqui a epígrafe inicial da obra de Goethe, em que o filósofo apresenta sua personagem feminina. Sophie Christ, a utiliza não somente como a inspiradora da fonte na construção de seu manual, mas como referência ao lugar da mulher no processo de civilização das maneiras e dos costumes na longa duração histórica.

Ao tomar Ifigênia em seu manual de etiqueta, percebemos como as mulheres podem, por meio da emoção e fragilidade, tornar estes atributos fortes, transformando-os em persuasão e convencimento, a partir do uso da linguagem e da razão. Assim, o tempo em que Ifigênia sofre ao ser submetida à prisão, mantém a esperança na mudança nos comportamentos de homens e deuses. Em um tempo longo e incerto, Ifigênia consegue. Sophie, por meio de seu escrito mostra esta condição feminina frente ao universo masculino, regido por leis patriarcais, por um lado e por outro, mesmo indicando o lugar da mulher, deixa implícito que as palavras e as ações dos homens, podem ser transformadas, ao abrandar o uso da força e da valentia.

Portanto, a obra Ifigênia de Goethe escrita entre 1779 e 1787 emerge da impressão que o pensador teve quando se deparou com o quadro de Santa Ágata<sup>8</sup>, de Rafael, em Bolonha, durante uma viagem à Itália. Goethe permaneceu no país entre 1786 e 1788 e, com seu olhar atento e crítico, observou as pessoas, os lugares, as paisagens e suas obras de arte, elementos que deram subsídios para posteriormente escrever a obra *Viagem*. “A primeira parte de sua *Viagem* foi publicada em 1816, reunindo o ‘Diário de viagem’; (...) a segunda parte, em 1817, (...) a terceira parte, publicada apenas em 1829, foi dedicada à segunda estada em Roma, entre junho de 1787 e abril de 1788” (ANDRIOLO, 2011, p.115).

Em seus relatos, Goethe enfatiza que a figura da Santa Ágata teria lhe deixado marcas, e foi a partir dela que se inspirou na criação de Ifigênia, a heroína de seu drama. De modo puramente figurado, a obra de Goethe forneceu

---

<sup>8</sup> <http://santossanctorum.blogspot.com.br/search/label/santa%20agathagueda>.

uma prova bem acertada para o alto valor e o efeito que a virtude feminina produzia quando se manifestava por meio do diálogo. Esta seria a força visceral da mulher, da crença na justiça e na nobreza, enfim, a comunicação racional estaria em contraposição ao armamento bélico, à força e à bravura dos homens. Sua Ifigênia, uma releitura da obra de Eurípedes<sup>9</sup>, é dotada de sublimidade virginal e uma das figuras mais idealizadas e puras da antiguidade, antes jamais descrita por um poeta. Esta reserva e modéstia da juventude feminina certamente podem ser reunidas com aquela segurança e naturalidade afável e subordinada ao apresentar-se que são tão desejadas quanto necessárias para as relações sociais.

Ao tomar esta figura como representação de comportamento ideal, o poeta alemão acabou criando um modelo que acabou por refletir suas próprias formas, tornam-se fortemente internalizados pelos indivíduos e difundidos as gerações posteriores, com grande carga de influências próprias de cada período histórico. A sua visão de mundo está permeada pelas inquietações do final do século, quando, junto ao estrato superior nobre cortesão, passariam a concorrer os prósperos membros da burguesia alemã.

Assim, o conceito de civilidade surge como discussão para verificar os comportamentos sociais esperados. Goethe vai inspirar o manual escrito por Sophie Christ, ao referendar em sua Ifigênia um discurso que contrasta com práticas abusivas e violentas, indica as mudanças e as condições em que se constroem as práticas dos novos comportamentos e como estes são perpetuados e internalizados por grupos e indivíduos.

---

<sup>9</sup> **Eurípedes** (também grafado **Eurípedes**; do grego antigo: Εὐριπίδης) foi um poeta trágico grego, do século V a.C., o mais jovem dos três grandes expoentes da tragédia grega clássica, que ressaltou em suas obras as agitações da alma humana e em especial a feminina. Tratou dos problemas triviais da sociedade ateniense de seu tempo, com o intuito de moderar o homem em suas ações, que se encontravam descontroladas e sem parâmetros, pois o que se firmava naquela sociedade era uma mudança de valores de tradições que atingiam diretamente no modo de pensar e agir dos homens gregos.

## 1.1 A Civilidade em Norbert Elias

Os costumes, os hábitos, os critérios particulares variam segundo as sociedades, o tempo e o lugar. Entretanto, o que há de essencial no tratamento, na cortesia, nos modos e na expressão dos sentimentos pertence a todos: o saber conviver exige civilidade nas relações entre os indivíduos. Saber o que está acontecendo, saber o que fazer em determinada situação, como rituais de passagem, nascimento, casamentos, festas, celebrações religiosas, pressionam os indivíduos à previsibilidade de determinados gestos, a saber, posturas, sinais como o balançar a cabeça, o sorriso, o aperto de mãos, modos de levantar ou sentar na presença de uma liderança, palavras como “me desculpe” murmuradas ao esbarrar em alguém ou ainda “meus pêsames”, são sinais e convenções de cortesias acumuladas e repetidas durante séculos, que se tornaram marcas da vida civilizada.

Estas marcas também podem ser rastreadas a partir da difusão e sobrevivência dos livros sobre etiqueta que foram aparecendo durante o tempo. De materialidade histórica, documentam as mudanças que ocorreram no modo de se portar dos homens. A escritora Margareth Visser aponta que, desde o primeiro século antes de Cristo, já existiam escritos contendo preocupações acerca das boas maneiras *Li Chi, O Livro dos Rituais* chinês, compilado no primeiro século a.C, informa que, a “a ruína dos Estados, a destruição de famílias e dos indivíduos são sempre precedidas pelo seu abandono das regras de boas maneiras” (VISSER, 1998, p. 23).

Na capa de abertura do *Pequeno Manual de Civilidade para Uso da Mocidade*, escrito em 1932, cujo autor não aparece, tem duas frases: uma de Fénelon e outra de Leão XII. A frase de Fénelon consiste em que “é a virtude que gera a verdadeira cortesia”. E a do Papa Leão XIII infere que “a civilidade e a urbanidade nos costumes predispõem fortemente os espíritos para entender a sabedoria e seguir as luzes da verdade”. A obra ainda indica que “a civilidade se irmana com a civilização, ambas procuram suavizar os costumes humanos, tornar a vida mais agradável. A civilização é o fruto da inteligência, a civilidade é o fruto da boa vontade e do amor dos homens”. E citando Abel Bonnard, destaca que “A polidez é o cunho certo de uma civilização superior; ela apura os

sentimentos de amizade, substitui por uma luta de nobreza corretíssima o choque brutal dos ódios” (O PEQUENO MANUAL, 1932, p. 8-13).

Ao partir desses excertos, é possível entender que o conceito de civilidade é amplo e permite inúmeras definições. Civilidade<sup>10</sup> “deriva do étimo *civile*, todo aquele que habitava a cidade, ou *civitate*. A civilidade baseia-se na harmonia das relações humanas entre cidadãos, a partir de códigos de ética e de regras de conduta e mutualidade, de respeito”. E de acordo com dicionário Aurélio “1 - Modo de se corresponderem as pessoas bem-educadas. 2 - Cortesia; etiqueta”. No entanto, trabalharemos este conceito, a partir da obra e da perspectiva sociológica de Norbert Elias<sup>11</sup>.

Em seu livro *A Sociedade dos indivíduos*, Elias aponta que a compreensão das tensões estabelecidas entre os indivíduos e sociedade está nas bases da relação indivíduo e sociedade e que, para compreender este fenômeno, “é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções” (ELIAS, 1994b, p. 25), condição necessária para pensar mais adequadamente sobre o processo civilizador. Para Elias, a história humana “é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” que se relacionam continuamente “sem que seu rumo efetivo seja planejado ou sistematicamente executado por pessoas singularizadas” (1994b, p. 45).

Partindo do desenvolvimento de novos modos de vida como os apresentados por Goethe ao final do século XVIII, percebemos que Elias ao analisar a construção de um processo civilizador processual, na França,

---

<sup>10</sup> *civilidade* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2016-09-22 15:34:08]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$civilidade](https://www.infopedia.pt/$civilidade)

<sup>11</sup> Norbert Elias foi um sociólogo alemão, filho de judeus abastados, nasceu em Breslaw, em 22 de junho de 1897, e faleceu em Amsterdã, no primeiro dia de agosto de 1990. Sobre a vida acadêmica de Elias, iniciou em 1918, concomitantemente, seus estudos nos cursos de Medicina e Filosofia. Formou-se nos dois cursos, mas decidiu dar continuidade aos seus estudos em Filosofia. Sua obra é marcada pela influência da Medicina, assim sendo, oscilou entre a imagem filosófica e idealista do homem e a anatômica e psicológica, vendo o ser humano como fundamentalmente independente (ELIAS, 2001b). Mesmo com o título de doutor em filosofia, Elias não conseguiu o direito de ministrar aulas na universidade sendo interrompido pelo avanço do nacional socialismo alemão pelo qual foi perseguido por sua origem judaica. Sofreu com as diásporas e expulsões dos judeus na Europa na segunda Guerra Mundial e residiu na Inglaterra por muitos anos. Elias rompe com a filosofia por não acreditar nas concepções ontológicas marcadas pelo pensamento kantiano e cartesiano que concebe um indivíduo dotado de capacidade e aptidões inatas, ou seja, a ideia de um indivíduo desprovido da relação eu-nós, tão cara para o desenvolvimento de sua sociologia e se debruça aos estudos da sociologia pelo qual é conhecido atualmente. Sua obra é profícua, mas foi reconhecida tardiamente.



Inglaterra e na Alemanha, partiu de documentos empíricos utilizando manuais de civilidade. Sua tese demonstra as diferenças do significado conferido ao conceito de civilização no Processo Civilizador. Ao tomar países ocidentais, Elias propõe conexões entre estrutura social e os costumes no final do século XVIII, demonstrando que a burguesia alemã tentaria definir para si referenciais de “excelência social” (Kultur) em contraposição ao “modo de vida cortesão” (*Zivilisation*) (ELIAS, 1994a).

Para Elias na França e Inglaterra, o conceito (*Zivilisation*) significa o progresso da humanidade, algo que se movimenta incessantemente “para frente”. O significado de civilização para ingleses e franceses também “inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista”. O conceito ainda se refere a atitudes e comportamentos dos indivíduos “pouco importando se realizaram ou não alguma coisa” (ELIAS, 1994a, p.24).

Para a Alemanha, (Kultur), que é uma palavra restrita a esta sociedade, possui características extremamente singulares, e se constitui em orgulho das próprias realizações, algo de fato útil, como nas obras de arte, livros, sistemas filosóficos e religiosos. No conceito de Kultur há uma relação diferente com o movimento, “que descreve o caráter e o valor de determinados produtos humanos, e não o valor intrínseco da pessoa” e ao mesmo tempo “dá ênfase especial a diferenças nacionais e à identidade particular de grupos (ELIAS, 1994a, p.24-25). Ressalta-se que o conceito tanto para franceses, ingleses quanto para os alemães, são definições claras no emprego interno da sociedade que pertencem.

Elias, ao estudar histórica e sociologicamente a sociedade de corte, expôs as transformações das estruturas sociais e de personalidade, e como essas evoluíram e modificaram a vida do homem. Aspectos que foram retratadas na obra *O processo civilizador* (1939). A obra divide-se em dois volumes: o primeiro, intitula-se, *Uma história dos costumes*, centraliza-se especificamente nas mudanças nas emoções, no controle do comportamento e contenção da violência se constituindo em processos direcionados pelas redes de interdependência entre os indivíduos e as configurações das quais fazem parte.

Nesse sentido, o livro revela que as ações humanas não são naturais e sim construídas socialmente, ou seja, quanto mais o homem se civiliza mais o

controle e autocontrole de suas emoções aumentam. Dessa forma, as atitudes, os comportamentos e a relevância social das boas maneiras incidem em uma carga psíquica, em que se faz crescer o controle dos sentimentos individuais que podem ser descobertos na conduta cotidiana.

Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. Isso tudo certamente não resulta de uma ideia central concebida há séculos por pessoas isoladas, e depois implantada em sucessivas gerações como a finalidade da ação e do estado desejados, até se concretizar por inteiro nos 'séculos de progresso'. Ainda assim, embora não fosse planejada e intencional, essa transformação não constitui uma mera sequência de mudanças caóticas e não estruturadas (ELIAS, 1993, p. 193-194).

Com relação ao segundo volume, *Formação do Estado e Civilização*, são tratados os problemas pertinentes às relações entre as mudanças nas estruturas da personalidade com as mudanças sociais, os modos como estas interferem socialmente na formação da sociedade de corte. Ao apresentar a organização social da corte, Elias aponta as formas como ela está diretamente relacionada ao lento processo de formação do Estado Moderno, em que o poder em torno do rei veio acompanhado por formas civilizadas das pulsões e dos comportamentos das classes superiores e que foram normatizadas em manuais de civilidade que têm sua existência desde o século XI (ELIAS, 1993).

Nesse sentido, Elias (1994a) constrói a teoria do processo civilizador ao apontar os conceitos de sociogênese e psicogênese como o cerne da sua argumentação que envolve conceitos de *civilização* e *cultura*. Para Elias, o conceito de sociogênese, a grosso modo, refere-se às mudanças gerais e de longa duração sofridas e construídas pela sociedade, que se originam socialmente. Na gênese destas mudanças está a necessidade de um processo de longa duração e de mudanças nas estruturas da personalidade dos indivíduos que, por sua vez, necessitam absorvê-las. Portanto, as mudanças sociais ao serem internalizadas e absorvidas na psique dos indivíduos se transformam em comportamentos sociais aceitáveis permitindo a inserção dos indivíduos e grupos sociais.

Tal discussão é importante, pois vamos tratar de conceitos de cultura e civilização para um determinado grupo de indivíduos, qual seja, crianças, adultos, jovens e religiosas. Especificamente as missionárias da ordem Servas do Espírito Santo, de origem alemã, e que pautaram suas práticas educativas por manuais de civilidade acreditando construir a sociabilidade feminina do período, e possuíam uma visão estrangeira, sustentada na superioridade europeia em detrimento da vida incivilizada que se depararam ao chegarem no Brasil. Este talvez seja um aspecto de possível confronto, exposto pela fonte documental, permitindo apontar as aproximações do que é *ser civilizado*

A constituição da formação do conceito pelos europeus, da noção de vida civilizada em contraposição a povos que acreditavam ainda vivendo na barbárie, foi construída num longo processo. Neste sentido, é dentro de um modelo de formação ética e moral que muitos indivíduos acreditam e valorizam posturas e ações corretas e, ao mesmo tempo, condenam tantas outras atitudes, vistas como bárbaras, primitivas ou incivilizadas.

Norbert Elias, discorre historicamente sobre uma série de conquistas militares que submeteu diversos povos bárbaros germânicos e, por meio destas, progressivamente, o mundo europeu ocidental começou a reestruturar-se apresentando inicialmente a formação no século IX do Sacro Império Romano-Germânico que simbolizava uma nova formação social, logo, novos modos de comportamento e inserção dos seus membros.

Para o autor, o atrelamento do novo império à tradição imperial romana, foi muito lento para se reconhecerem enquanto unidades nacionais, uma vez que entre elas não possuíam ainda, vínculo como organismos sociais no equilíbrio das forças históricas “França, Alemanha, Itália, Inglaterra, transformaram-se em formações sociais com uma estrutura bastante específica e um impulso e regularidades próprias” (ELIAS, 1993, p.24). Outro aspecto, a referência aos “germânicos”, como povos bárbaros e que agora se apresentavam como herdeiros do trono. Por fim, a denominação de “sacro” que indica influência da Igreja nesse processo. Como escreve Elias (1993, p.29): “os bispos, cujas propriedades em parte se espalhavam pelas terras de vários senhores territoriais, permaneciam interessados em preservar uma forte autoridade central, tendo em vista sua própria segurança”. Sobre esta questão, comenta:

A cena dessa desintegração radical deve ser vista como, de certa maneira, o ponto de partida, se queremos compreender como áreas menores se aglutinaram para formar uma unidade mais forte e através de que processos sociais se constituíram os órgãos centrais das unidades mais amplas de governo, que designamos pelo conceito de “absolutismo” – a máquina de governo, que forma o esqueleto dos Estados modernos. A relativa estabilidade da autoridade e das instituições centrais, na fase que denominamos de “idade do Absolutismo”, contrasta vivamente com a instabilidade da autoridade central na precedente fase “feudal” (ELIAS, 1993, p.32).

Destaca-se também que, a partir dessa integração e a rede de entrelaçamento entre os indivíduos, o comportamento evoluiu daquilo que chamamos de incivil, ou seja, um processo de *vir a ser*. Sobre esta questão. Elias ainda considera que, em todas as sociedades, esse processo de regulação acontece, mas de forma diferente.

(...) a vida psíquica de povos “primitivos” não é menos historicamente (isto é, socialmente) marcada do que a dos povos “civilizados”, mesmo que os primeiros mal estejam conscientes de sua própria história. Não há um ponto zero na historicidade do desenvolvimento humano, da mesma forma que não há na sociedade, na interdependência social dos homens. Nos povos “primitivos” e “civilizados”, observam-se as mesmas proibições e restrições socialmente induzidas juntamente com suas equivalentes psíquicas, socialmente induzidas: ansiedades, prazer e aversão, desagrado e deleite. No mínimo, por conseguinte, não é muito claro o que se tem em vista quando o chamado padrão primitivo é oposto, como “natural” ao “civilizado”, como social e histórico. No que interessa às funções psíquicas do homem, processos naturais e históricos trabalham indissolúvelmente juntos (ELIAS, 1994a, p. 162).

Assim, a violência e a civilização são processos que se complementam, são formas específicas de interdependência “a civilização dependerá do estágio de controle da violência, do monopólio dos impostos que permitem constituir uma força suficientemente efetiva para impor a pacificação interna” (GEBARA, 2005, p.20). Em linhas gerais, pode-se, então, afirmar que os processos de civilização são analisados a partir da relação entre grupos, tendo em vista as forças que cada um constitui, ou seja, grupos e indivíduos com diferenciais de poder.

Para entender o conceito *Zivilisation*, outros dois elementos o antecederam: *Courtousie* e *Civilité*. De *Courtousie* à *Civilité*<sup>12</sup> - o processo

---

<sup>12</sup> Este conceito recebeu seu cunho e função específicos aqui discutidos no segundo quartel do século XVI. Seu ponto de partida individual pode ser determinado com exatidão. Deve ele o significado específico adotado pela sociedade a um curto tratado de autoria de Erasmo de

civilizador visto a partir de padrões e controle de pulsões teceu a vida humana, pois os indivíduos assumiram e internalizaram diferentes formas de convívio, o que significa diferenças na estrutura social. Desta maneira, a autoimagem e as características próprias de cada sociedade são expressas no conceito de *civilité*.

Sobre estes conceitos, a mudança mais perceptível foi especialmente entre a classe cavaleiresca, que servia de apoio militar à nobreza dirigente, e que deixa aos poucos as manifestações de violência para a crescente importância como mantenedora, dilatadora e espelho da nobreza e de seus códigos comportamentais, em que perfilam a honra, o amor e a fidelidade como os elementos norteadores que começam a configurar, em que os laços entre as pessoas estavam mudando qualitativamente.

Elias (1993), ao evidenciar a mudança na classe cavaleiresca com numerosos estágios intermediários, coloca as relações entre homens e mulheres no processo de transformações sociais

Em seu trabalho *El cambiante equilibrio de poder entre los sexos* (1998), em que se debruça sobre a Sociedade Romana Antiga até a constituição do Império Romano, mostra esta sociedade e as relações entre os gêneros. Ao prever estes estágios temporais, Elias, aponta o lugar da mulher e sua representação na sociedade. Neste percurso, percebe-se que durante muito tempo a mulher foi reconhecida como objeto de mercadoria e que o domínio do espaço doméstico foi uma conquista, visto suas relações anteriores sempre de espaço de decisão de homens, seja por parte do pai, irmão e posteriormente ao marido e filhos.

En términos del desarrollo de la humanidad, el hecho de que las mujeres obtuvieran, en la era republicana tardía, una posición de igualdad en la vida marital y retuvieran esa posición por muchos siglos durante la era de los emperadores romanos fue una gran innovación y un acontecimiento de grandes consecuencias (ELIAS, 1998, p. 240).

As mudanças ocorridas na “balança de poder” sempre ocorrem nos processos civilizatórios que, de acordo com Elias, se dão por questões de força física e bélica e na conquista de monopólios. No caso das mulheres, Sarat (2011, p.125) considera que “ainda que elas ficassem fora dos cargos militares e civis,

---

Rotterdam, *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças que veio a luz em 1530 (ELIAS, 1994, p.69).

e também da produção da literatura, da arte, da filosofia ou da história escrita, é possível indicar tais mudanças nas relações de poder entre os sexos”. Ou nas palavras de Elias,

La efectividad del Estado em la protección de la persona, así como del ingreso a la propiedad de las mujeres, fue uno de los factores responsables de los cambios em el equilibrio de poder entre los sexos. Creo que este factor también es importante hoy em día. Es útil recordar que em um tiempo la condición de igualdad que habían alcanzado las mujeres fue cercenada y erosionada cuando el monopolio central de fuerza física, uma de las piezas centrales de uma organización del Estado, fue abatido; cuando este monopolio recayó em los hombres fuertes, locales o invasores extranjeros, y la violencia y la inseguridad se difundieron de novo por toda la sociedad (ELIAS, 1998, p. 247).

Em períodos posteriores, são retiradas as conquistas das mulheres romanas “especialmente aquelas normatizadas pela ascensão do cristianismo e das religiosidades que cerceiam novamente as mulheres, não somente as mantendo longe dos espaços públicos, mas também do espaço doméstico” (SARAT, 2011, p.125).

Neste percurso, nos séculos IX e X, os cavaleiros não se importavam com a forma de tratamento com as mulheres, eram rudes, grosseiros e violentos, recorriam ao estupro e à pilhagem, pelo fato das mulheres não aceitarem passivamente a vida de servidão a quem não desejavam. Um tempo de vida sufocante, de miséria e de desconfiança no entorno das relações com as mulheres “fosse rei ou simples senhor, que espancava a esposa. Parecia ser um hábito quase tradicional do cavaleiro, enraivecendo-se, socar a esposa no nariz até o sangue correr” (ELIAS, 1993, p. 75). Entre os séculos XI e XII houve três formas de existência cavaleirosa.

Tínhamos os cavaleiros menores, governando uma ou mais glebas de terras não muito grandes; em segundo lugar; havia os ricos e grandes cavaleiros, governantes de territórios, poucos em número em comparação com os primeiros; e finalmente os cavaleiros sem terra, ou pouquíssima terra, que se colocavam a serviço dos mais poderosos. E foi o principal mas não exclusivamente deste último grupo que emergiu o *Minnesänger* cavaleiroso, nobre. Cantar e compor a serviço de um grande senhor e nobre dama era um dos caminhos abertos àqueles que haviam sido expulsos da terra, fossem eles da classe alta ou da classe urbano-rural mais baixa. (ELIAS, 1993, p.74).

Assim sendo, surge esta classe, o *minnesang*, endereçada às jovens da corte, sendo o desejo de se relacionar com essas jovens de classe superior a

base para as poesias e/ou “canto do amor”. Essas relações tomam conta do cenário, fazendo ligação entre as relações da sociedade em geral e a estrutura da personalidade dos indivíduos. Há de se entender que nesse momento não se fala em amor, o que virá a ser transformando mais tarde com o reconhecimento dos sentimentos, mas o prazer físico, a conquista da mulher, aspectos que davam início à “contenção, à renúncia e à conseqüentemente transformação das pulsões” (ELIAS, 1993, p. 79).

Paralelamente a essa manifestação, temos a concepção construída, do universo masculino, estando a mulher por muito tempo centrada nos afazeres domésticos e na criação dos filhos. Sua competência restringia-se ao lar, onde deveria ser amável com o marido, prendada em tarefas domésticas e no mando às criadas. As mulheres começam a se inserir e construir espaços de sociabilidade graças à sua vida social, que oferecia ocasiões de diálogos e de aulas, nas quais elas podiam aprender os primeiros rudimentos das ciências e da filosofia. Para Elias, [...] “como aconteceu com tanta frequência na história do Ocidente, não foram os homens, mas as mulheres de alta classe, os primeiros liberados para o desenvolvimento intelectual, para a leitura (...) E, assim, foi em torno de mulheres que se formaram os primeiros círculos de atividade pacífica” (ELIAS, 1993, p.79).

A mulher idealizada a partir da prática do *minnesang*, a tentativa da emancipação feminina e o envolvimento afetivo entre homens e mulheres, para Elias, indica “(...) um passo no caminho que finalmente levou ao nosso próprio molde afetivo e emocional – um passo na direção da civilização” (ELIAS, 1993, p. 85)”. Assim, Elias define o conceito de civilização como:

O Conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou o modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que pode descrever como civilização (ELIAS, 1990, p. 23).

O exemplo do padrão exigido na vida diária foram os preceitos cortesês sobre as boas maneiras, oriundos dos manuais de civilidade. Ressalta-se que

os manuais de boas maneiras e etiqueta são uma das possibilidades de se investigar os protocolos de civilidade, no dizer de Maria Tereza Santos Cunha, a partir da teoria de Norbert Elias, e utiliza da materialidade escolar evidenciando que “às práticas escolares que expressavam mensagens de orientação regras de conduta pessoal, escolar e cívica que caracterizavam propósitos civilizadores/protocolos de civilidade” (CUNHA, 2013, p.143). Assim, prescrições que orientam as condutas para meninos e meninas, ao se apropriarem de práticas, caracterizam uma educação dos sentidos e das sensibilidades.

## **1.2 Manuais de civilidade e boa conduta como fonte**

Muito antes da invenção da impressão por tipos móveis por Gutemberg em Mainz, no século XV, a produção de livros restringia-se a um processo de réplica muito limitado e dispendioso, além disso, saber ler e escrever era privilégio de uma parca minoria. As formas de conduta chegaram até a Idade Média oriundas da memorização de pequenas trovas, poesias e provérbios difundidos oralmente entre as pessoas. De acordo com Margaret Visser (1998, p.61), "os livros medievais sobre boas maneiras – primeiro em latim e, mais tarde, em italiano, francês, alemão e outros idiomas vernáculos – eram melodias simples e versos rimados, escritos para serem facilmente memorizados". Peter Burke, ao ressaltar sobre o medievo, salienta que a tradição romana do bom comportamento foi reconstruída pelo clero e que “o texto fundamental nesse processo de reconstrução foi escrito por Santo Ambrósio, bispo de Milão, que aconselhava seus sacerdotes a demonstrarem recato (literalmente ‘pudor’, *verecundia*) em todos os seus gestos” (BURKE, 1997, p.23). Os clérigos escreviam e copistas reproduziam para leigos, livros de aconselhamento moral e político. Essas obras pertenciam ao gênero literário dos “espelhos”, de acordo com Nunes (1995).

Na época carolíngia os termos manual e espelho eram empregados geralmente como sinônimos. Aliás, como observa Riché, esse gênero literário remonta à antiguidade egípcia e hebraica, passou às civilizações bizantina e árabe. Os — “espelhos” apresentavam-se como guias de orientação política, de educação física, moral e literária para os jovens aristocratas (NUNES, 1995, p. 121).



Muitos franceses acreditavam por muito tempo que as obras de François Rabelais e de Michel de Montaigne eram os tratados mais antigos sobre educação. Descoberto por historiadores, especialistas que se debruçaram a estudar a idade média, consideraram que o tratado medieval de educação escrito por Dhuoda - *Manual para meu filho*, escrito em Uzès, entre 30 de novembro de 841 e 2 de fevereiro de 843, é “o mais antigo tratado francês” assim enfatizam Régine Pernoud e Pierre Riché, que o analisa como “única obra pedagógica do gênero” (NUNES, 1995, p.121).

Diferentemente de outros tratados que foram escritos por homens, Dhuoda foi uma mulher, que viveu no século IX, no período da dinastia carolíngia. Germânica, nobre, esposa de Bernardo, duque de Septimânia<sup>13</sup>, Dhuoda dedicou-se a escrever o manual para orientar seu filho primogênito (nobre) Guilherme que, aos dezesseis anos, foi afastado de casa e enviado por seu pai à corte de Carlos, o Calvo, para servir ao rei e às campanhas militares. Ao sentir-se solitária, Dhuoda encontra força na construção da narrativa desse manual.

De caráter histórico, o manual “revela o nível de cultura profana e religiosa de uma mulher leiga, na metade do século IX” (NUNES, 1995, p.122). Seu texto está envolto de temas como ética, caridade, humildade e fidelidade. Em suas recomendações ao seu filho Guilherme, convoca-o a ser nobre, virtuoso, íntegro, respeitoso a seu pai e às pessoas indistintamente; ser devotado ao rei, assim como ser fiel a Deus, exortar e se fortalecer com os dons do Espírito Santo<sup>14</sup>, da Santíssima Trindade, cumprir seus deveres e combater persistentemente os vícios. Apesar da idade de Guilherme, é possível pensar que sua educação perpassou por todos os preceitos descritos por Dhuoda, pois, ao observar “os outros”, registrou suas experiências com mulher/mãe.

---

<sup>13</sup> De acordo com Nunes (1995), Bernardo era filho de Guilherme Gellhone, primo-irmão de Carlos Magno.

<sup>14</sup> A exortação ao Espírito Santo se dá pelo encorajamento aos que são tomados por Ele, e ainda convencem pela pregação sobre as existências divinas. A pessoa com o dom da exortação passa a ter empatia pelo próximo e aplica ações e palavras de esperança com o sentido de “levantar” o próximo em valores divinos e mudanças para o bem. Maria, por exemplo, em Lucas 1-41 encheu sua prima Isabel, do Espírito Santo, pois a encorajou e a convenceu de que Ela seria a Mãe do Salvador. O Espírito Santo lhes concede a expressão e a permissão em falar em nome de Deus. Por isso a Santíssima Trindade está interligada com as ações de Deus, pois Deus Pai cria o mundo, Deus Filho se torna humano para salvar a humanidade e Deus Espírito Santo nos convence das grandezas divinas.

Encontrarás neste livro um resumo de tudo que desejas conhecer e também um espelho em que poderás contemplar sem hesitação a saúde de tua alma. A fim de que possas em tudo agradar não só ao mundo mas Àquele que do barro da terra te formou (NUNES *apud* LAUAND, 1986, p.122).

Todos esses valores, Dhuoda considerava preponderantes à formação do indivíduo, pois eles permitiriam que seu filho soubesse conviver com todos, especialmente, na corte. Ao recorrer à etimologia da palavra no manual (*manualis*), Dhuoda marca a importância da época na relação com a linguagem e seus significados, assim, tem-se a seguinte explicação de acordo com Lauand:

[...] *manus* (em *manualis*) pode significar, mão e, por extensão, poder, o poder de Deus ou do Filho de Deus[...] *Alis* (outra parte de *maluis*), por sua vez, pode significar fim, ou ave cujo canto anuncia o fim da noite e o começo de um novo dia, a luz (Cristo). Assim, *manualis* é o fim da ignorância e o raiar da luz de Cristo, etc. (NUNES *apud* LAUAND, 1986, p.122).

O fim da ignorância do primogênito! – era essa sua principal função de mãe e educadora ao propor o manual. Dhuoda evidencia que os hábitos deveriam ser inculcados e exercidos em seu cotidiano. Assim como seu filho, e aqui tomamos as outras crianças que não nascem com tais atributos, e necessitam de uma ação mediada intencionalmente pelo adulto, pois, segundo Elias (1994a), a criança, em um curto espaço de tempo, deve apropriar-se do que a sociedade levou anos para internalizar.

O policiamento das emoções infantis teve seu desdobramento ao longo dos séculos que se seguiram ao XVI, quando a família se torna nuclear, “houve a necessidade da imposição de regras e normas na nova educação e a formação de uma criança melhor doutrinada atendendo à nova sociedade que emergia. Tal concepção de indivíduo que aparece faz com que a criança seja alvo do controle familiar ou do grupo social em que ela está inserida” (ROCHA, 2002 p.57). No período da infância, as crianças deveriam aprender as regras civilizatórias, pois “a vida instintiva delas tem que ser rapidamente submetida ao controle rigoroso e modelagem específica que dão à nossa sociedade seu caráter e que se formou na lentidão dos séculos” (ELIAS, 1994a, p. 145). Para Elias, o período da infância e suas aprendizagens sociais de caráter geracional, ocorre na medida em que:

[...] a geração mais antiga, para quem esse padrão de conduta é aceito como natural, insiste com as crianças, que não vêm ao mundo já munidas desses sentimentos e deste padrão, para que se controlem mais ou menos rigorosamente de acordo com os mesmos e contenham seus impulsos e inclinações (ELIAS, 1994a, p. 134).

A restrição imposta pela vergonha e o medo faz com que os adultos consigam condicionar determinados impulsos das crianças, para este feito, até mesmo a figura do “anjo da guarda”, influência da confissão católica, foi e ainda é utilizada como ferramenta para conseguir controle nos impulsos infantis. O anjo, e sua onipresença, representa este controle, frases do tipo “não faça isto, senão o anjinho se afasta de você”, “olha que o anjo vai embora e o capeta vem para perto” ou “o anjinho está chorando por você ter feito isto”, entre outras. Nesse sentido, todas as pessoas de culturas e épocas diferentes ensinavam e ensinam maneiras aos seus filhos para atender as expectativas da sociedade. Este polimento, a saber, era dado pelos pais na infância, e posteriormente pela sociedade.

O manual de Dhuoda permite pensar em uma educação voltada para regras básicas de convivência entre os homens “(livro), que não se reduz a um tratado de moral ou espiritualidade, mas visa à formação geral do perfeito *gentleman*” (NUNES *apud* LAUAND, 1986, p.122). Assim como o tratado de Dhuoda, inúmeros manuais circularam e serviram como modelos de formas de comportamento. Regras que foram sendo paulatinamente internalizadas ao longo do tempo na construção de um tipo ideal de homem, ou seja, o de ser fiel, respeitoso, cavalheiro e grande guerreiro, que serviram como fonte histórica e de inspiração, na forma como se relacionavam e produziam a sua educação. Elias (1997, p.39) demonstra que, para entender estes processos da civilização - *informalidade e formalidade* -, necessita-se de um meio conceitual claro de orientação:

[...] o que deve ser sociologicamente apurado é, em poucas palavras, a *dimensão formalidade-informalidade* de uma sociedade. Isto, relaciona-se com a operação de regulação do comportamento formal e informal numa sociedade, ao mesmo tempo; ou, por outras palavras, diz respeito ao gradiente sincrônico entre formalidade e informalidade. Isto é diferente dos sucessivos gradientes de informalização observados no decorrer do desenvolvimento social, o *gradiente diacrônico de informalização* (ELIAS, 1997, p.39-40).

Por sua vez, os comportamentos, condutas, normas de controle, nas sociedades não acontecem num todo unificado, assinala Elias, pois, a estrutura do gradiente muda no decorrer do desenvolvimento de Estado-sociedade. Assim, numa espécie de sujeição às normas incorporadas ao comportamento coletivo e aceitas individualmente por cada um, aquilo que Norbert Elias denomina de “segunda natureza”. Expressão que remete à noção de *habitus*, tanto individual quanto social, utilizada pelo sociólogo, para mencionar “ao saber social incorporado”, ou seja, tudo aquilo que aprendemos nas experiências com os outros indivíduos e no curso do desenvolvimento, e que adquiriu um caráter quase natural, tornando-se *segunda natureza* (DUNNING; MENNELL, 1997, p.9), ou ainda nas palavras de Elias:

O padrão social a que o indivíduo fora inicialmente obrigado a se conformar por restrição externa é finalmente reproduzido, mais suavemente ou menos, no seu íntimo através de um autocontrole que opera mesmo contra seus desejos inconscientes (ELIAS, 1994a, 135).

Esta formalização, descrita em seus estudos sobre o final do século XIX, apresenta como foi sendo internalizada pelas pessoas, a partir de seus medos interiores e de uma consciência controladora e rígida. Esta consciência é conduzida por forças disciplinares, originadas pelas redes de interdependência em desenvolvimento, particularmente com a formação do Estado e da expansão do mercado. Uma demonstração desses processos de mudança da formalização e disciplinarização dos indivíduos para a informalização dos comportamentos, são os resquícios que os bons modos e os bons livros eram destinados aos integrantes da boa sociedade.

A mudança no comportamento dos indivíduos fez com que a difusão dos livros de cortesia do século XVIII, em que por muito tempo os homens dominavam este tipo de gênero literário, cedesse espaço aos de etiqueta do século XIX, destinados especificamente às mulheres. Este novo gênero, a etiqueta, indicava uma mistura das boas maneiras aristocráticas e burguesas. Para Cas Wouters:

[...] os livros cortesões normalmente advogam os ideais de caráter, temperamento, conquistas, hábitos, morais e maneiras para a vida aristocrática, os livros de etiqueta enfocavam a sociabilidade de situações sociais particulares – jantares, bailes, recepções, apresentações nas cortes, introduções e saudações (WOUTERS, 2009, p.102).

Vale notar que, juntamente com os processos de normatização, aparece uma literatura cômica na Alemanha do século XVI. Manuais que aproveitaram do humor para derivar comportamentos grosseiros, principalmente em torno da gula. Elias ressalta que este tipo de conduta irônica estava mais voltada aos burgueses, e não aos indivíduos da corte.

Entre os séculos XIX e XX, a vergonha e o embaraço acompanham as formas de comportamento. Tudo que entra em contato com o corpo, faz aumentar as restrições e as sensibilidades. Esta associação dos elementos embaraço e vergonha, com as questões sexuais, distanciam adultos e crianças. Para esclarecer tais questões, surgem instruções para meninos e meninas. Elias (1994a) cita a obra *A educação das meninas*, de Von Raumer, de 1857. A narrativa gira em torno de perguntas e respostas aos pais sobre sexualidade. Porém, Von Raumer não esclarece as dúvidas, deixa os problemas sem solução, e/ou transfere a Deus toda a autoridade do surgimento de bebês e outros tabus. Pode-se se ver que a sexualidade é isolada, e transferida para o “fundo da cena da vida social”<sup>15</sup>, assunto que pertence particularmente à família.

Em detrimento a esse tipo de obra, cita-se o manual de Pierre Louÿs, de 1917, *Manual de civilidade destinado às meninas para uso nas escolas*. Trata-se de uma paródia dos rigorosos e moralistas manuais de educação e boas maneiras utilizados na *Belle Époque*. Esta obra é um ataque desferido contra as regras vigentes do puritanismo burguês, em que ignora toda censura moral, temas como incesto, pedofilia, masturbação, lesbianismo, palavrões marcam as recomendações do autor.

Julgamos inútil explicar as palavras: boceta, racha, periquita, velo, pica, piroca, colhão, foder, porra, entesar, masturbar, chupar, lamber, sugar, trepar, meter, enfiar, embocetar, enrubar descarregar, consolo,

---

<sup>15</sup> É um conceito eliasiano tratado no livro *O Processo Civilizador: uma história dos costumes* (1994a) no qual Elias, discorre que as características consideradas animais, instintivas e primitivas dos indivíduos foram banidas da vista e colocadas no fundo da cena social.

sapatão, lésbica, sessenta e nove, minete, xoxota, puta, bordel. Essas palavras são familiares a todas as meninas (LOUÿS, 2005, p. 9).

Para Louÿs, estes tipos de conversas aconteciam entre as meninas, mesmo que fossem um processo velado, mais íntimos.

Para chegar a este processo de informalização, foi necessária uma diminuição nas restrições aos impulsos, o que levou muitos séculos. Tais mudanças nos relacionamentos entre homens e mulheres e sua sexualidade marcam fortemente os processos sociais e psíquicos. Para Wouters (2006, p.176), “esta mudança implicou num aumento de presença de espírito erótico e sexual, em maior latitude na atividade sexual, e em uma propagação (ou consciência) dos aspectos eróticos e sexuais dos relacionamentos”. Entretanto, esses padrões, de acordo com Elias (1994a), não seguiram uma linha reta. Tais questões são perceptíveis ao analisar as mudanças nos manuais de etiqueta, uma vez que revelam desde regras que foram abolidas, como outras novas que foram acrescentadas para situações em que as práticas de civilidade exigidas pelo cotidiano. Mais do que bom comportamento, foi o aumento do controle que as pessoas passaram a exercer reciprocamente.

As práticas de civilidade, conforme Jaques Revel (1991), marcaram fortemente as primeiras décadas do século XVI, na Europa, com a difusão dos escritos de *A civilidade pueril*<sup>16</sup> (1530), de autoria de Erasmo de Rotterdam, e seus efeitos se sentiram e se ampliaram por um longo período até meados do século XIX, alcançando outras culturas no mundo ocidental. A leitura e escrita permitiram que a civilidade chegasse às inúmeras instituições influenciando as práticas vigentes e apreendidas nesses espaços.

[...] livros de civilidade são cada vez mais compostos num tipo novo [...] É sob essa forma que a civilidade invade as práticas escolares. Seu sucesso é tal que, no último terço do século XVI, não se restringe mais ao mundo reformado. Já em 1550 a universidade de Louvam recomenda sua leitura, e as suspeitas que pesavam sobre o texto de Erasmo (muitas vezes corrigido, é bem verdade, por seus adaptadores protestantes) logo parecem definitivamente afastadas. A civilidade acompanha a imensa obra da Reforma católica. Indício espetacular de sua difusão: é aceita nas escolas femininas cuja rede Pierre Fourier organiza na Lorena no começo do século XVII sob a forma rebatizada de *Instructions à la civilité et à la modestie chrétiennes* [Instruções à civilidade e à modéstia cristãs (REVEL, 1991, p.190).

---

<sup>16</sup> *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças).

Livros para instruir meninos e meninas nobres, nos quais aprendiam gestos, reverências, servir a mesa, movimentos graciosos, entre outros. Burgueses buscavam observar e ensinar seus filhos também para evitar deslizes e gafes. Tratados eclesiásticos eram destinados aos monges de classes sociais diferentes, pois deveriam aprender nos mosteiros regras de convivência, pois ao serem convidados a jantares ou castigar os fiéis exigia-se polimento.

A etiqueta não se reduz a mero repertório do que devemos ou não fazer. É preciso que os gestos e palavra considerados belos adquiram um sentido cerimonial, tomem forma de um ritual quase religioso [...] o homem de etiqueta não é apenas uma pessoa bem educada. É alguém que expressa seus costumes de modo a tributar e obter prestígio (JANINE, 1987, p.23).

Visser (1998) ensina que nenhum livro medieval de etiqueta possuía uma escrita brilhante, pois o que importava às pessoas era saber perfeitamente o modo de suavizar-se. Todos os tratados de alguma forma são sociogenéticos e psicogenéticos, pois confirmam um padrão de relações entre as pessoas e sociedade, pois há similaridades entre as coletâneas.

O gênero não pretendia alcançar excelência literária nem exercia atração sobre escritores talentosos, desejava era desempenhar corretamente os costumes consagrados pelo tempo, e eram bem recebidas por todos as declarações tradicionais, batidas, sobre o que era “socialmente aceito” e, de que forma mais especial (e mais simples), o que devia ser evitado[...]porque os livros de etiqueta repetem constantemente os antigos preceitos. (VISSER, 1998, p. 62).

Obras como: - *Il libro del cortegiano* (O livro do cortesão)-, de Baldassare Castiglione, escrito em 1528 (dois anos antes de *civilitate* de Erasmo); *Galateo*, de Giovanni Della Casa, (a palavra “etiqueta”, em italiano, é il galateo) (1558); e *La civil conversazione*, de Stefano Guazzo (1574). De acordo com Visser, eram obras consideradas mais reflexivas:

[...] eram obras - mais filosóficas, éticas e políticas do que os livros comuns de boas maneiras pretendiam ser – eram endereçadas aos aristocratas apenas, embora logo se tornassem ao contrário da obra de Erasmo, eram endereçadas apenas à aristocracia apenas, embora logo se tornassem – como aconteceu com o tratado de Erasmo – muito mais amplamente lidas, traduzidas, adaptadas, copiadas e discutidas (VISSER, 1998, p.69).

Norbert Elias foi quem melhor percebeu as transformações da sociedade e dos comportamentos engendrados por esse tipo de literatura normativa<sup>17</sup> ao longo da história do Ocidente. Em seus estudos sobre O processo civilizador, suas principais obras utilizadas foram Erasmo de Rotterdam – *De Civilitate morum puerilium* (1530) bem como, Baldessare Castiglione - *O Cortesão* - (1528), e ainda de Giovanni Della Casa – *Galateo* (1558). Não foram utilizados como objetos de estudo em si, mas, por meio deles, quando o sociólogo buscou informações sobre a estrutura mental e emocional no período estudado. Destaca-se que os trabalhos são dirigidos especificamente à aristocracia, que expressa modos sutis e suaves em elementos reservados aos homens que possuem tais características que o constituem como o cortesão ideal.

Nesse meio, então, divulga-se que a elegância, o bom gosto do cortesão é inato, ou seja, “não se aprendem esses encantos, as pessoas simplesmente as possuem e, ao vê-las, logo os identificamos; nós nos reconhecemos em nós mesmos e naqueles com quem preferimos nos associar. As pessoas que não os possuem talvez sejam dignas de lástima” (VISSER, 1998, p.69). Elias não fornece muitas pistas sobre o manual de Castiglione, porém o tratado discorre sobre a dissimulação do cortesão, o comportamento social extremamente valorizado, a linguagem corporal e a cortesia romantizada. Elementos que Elias aprofunda ao longo do processo civilizador. Castiglione narra, em seu livro, que os seletos deviam se esmerar para ser encantadores, habilidosos no uso de armas, conhecedores das artes, sabedores de línguas estrangeiras, e deveriam saber dançar e cortejar damas. Atributos que fariam com que os indivíduos

---

<sup>17</sup> Elias analisou os manuais de Baldessare Castiglione, Giovanni Della Casa e o de Erasmo de Rotterdam, bem como, canções, pinturas e textos. Baldassare Castiglione, humanista italiano que viveu entre 1478 e 1529. Durante este tempo serviu em diversas cortes e tornou-se clérigo no final de sua vida. O livro “ O Cortesão” retrata as experiências de Castiglione nessas cortes, especialmente a de Urbino. Burke enfatiza que a obra foi lida em toda a Europa e teve reedições em diversas línguas, “ o Cortesão correspondem a quatro atos de uma peça, quatro noites sucessivas durante as quais a corte que rodeia a duquesa, Elisabetta Gonzaga[...] dedica-se ao passatempo de discutir as qualidades do cortesão perfeito” (BURKE, 1997, p.37). Sobre a obra de Erasmo, foi dedicada a Henri de Bourgoigne, príncipe de Veere, e neto de Anne de Borselen, marquesa de Nassau (senhora que havia sido protetora de Erasmo na sua juventude, e que financiou seus estudos de teologia em Paris). Já o tratado de Della Casa - Galateo, escrito entre 1551 e 1555, época da Contrarreforma. Della Casa, foi um oficial da igreja, e discorre sobre a intenção Annibale Rucellai em aconselhar seu sobrinho ao uso das regras referentes ao bom comportamento social.



caíssem na graça do rei e demais cortesãos. Para Castiglione, tentar seria ultrajante, fingir ter um nível que de fato não se atingiu, pois, o gentil-homem, honrado já nasce com tal propriedades e comunga-se aos iguais.

Destarte, ali [na corte de Urbino], leves conversações e honestas facécias eram ouvidas, e no rosto de cada um se via pintada uma jocosa hilaridade, de tal modo que poderia chamar aquela casa de hotel da alegria; e não creio que em outro lugar se apreciasse toda a doçura que deriva de uma querida e amada companhia, como ali aconteceu um dia; pois, à parte a honra que era para cada um de nós servir a um senhor como aquele que descrevi acima [Guidubaldo de Montefeltro], nascia no ânimo de todos um imenso contentamento todas as vezes que nos reuníamos com a senhora duquesa; e parecia que este contentamento criava uma corrente de amor que a tal ponto unia a todos, que jamais existiu concórdia de vontade ou amor cordial entre irmãos maior do que aquela que ali existia entre todos (CASTIGLIONE, 1997, p.277).

Seguindo a descrição do cortesão ideal, Castiglione exalta a figura da mulher, a representação detalhada da dama perfeita. Vale notar que muitas mulheres abastadas frequentavam a corte, e davam a este espaço alegria e esplendor, mas, principalmente, desempenhavam um papel importante na arte da apresentação e das inspirações as realizações masculinas. Idealizada, esta palaciana é devotada e submissa ao homem, porém com as mesmas sociabilidades – par perfeito – para o cortesão ideal.

Porque julgo que muitas virtudes de espírito são tão necessárias à mulher quanto ao homem; igualmente a nobreza, a recusa da afetação e o fato de possuir graça natural em todos os seus atos, ter bons costumes, ser engenhosa, prudente, não soberba, não invejosa, não maledicente, não fútil, não litigiosa, não inepta, saber ganhar e conservar a graça de sua senhora e todos os demais, fazer bem e graciosamente os exercícios que convém as mulheres. E tenho convicção de que nela a beleza é mais necessária do que no cortesão, pois na verdade muito falta à mulher a falta beleza. Deve também ser mais circunspecta, ficar alerta para não dar oportunidade de que falem mal dela e agir de tal modo que não só não lhe atribuam culpas como tampouco suspeitas, pois a mulher não tem tantos meios para defender-se das falsas calúnias quanto o homem (CASTIGLIONE, 1997, p.192).

Elias infere que a mulher adentrou a espaços que anteriormente eram destinados exclusivamente aos homens. Este poder feminino deu-se a partir das formas de cortejar dos homens, legando às mulheres a importância para manter ou desfazer os canais de repercussão nos círculos por onde transitavam. Estes

valores externos eram reconhecidos pelos iguais e os internos unidos pelas habilidades e berço. Outro aspecto do manual é o termo empregado – “vergonha”, “tanto as damas quanto os cavaleiros devem ter o senso de vergonha” (CASTIGLIONE, 1997). Sentimento que, para Elias, foi essencial na contensão dos comportamentos e que, de certo modo, criaram um padrão nas atitudes dos indivíduos, que foram obrigados a se conformar, mesmo contrários aos seus desejos conscientes. Deste modo, o livro enaltece as aspirações e de certa forma o esplendor da vida da corte. Aspectos que deram ao manual êxito entre os círculos europeus. Burke (1997, p.35-44) ressalta que o livro em si ensina aquilo que não pode ser aprendido: “a arte de se comportar de maneira naturalmente graciosa”. O Cortesão é o próprio Castiglione, “exemplo de perfeição”.

De Erasmo de Rotterdam, Elias pronunciou que, por meio de seu tratado, o humanista deu nova nitidez e força a uma palavra muito antiga e comum – *civilitas* –, a qual, expressava uma necessidade da época e que ficou internalizada na consciência dos indivíduos. A partir de então, derivaram-se dela as palavras *civilite*, no francês, *civility* no inglês, *civiltá* para o italiano e *Zivilität* para o alemão, “que reconhecidamente nunca alcançou a mesma extensão que as palavras correspondentes nas outras grandes culturas” (ELIAS, 1994, p. 68). O tratado de Erasmo retrata fundamentalmente sobre o comportamento dos indivíduos em sociedade e o decoro corporal externo, mesmo achando que esta era a parte mais estúpida da filosofia – *crassíssima pars*. Seu tratado surgiu num período em que a hierarquia social da idade média se transformava, dando sinais de transição para a modernidade. Os sete capítulos relacionam-se à postura corporal, roupas, comportamento na igreja, a mesa, nos folguedos e quarto de dormir. Dedicado ao menino nobre, Erasmo enfatizava que suas orientações deveriam servir a todos os meninos: “aliás, não seria de negligenciar o incentivo que daí advém para o mundo das crianças pelo fato de verem os filhos dos príncipes imbuídos dos mesmos estudos e exercitados na mesma aprendizagem” (ROTTERDAM, s/d, p.123).

Vale notar que Erasmo, em sua obra, chama a atenção para o fato de olhar os que estão em volta, policiar o próprio comportamento, seguir os padrões de *civilité*. O que, para Elias (1994, p.90), significa “uma nova relação entre um homem e outro, uma nova forma de integração”, ou seja, as pessoas são levadas

a moldar-se umas às outras. Os códigos do que fazer ou não, forçam as pessoas a buscarem mais controle no comportamento, e este, por sua vez torna-se mais rigoroso, pois a maneira polida ocupa o lugar das formas ásperas, insultos, e da ameaça física. Nesses processos, passar a corrigir os outros, de maneira gentil, torna-se muito mais eficaz no inculcamento de hábitos duradouros, bem como a compulsão de autocontrolar-se.

A obra *Galateo*, de Della Casa, exorta um homem de maneiras extremamente finas que, de acordo com Elias, representa as transformações que estavam ocorrendo no período, em que hábitos, costumes e regras de conduta “se acham em estado de fluidez”. Esta obra foi escrita na perspectiva de uma pessoa mais velha que orienta um jovem, seu sobrinho, (Annibale Rucellai) a arte das boas relações. Ao partir das experiências de seu mestre, as quais foram adquiridas na corte em meio a homens letrados e polidos, *Galateo* é educado para ser bem aceito socialmente, agradar principalmente os pares, por isso deve seguir os passos corretos.

Contanto seja que tu começas só agora essa viagem da qual já percorri, como vês, a maior parte, isto é, a desta vida mortal, e tendo-te grande afeição, como tenho, propus a mim mesmo mostrar-te os vários lugares onde, como alguém que os experimentou, temo que, caminhando por eles, pudesses facilmente cair ou errar, a fim de que, instruído por mim, possas manter o reto caminho com cuidado de tua alma e com louvor e honra da tua honorável e nobre família (DELLA CASA, 1999, p. 3-4).

Ao ser reconhecido e escolhido a conviver no meio de pessoas que possuem as mesmas afinidades, deve rejeitar todos os mal-educados e deselegantes. Assim, enaltecer a boa conduta “e se os modos agradáveis e gentis têm a força para provocar a benevolência daqueles com os quais convivemos, os modos boçais e rudes, ao contrário, incitam os outros a nos odiar e desprezar” (DELLA CASA, 1999, p.5). Enfim, esses tratados, são resultados das experiências absorvidas e que levaram os indivíduos a registrar e difundir adiante a tradição dos códigos de boas e más maneiras. Questões que ocuparam não só os homens medievais, mas da antiguidade e sociedade anteriores a elas.

Esses poemas e tratados são em si mesmo instrumentos diretos de “condicionamento” ou “modelação”, de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e situação da sociedade onde vive tornam necessários. E mostram ao mesmo tempo, através do que censuram e elogiam, a divergência entre o que era considerado em épocas diferentes, maneira boas ou más (ELIAS, 1994, p. 95).

De maneira geral, podemos dizer que estes manuais impetraram um rígido controle dos comportamentos, pois está claro, a partir da literatura da época, que no panorama que se delineia a partir do século XVI, na Europa, a preocupação em “reformatar” os indivíduos para se alcançar uma sociedade idealizada estava em pauta. Uma sociedade que, nas palavras de Revel, submete seus comportamentos “às normas da civilidade, isto é, às exigências do comércio social” e que “projeta o indivíduo para fora de si mesmo e o expõe ao elogio ou à sanção do grupo” (1991, p. 169). A difusão do processo de escolarização cumprirá um papel fundamental de vigilância e de controle social.

Destacamos que estes manuais de civilidade seguem uma linha de escritos ordenadores do comportamento humano. Nos dois séculos posteriores, esta literatura ganhou outros atributos e conquistou a permanência dos modelos escolares. Revel ainda pondera que, com o passar do tempo, esses manuais revelam claramente a preocupação da construção individual em relação ao outro, o que poderia ser chamado “o triunfo das aparências”, o corpo é a centralidade nas formas de exercer as boas maneiras, e muitos pensadores tomam a infância como fase essencial para internalizar esses comportamentos. Nomes como Jean Amos Comenius, com a *Escola da infância* (1632); Jean Jacques Rousseau, em *Emilio ou da Educação* (1762); e mesmo Immanuel Kant, nos textos *Sobre a Pedagogia* (1786), mais tarde, manifestaram preocupações com a temática da educação da infância no que tange o aperfeiçoamento das potencialidades humanas. Embora as diferentes premissas individuais e os discursos pedagógicos que sustentam as posições particulares destes autores em seus manuais é possível destacar, com a cautela necessária, uma característica em comum: o respeito à singularidade da infância<sup>18</sup>. Erasmo não

---

<sup>18</sup> É oportuno destacar que as obras aludidas não representam uma continuidade na história dos discursos pedagógicos. O objetivo aqui é o de apenas fazer uma rápida apresentação do processo educativo a qual a infância se torna o ponto de partida. Ver artigos completos: A Infância Exemplar: Progresso Moral ou Processo Civilizatório? (ROCHA; VIEIRA, 2015a); Os Manuais de Civilidade e os Modos de Civilizar a Infância (ROCHA; VIEIRA, 2014).

tem a mesma clareza reveladora encontrada na obra de Rousseau – quanto ao lugar da infância na ordem da vida humana – e nem mesmo a finalidade de seus escritos em relação à compreensão da educação no sentido mais moderno, pois não era sua intenção.

No entanto, o objetivo do tratado escrito por Erasmo reside na difusão de normas de civilidade, que deveriam ser alcançadas com a educação familiar e não em um processo de escolaridade, fato que só viria a se adensar nos séculos posteriores. Erasmo nos parece mais preocupado com a iniciação da criança para a vida em sociedade a partir da conformação dos costumes. Por outro lado, Rousseau parece preocupar-se em afastar o educando da conformação social e melhor prepará-lo para viver em sociedade.

A educação primeira deve portanto ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro. Se pudésseis conduzir vosso aluno são e robusto até a idade dos 12 anos, sem que ele soubesse distinguir sua mão esquerda da direita, logo às vossas primeiras os olhos de seu entendimento se abriram para a razão. Sem preconceitos, sem hábitos, nada teria ele em si que pudesse contrariar o resultado de vossos cuidados. Logo, ele se tornaria, em vossas mãos, o mais sensato dos homens; e começando por nada fazer, teríeis feito um prodígio de educação (ROUSSEAU, 1995 p.80).

Este homem, assim instruído, será natural, autêntico e que faz junção ao cidadão, transcendendo a sociedade que vive sob disfarces de aparências "Emílio é o homem da sociedade que menos sabe disfarçar" (ROUSSEAU, 1995, p. 488).

Sobre Kant, é interessante observar que o desenvolvimento da infância é visto a partir de uma perspectiva "transcendental" que traz em si as categorias *a priori*. Em muitas partes do livro é até mesmo possível se fazer uma aproximação com a ideia de criança definida nos diversos manuais de civilidade produzidos no alvorecer do século XVI, muito embora, nestes, não encontramos a preocupação com a "transcendentalidade" desse ser. Ou seja, a ideia de que a educação é um meio pelo qual se chega à autonomia a partir do uso da própria razão. Em Kant, a educação não é tratada como um simples treinamento, ou regras de bom comportamento, de refinamento cultural, de domar os caprichos e inclinações arbitrarias das crianças, tais como encontramos nos manuais de

civilidade. Kant vai muito além, para ele é necessário que a criança aprenda a pensar por conta própria (1996, p. 27). Assim, apregoa que o destino dos indivíduos é sair desse estado natural da barbárie animal e a criança torna-se figura central dessa transformação. O indivíduo prudente, civilizado, possuidor de condutas e comportamentos aceitáveis conseguirá se estabelecer no mundo.

Na educação tudo depende de uma coisa: que sejam estabelecidos bons princípios e que seja compreendidos e aceitos pelas crianças. Estas devem aprender a substituir ao ódio o horror do que é nojento e inconveniente: a aversão interior em lugar da aversão exterior diante dos homens e das punições divinas; a estima de si mesmo e a dignidade interior em lugar da opinião dos homens; o valor intrínseco do comportamento e das ações em lugar das palavras e dos movimentos da índole; o entendimento em lugar do sentimento; a alegria e serenidade no bom humor em lugar da devoção triste, temerosa e tenebrosa (KANT, 1996 p. 102).

Ao configurar, grosso modo, estas obras, mesmo com tempos e espaços históricos diferentes, queremos aqui apenas chamar a atenção para a inegável influência que esse gênero literário, inaugurado por Erasmo, legou à construção de um ideal de uma sociedade bem-educada, ou seja, “civilizada”, para empregarmos o conceito especialmente desenvolvido pelo humanista.

Vale notar que, desde a segunda metade do século XVI, de acordo com Elias, o conceito de civilidade propostos por estes manuais vão aos poucos perdendo o seu apelo no transcorrer da história das sociedades europeias, principalmente no século XVIII, na França, quando Luís XV encerra a nobreza da corte, e os indivíduos passam a assimilar novos elementos burgueses, assim como o conceito de cortesia empregado nos restritos e sofisticados círculos aristocráticos franceses. A corte deixa de ser o centro das atenções e descentraliza-se para os *hostels* e residências dos aristocratas.

A partir de então, a corte passou a dividir com os círculos aristocráticos apenas seu significado como centro do convívio social, como fonte de cultura. O convívio social e a cultura da alta sociedade estavam se descentralizando lentamente, expandindo-se desde os *hôtels* dos nobres da corte até os *hôtels* dos financistas. Foi nesse estágio de seu desenvolvimento que o “monde” produziu o fenômeno conhecido como cultura de salão (ELIAS, 2001a, p.97).

A nova imagem do indivíduo chique, de bom gosto<sup>19</sup>, nasce numa era, em que a burguesia se torna rapidamente mais rica e poderosa – “chegaram lá”, tornando difícil a nobreza marcar seu espaço entre ela própria e os *arrivistes* ou *parvenus* (VISSER, 1998, p.71).

Desta maneira, todos os manuais que surgem no período, de alguma forma deixam claro em seus conteúdos as formas do bem viver, do saber conduzir-se, e as pessoas interessadas, desejosas em possuir bom modos, passam a consumir cada vez mais este tipo de literatura, uma vez que tudo está escrito e pode ser aprendido. Neste universo, os protocolos, os rituais, os preceitos que narram ações “faça” e “não faça”, entretanto, mesmo aprendendo tais habilidades, não seriam fatores preponderantes para abrir caminhos aos indivíduos a frequentarem os melhores círculos, pois, o que é de acesso a todos, torna-se desvalorizado, pelo fato de ser comum.

As boas maneiras e, mais especialmente, “classe” ou “estilo”, que inclui fala, porte e gestos, exigem uma aprendizagem ainda no colo da mãe. A pessoa precisa nascer no lugar certo e ser criada ali precisa ter “linhagem”. As maneiras do tipo “inefável” são aprendidas, acima de tudo, vivendo com pessoas para quem o estilo é uma “segunda natureza<sup>20</sup>” (VISSER, 1998, p.71)

Seletos escolhem que pode ou não, adentrar a este foro mais íntimo. Nesse sentido, foi necessário que as pessoas internalizassem mudanças nos regimes dos comportamentos, tais códigos posturais, conformaram uma mudança nas relações entre os indivíduos. A “boa sociedade” e seus códigos de costumes e maneiras imprimiam fortemente uma regulação das emoções. Esta regulação, de uma boa sociedade, conforme indica Wouters<sup>21</sup>, por meio da teoria de Elias, possui três funções: 1) uma função modeladora; 2) uma função representacional, e 3) uma função de regulação da mobilidade social e da competição por *status*. Sobre estas funções, resumidamente expomos: a função

---

<sup>19</sup> Visser(1998) discorre que o conceito de “bom gosto” foi criado no início do séc. XVII. Os historiadores franceses indicam que o inglês John Dryden teria sido o precursor do termo.

<sup>20</sup> Visser (1998) utiliza o conceito de segunda natureza de Norbert Elias.

<sup>21</sup> Cars Wouters, desdobra os estudos de Norbert Elias, ao demonstrar que os processos civilizadores continuam rumo a uma informalização e emancipação dos comportamentos, denominado por ele, como *terceira natureza*. Sua pesquisa concentrou-se na análise de manuais de boas maneiras, holandeses, americanos, ingleses e alemães, que foram escritos do final do século XIX ao final do século XX. Ver *Sex and Manners: Female Emancipation in the West since 1890*. London:Sage, 2004.

*modeladora* – Wouters enfatiza que até o século XIX as cortes tiveram esta função modeladora de comportamentos, sendo que posteriormente “os círculos posteriores da boa sociedade eram maiores e a sociabilidade neles era mais *privada*, o que tornou menos visível a função modeladora da boa sociedade”. Sobre segunda função, a “representacional”, Wouters afirma que “qualquer época, os comportamentos prevaletentes na boa sociedade irão refletir a balança de poder e de dependência entre grupos estabelecidos e outsiders, na sociedade como um todo”. A terceira função, a “de regulação da mobilidade e da competição por status”, de acordo com o sociólogo, no século XIX, salienta que os processos de formalização se tornam mais elaborados. Convites, festas, jantares, apresentações, foram instrumentos de inclusão e exclusão dos indivíduos na boa sociedade. Neste meio, ficariam os que melhores assimilassem estes códigos comportamentais. “Desse modo, os códigos da boa sociedade também funcionavam para regular a mobilidade social e a competição por status” (WOUTERS, 2012, p.549-550).

Podemos apreender melhor tais questões quando Norbert Elias (1994) infere que a formalização dos costumes e de disciplinamento dos indivíduos representaram processos de longa duração, nos quais as emoções “perigosas” relacionadas à violência física, passaram ser controladas, autocontroladas, e tornaram-se cada vez mais automáticas. Ressalta-se que o afrouxamento da formalização desses comportamentos, conforme descritos também por Elias, dar-se-á no século XX. Neste caso, a diminuição deste movimento ocorreu em detrimento a processos de longa duração, em que a informalização dos comportamentos e emancipação dos costumes tornaram-se predominantes, como afirma Wouters (2012, p.546), “as emoções que antes haviam sido negadas e reprimidas, até então readquiriram acesso à consciência e uma maior aceitação nos códigos sociais”. Estes processos de informalização continuam no século XXI, assegura este sociólogo.

No entanto, no transcorrer do fim do século XIX e nas primeiras décadas do XX, Wouters enfatiza que a “mistura social” não pode mais ser evitada, pois o estabelecimento de muitas redes de relações pessoais e interdependentes fez com que, “impulsos inferiores tiveram de ser reajustados sob um controle social e mental mais flexível” (WOUTERS, 2012, p. 558).



Com tais mudanças, os livros de etiqueta também tomam um sentido para organizar a vida das pessoas, pois se direcionavam a quem estava no centro de poder, os “novos ricos”. A circulação ampliada desses manuais e coleções especializadas se insere nas escolas e nos grupos sociais na expectativa de que os indivíduos aprendessem de forma racionalizada os códigos de refinamento propostos pelas sociedades ocidentais burguesas. A literatura enfatizava as qualidades individuais, a decência, a ética, e a integridade. Assim, o sentimento de superioridade deveria ser controlado no sentido da “busca pelo natural”, ou seja, as tensões entre pessoas são transformadas, tornando-as mais flexíveis e cuidadosas. Enquanto houve tempo em que pessoas de status inferior eram evitadas, ao longo do século XX, os sentimentos de superioridade e inferioridade é que passaram a ser evitados: o ato de distanciamento social foi internalizado, transformando as tensões entre pessoas em tensões internas às pessoas (WOUTERS, 2012, p. 559).

Desejosos por reconhecimento, os grupos se utilizavam de estratégias para manterem-se e estabelecerem-se no meio social. Aspectos como a autodisciplina, a honra a promessas, as rotinas de ordenação de tempo e horários eram necessárias para conviver com essa “vida racional”. Neste novo universo, as escolas tornaram-se as principais divulgadoras de normas e tendências, das quais crianças e jovens seriam os vigilantes atuantes destes ensinamentos prescritos nos manuais, inspirados em exemplos claros de como se dava a aprendizagem das regras de convivência e civilidade dentro e fora deste espaço. Tais aprendizagens se constituíam na contenção de sentimentos e pulsões e ainda na conformação de uma formação voltada ao recato de sensibilidades. Neste sentido, os manuais foram elementos fundamentais naquilo que estavam propondo, ou seja, inferir na constituição de um modelo de comportamento nas relações entre os indivíduos e os grupos.

### 1.3 Manuais de civildade e boa conduta como fonte no Brasil

A partir do final do século XIX, inúmeros manuais de etiquetas podiam ser encontrados nas principais livrarias das cidades brasileiras, utilizados com o objetivo de contribuir para a formação de pessoas ávidas por aparentarem refinamentos que os distinguissem da grande maioria da população e que os levassem patamares mais elevados de uma boa sociedade.

No Brasil, a formação dessa burguesia diferencia-se do que apontamos anteriormente dos países europeus. Pois, na “boa sociedade<sup>22</sup>” brasileira, a qual nos referimos, a exemplo a carioca, foi formada por uma classe social que inclui fazendeiros, comerciantes, militares, banqueiros, profissionais liberais, intelectuais, negociantes, que trouxeram ao longo do processo de formação dessa sociedade o modo de viver e de tratar os outros, hábitos que incorporaram dos antigos costumes coloniais. Entretanto, para esse grupo faltava-lhe as formas refinadas que ordenavam os modos de se comportar, vestir, agir, falar. Daí a importância e a necessidade de se educar as formas e os sentidos desses indivíduos. Este processo de europeização que se fixou, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, exigia tais mudanças. Para homens e mulheres não bastavam possuir riquezas, mas era imprescindível o polimento dos costumes e o requinte nas formas de se apresentar à sociedade. Ao pensar a sociedade carioca, observa-se que os modos estrangeiros, na busca pelo refinamento, tornaram-se referências a partir da chegada da Família Real ao Brasil em 1808.

O historiador Jurandir Malerba (2000), em *A Corte no Exílio*, destaca as transformações que a sociedade brasileira viveu com a chegada da família real, desde cuidados com a higiene, a correção dos modos e das boas maneiras. Ao ser exilada, coube à corte utilizar-se do único elemento que lhe “conferia identidade enquanto grupo: a etiqueta” (MALERBA, 2000, p.25). Por ser uma construção social, a etiqueta se constitui como uma forma de comportamento e distinção.

---

<sup>1</sup> Boa sociedade”, de acordo com Rainho (2002, p.16), é um termo utilizado no século XIX para definir homens e mulheres livres e brancos que tanto se reconheciam como se faziam reconhecer como membros do mundo civilizado “o que caracteriza a “boa sociedade” é o fato de ela excluir os escravos e os homens livres e pobres”

O homem de etiqueta não é apenas uma pessoa bem-educada. É alguém que expressa seus costumes de modo a tributar e obter prestígio. As maneiras servem à circulação, à atribuição do respeito; permitem valorizar os poderosos, venerá-los; a etiqueta só se compreende a partir de uma estratégia política (RIBEIRO, 1993, p. 23)

As adaptações inevitáveis que a família real impôs ao novo meio são, de alguma forma, indício de como se deu, com maior ou menor gradiente de poder, a formalização de costumes. Vale notar, principalmente no Segundo Reinado (1840-1889), que os salões e as grandes festas produziram efeitos na difusão do modo de ser europeu. A civilização chegou com a Família Real, como afirmam as historiadoras Lilian Schwarz e Angela Marques da Costa,

(...) foi nos tempos de d. João VI que a colônia tomou um “banho de civilização” e conheceu suas primeiras instituições culturais: o Museu Real, a Imprensa Régia, o Real Horto, a Biblioteca Real. Mas o monarca português traria mais. Transplantaria para o país todo o ritual da Casa de Bragança, que incluía uma agenda de festas, cortejos, uniformes e titulações (SCHWARZ & COSTA, 1998, p.246).

Com a família Real, o acesso à leitura tomara ampla importância, pois, por muito tempo, a proibição da tipografia e a fiscalização da circulação dos livros impediram o acesso das pessoas<sup>23</sup>. Com a difusão dos livros e o desenvolvimento da imprensa, houve ampliação da vida cultural. Assim, por meio do crescimento do comércio de livros, em que a importação de impressos estrangeiros se configurará em mais um elemento importante desse processo civilizador.

Andrea Borges Leão (2007) destaca que muitos guias de civilidade estrangeiros tiveram a frente na correção dos modos, em que a imitação era o “segredo da originalidade”. Dentre eles, está o manual francês de Horace Raison, de 1928: *Código civil, manual completo da polidez, do tom, das maneiras e da boa companhia, contendo as leis, as regras, aplicações e exemplos da arte no mundo*.

---

<sup>23</sup> Nos 300 anos de proibição da tipografia no Brasil – afora fugazes iniciativas – o livro circulou sempre fiscalizado, com maior ou menor sucesso, pelos organismos censórios vigentes em Portugal. (IPANEMA, 2008, p.15)

Os leitores, no entanto, podiam assimilar as regras por imitação do comportamento parisiense. Importava dar à imitação o segredo da originalidade. A aplicação correta dos princípios pedagógicos da civilidade devia ser, antes de tudo, um trabalho de autoconvencimento, já que os usos rotineiros das regras tinham a força da lei (LEÃO, 2007, p.67).

É sob essa perspectiva que os manuais de etiqueta podem ser vistos como elementos fundantes daquilo que estava sendo proposto, ou seja, a constituição de um modelo de comportamento nas relações entre os indivíduos e os grupos. O fato dos manuais demarcarem fronteiras nos modos de agir dos indivíduos, considera-se que esses foram reproduções e adaptações de outros escritos estrangeiros que aqui chegaram com determinados modelos e que de alguma forma interferiram nessas relações.

Apesar de conter diferenças entre si, esses manuais, publicados ou traduzidos em várias línguas e países, apresentavam estilos e conteúdos muito semelhantes. Escritos de forma clara e didática, dedicavam-se à "ciência da civilização" e introduziam seus leitores nas especificidades que marcavam a nova vida de sociedade. A organização dessas obras era também particular. Concebidos como guias, "escolas para o mundo", os manuais possuíam uma estrutura original que privilegiava uma leitura rápida e objetiva. A consulta era fácil, e podia ir direto ao tema selecionado, sem precisar passar, obrigatoriamente, pelos demais (SCHWARZ & COSTA, 1998, p. 197).

Com expansão do mercado, muitos livreiros como o francês Baptiste-Louis Garnier atravessam fronteiras para fazer circular no Brasil as ideias inscritas em livros e guias oriundas de diversos lugares da Europa (LEÃO, 2007). Assim, como o livreiro e editor, o português Manuel Jorge da Silva – *Silva Porto* – que anunciou sua loja logo na primeira edição na Gazeta do Rio de Janeiro.

Manuel Jorge da Silva. É o primeiro a se anunciar no Rio de Janeiro e a sua propaganda data do dia mesmo da criação da Imprensa Régia, pois a *Relação dos despachos publicados na corte pelo expediente da secretaria de estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra no faustíssimo dia dos anos de s.a.r o Príncipe Regente N.S., de 13 de maio de 1808*, reza: "Vende-se na loja de Manuel Jorge da Silva, livreiro, da rua do Rosário" (IPANEMA; IPANEMA, 2007, p.23).

Neste universo das letras, muitos livros eram de cunho religioso, Bíblias, guias de moralidade, livrinhos de catecismo, literaturas edificantes com práticas morais e piedosas, bem como, a circulação de poesias, tragédias gregas e novidades políticas. Livros que atendiam tanto a demanda popular quanto a grupos de pessoas mais eruditas. Com relação aos manuais, crianças e jovens foram revestidos de uma civilidade por ora moral-religiosa, pois, ser piedoso e virtuoso eram qualificações de bons comportamentos que, adotados, agradariam e levariam a Deus, rememore-se as lições de Dhuoda para com seu filho no século IX. Comportamentos perceptíveis que aproximados aos manuais aqui apresentados demonstram estas permanências em seus conteúdos.

É verdade que, nos séculos XVIII e XIX, grande parte da população era iletrada, a cultura oral prevalecia sobre a escrita. A educação ofertada era doméstica, instalada nas fazendas, casas dos mestres e nas capelas, educação que tomou por tempo o cenário brasileiro. A aprendizagem das letras, se dava numa sequência que por muito tempo foi difundida, pois, sabia-se primeiramente ler, contar, rezar e falar, para depois aprender a escrever. Nessas práticas, a educação doméstica perpassava também nas formas de se portar. Justino Magalhães (1996, p.23) enfatiza que a educação, por mais elementar que viesse a ser, “apresenta-se-lhe como um suporte, um factor de equilíbrio entre o homem social e o individual, um factor de mediação entre o bem e o mal”. Assim, dominar a leitura era dominar as emoções:

O ato de ler é um exercício permanente de autocontrole, assim como um modo de inscrição e aprendizado social, ainda que a leitura silenciosa tome parte nas formas de privatização e nas ilusões de autonomia da modernidade (LEÃO, 2007, p.64).

Nesse universo de aprendizagens, as práticas de civilidade estavam prescritas também em aspectos legais e deveriam – junto ao processo de letramento – fazer parte do cotidiano dos mestres contratados a ensinar os meninos. Observe-se estas prescrições contidas em uma passagem na Lei de 6 de novembro de 1772:

VI. Item Ordeno: Que os Mestres de ler, escrever e contar sejam obrigados a ensinar não somente a boa fôrma dos caracteres: mas também as Regrais geraes da Orthografia Portugueza, e o que necessário for da Syntaxe della, para que os seus respectivos Discípulos possam escrever correctâ, e ordenamente: Ensinando-lhes

pelo menos as quatro especies de Aritmética simples: o Catecismo, e Regras de Civilidade em hum breve Compêndio: Porque sento tão indispensáveis para a felicidade dos Estados, e dos Individuos delles são muito fáceis de instillar nos primeiros annos aos Meninos tenros, dóceis, e susceptíveis das boas impressões daqueles Mestres, que dignamente se applicam a instruillos (PORTUGAL, Lei de 6 de novembro de 1772, p. 04).

Vale lembrar que este/a menino/a tenro, doce, descrito/a na lei portuguesa se contrapõe ao menino brasileiro. Este menino é fruto de gerações que trouxeram marcas da miscigenação cultural negra, indígena, bem como uma carga religiosa, educacional fortemente propalada pelos jesuítas que aqui chegaram no século XVI. A ideia de “domesticação para o bem” aparece na educação da criança, principalmente a indígena. Tal liberdade e graciosidade da criança brasileira foi vista pelos jesuítas como referência para a difusão da cultura cristã, a qual fortaleceria as próprias missões dos padres; pelos gentios assegurando-lhe trabalhadores; e futuramente servidores nas casas-grandes. Sendo assim, as crianças precisavam ser orientadas à autoridade dos grandes. Em sua obra *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre relata:

Estava longe o culumim de ser o menino livre imaginado por J.J. Rousseau: criado sem medo e superstições. Tanto quanto entre os civilizados, vamos encontrar entre os selvagens numerosas abusões em volta à criança: umas profiláticas correspondendo a receios da parte dos pais de espíritos ou influências malignas; outras pedagógicas, visando orientar o menino no sentido do comportamento tradicional da tribo ou sujeita-lo indiretamente à autoridade dos grandes (FREYRE, 2001, p. 197).

Essa imposição que foi instaurada fez com que houvesse um sufocamento da espontaneidade nativa, os cantos, a arte e os ritos, enfim, seu meio ‘amoral’ foi repreendido, pois o “jesuíta tomou conta do menino e fê-lo representar melhor sua vida” (CASCUDO, 2001, p. 248).

Pode-se dizer que o domínio de um grupo que se percebe supostamente como “superior”, o europeu e cristão, acaba impondo aos brasileiros e nativos um outro padrão social e cultural.

Nesse sentido, restou à cultura indígena uma espécie de conformismo aparente, pois o fato das crianças indígenas estarem muito próximas da fauna e flora, sua cultura natural, fez com que o imaginário infantil tivesse conotações instintivas maiores, ou seja, a racionalização/intelectualização europeia serviu-

lhe apenas superficialmente. E aqui infere-se também o menino brasileiro, uma vez que, nessas relações, o menino brasileiro perpassa sua formação identitária por uma rede de infâncias, estas contidas em lugares e compostas de diferentes culturas. Pois, quando se fala de infância indígena e negra, tem-se uma noção generalizante, isto é, como construção única, uma vez que existem nesta composição inúmeros povos indígenas e africanos que também se constituem de inúmeras infâncias.

Ao pensar nessas infâncias, consideram-se as palavras de Gilberto Freyre quando descreve este menino:

(...) por uma espécie de memória social, como herdada, o brasileiro, sobretudo na infância, quando mais instintivo e menos intelectualizado pela educação europeia, se sente estranhamente próximo da floresta viva, cheias de animais e monstros, que conhece pelos nomes indígenas e, em grande parte, através das experiências e superstições de índios. É um interesse quase instintivo, o do menino brasileiro de hoje pelos bichos temíveis. Semelhante ao que experimenta a criança europeia pelas histórias de lobo e urso; porém muito mais vivo e forte; muito mais poderoso e avassalador na sua mistura de medo e fascinação; embora na essência mais vago. O menino brasileiro do que tem medo não é tanto de nenhum bicho em particular, como bicho em geral, um bicho que não se sabe bem qual seja, espécie de síntese da ignorância do brasileiro (FREYRE, 2001, p. 199).

O medo se caracteriza por não se saber qual é e nem de onde vem, mas são reminiscências que perduram em adultos, e principalmente nas crianças. Medos que vieram de muito longe, trazidos também da África pelo povo escravizado, ou pelos viajantes portugueses e de outras partes do velho mundo, que se juntaram aos medos dos nativos que já habitavam o local, este, perpassado pela capacidade da fluência da palavra. Ressalta-se que para estes povos, a palavra falada é o aspecto principal da sua tradição, ao contrário da cultura ocidental que tem na escrita sua fonte de conhecimento.

Entre os alguns grupos africanos, existe o *Griot*<sup>11</sup>, assim como os *cotteries* (europeus). Este grupo são mestres na arte de falar e os responsáveis pela memória dos homens para as futuras gerações. Consideravam também que o hábito é a essência, elemento fundamental na palavra, o qual a escrita não o

---

<sup>11</sup> Griot é um termo de origem francesa que descreve uma série de funções no contexto da sociedade africana. Indicando uma posição de destaque, esse nome é atribuído aos responsáveis pela transmissão oral da tradição histórica que faziam as vezes de cronistas, genealogistas, arautos, poetas, adivinhos (PRIETO, 1999 p.37).

contém. Aos negros no Brasil coube a função de difundir a memória de seu povo, mesmo quando muitas vezes não pudessem expressá-las, devido à submissão que sofriam. Mesmo a duras penas, percebe-se claramente essas memórias verificadas a longo prazo, contadas nas histórias, no vocabulário, na cozinha e as influências que as amas/mães de leite tiveram nas famílias mais abastadas. A figura das amas foi significativa no interior dessas famílias, pois, nesse contexto, teve expressiva função na educação dos meninos brancos, transmitindo-lhes a memória de sua terra originária.

O papel da mãe-negra foi de transmitir ao filho as estórias da sua terra, os cantos, o respeito aos deuses e aos animais encantados. Essa cultura oral ficou espalhada, diluída, difundida no cenário que a envolvia, mas resistiu ao tempo, dando sabor aos elementos posteriormente conhecidos, um sabor de minoria, mas de valor mais forte que o da massa majoritária (...) o menino africano deve ter brincado com o menino branco e mestiço da Casa-Grande, das vilas e povoações servidas pela escravaria. Mas guardou a estória negra. Max Muller notara que os contos infantis são a última coisa que um povo empresta a outro... (CASCUDO, 2001, p. 229).

De acordo com Norbert Elias, estas sensibilidades revelam a história interna de cada indivíduo (psicogênese), bem como a incorporação ao nível coletivo dessas normas sociais (sociogênese). Elias observa que cada nação possui suas especificidades e que a criança adquire culturalmente as formas de se comportar na sociedade a que pertence “e assim cada nação apresenta alguma coisa própria, diferente das demais. A criança, em vista disso, deve proceder de acordo com os costumes do lugar onde está” (ELIAS, 1994a, p.102).

Ao pensar nessas influências das culturas indígena, portuguesa e africana, a oralidade e a superstição foram internalizados como utensílios culturais brasileiros. Memorizações repetidas pelo povo, legados que fazem parte da cultura, como os nomes de santos, pinturas em forma de cruz nas portas para proteger-se do diabo, orações, danças, cantos, lendas, talismãs e muitos outros comportamentos e crenças, que fazem parte dos processos históricos que compuseram a sociogênese e a psicogênese empreendidas no interior da sociedade brasileira.

Novos medos trazidos da África ou assimilados dos índios pelos colonos brancos e pelos negros, juntaram-se aos portugueses, da côca, do papão, do lobisomem (...) e o menino brasileiro dos tempos



coloniais viu-se rodeado de maiores e mais terríveis mal-assombrados que todos os outros meninos do mundo. Nas praias o homem-marinho – terrível devorador de dedos, nariz e piroca de gente. No mato, o saci-pererê, o caipora, o homem de pés as avessas, o boitatá. Por toda a parte, a cabra-cabriola, a mula-sem-cabeça, o tutu-marambá, o negro do surrão, o tatu-gambeta, o xibamba, o mão de cabelo. Nos riachos e lagoas, a mãe-d'água. A beira dos rios, o sapo-cururu. De noite as alma penadas (FREYRE, 2001, p. 328).

Todos estes aspectos culturais e sociais, contribuíram nas formas de refrear as emoções dos indivíduos. Para ilustrar um pouco esse contexto, Cascudo (2001) conta-nos uma situação interessante de sua infância. O autor relata que, em certo dia, ele e seus familiares hospedaram-se na fazenda de uma conhecida chamada D. Cosma, mulher matrona que tinha a disciplina como referência para tudo que fazia. Cascudo narra que D. Cosma mantinha todos sob sua vigilância e manutenção até nas orações, conforme descreve:

Aí vai D. Cosma rezando o *Padre-Nosso*, contrito:  
Padre Nosso que estais...Fenelon? Fecha a boca, negro!  
No céu. Santificado seja...Te aquieta, moleca!  
O vosso nome...Deixe de risada, herege!  
Venha a nós o vosso reino...Bote a língua pra dentro, Bastião!  
Seja feita a vossa...Que balançado é esse, Catarina?  
Vontade...Vicente? Você fechou o chiqueiro?  
Assim na terra...Vá arrotar na cozinha, negra!  
Como no céu...Fechou bem fechado, Vicente?  
O Pão-Nosso...Parece que a cabra está solta!  
De cada dia...Severino, tire a mão dos pés!  
Nos dai hoje...Deixe de abrimento de boca, Zefa!  
Perdoai as nossas dívidas...Acabe com essa coceira!  
Como nós perdoamos...Inácio? Bote esse gato pra fora!  
Os nossos devedores...Não disse que a cabra está solta?  
Não deixais cair...Bote o gato logo, está surdo?  
Em tentação...Zeferina? O lugar de dormir é na rede!  
Mas livrar-nos, Senhor...Pare com esse roncado, Jeremia!  
Do mal...Solte os pés, negro sujo!  
Amém...Voceis não deixam a gente rezar direito! (CASCUDO, 2001, p. 429).

Compreendem-se, assim, que em algumas situações na tradição estavam envoltos modos de comportamento pautados nas leis divinas e terrenas expressas nas orações, nos ritos e modos de se organizar socialmente. Neste exemplo, fica claro que, no ato de rezar, onde reuniam-se todos em torno do oratório, nestes momentos funcionavam, além de difundir o ritmo das orações, concomitantemente as práticas de civilidade.

Portanto, eram meninos e meninas formados por elementos tão complexos que se diferenciavam brutalmente das crianças europeias,

notavelmente com as mais expressões sinceras ou no olhar estrangeiro “os sem modos”, “sem educação”, criada solta, entre a mata, casa-grande e senzala.

A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credences da senzala (FREYRE, 2001, p.56)

Especificamente após a Proclamação da Independência (1822), uma parcela da sociedade, os letrados e de classe mais abastada, expressaram desejos de uma educação mais formal. Assim, era necessário educar a criança dentro dos moldes mais civilizados. Esse menino que vinha livre, criado solto, precisava entrar nas rédeas, e o colégio conforma esta dimensão, em que, na oferta do ensino na modalidade internato e semi-externado, torna este menino enjaulado.

Felizes dos meninos que aprenderam a ler e escrever com professores negros, doces e bons. Devem ter sofrido menos que os outros: os alunos de padres, frades, “professores pecuniários”, mestres régios – estes uns ranzinzas terríveis, sempre fungando rapé; velhos caturras de sapato de fivela e vara de marmelo na mão. Vara ou palmatória. Foi à força de vara e palmatória que “os antigos”, nossos avós e bisavós, aprenderam Latim e Gramática; Doutrina e História Sagrada (FREYRE, 2001, p.471).

A escola era disciplinadora, corrigia os erros, punia os “incivilizados”, aspectos que configuram uma condição necessária e urgente em contraposição à rusticidade nos costumes. E a escola sendo pensada como a principal difusora de novos saberes e práticas afinadas com o desejo de organização de uma nova sociedade, a partir da qualificação de indivíduos adequados aos novos espaços sociais das grandes cidades emergentes.

Nesse sentido, os modos europeus circulam cada vez tornando definidores da boa sociedade. Sobre esta questão, a pesquisadora Maria do Carmo Teixeira Rainho, em sua obra denominada *A Cidade e a moda* (2002), destaca que, no Rio de Janeiro, o jornal português *O Correio das moças*, que circulou entre os anos de 1836 e 1850, exaltava a leitura do *Manual de etiqueta*

e *civilidade*, - “para aqueles pouco familiarizados com a vida na Corte” (RAINHO, 2002, p.103).

Assim, ao pensar a propaganda de um modelo ideal de homem burguês, a circulação cada vez mais ampliada de manuais de etiqueta especializados no Brasil conforma uma dimensão histórico-nacional que demonstra as intersecções dos códigos de refinamentos adotados na busca de uma autoimagem que colocasse o país no rol das nações civilizadas.

Com isso, a leitura dos manuais de boas maneiras e etiqueta que circularam no Brasil do século XIX nos leva a uma reflexão sobre as relações, nos termos de uma discrepância, entre a construção e a codificação da ideia de comportamentos específicos adotados nas cortes europeias do antigo regime e as particularidades de nossa experiência social. A circulação dessa literatura normativa nos leva a refletir sobre a assimilação e a adoção dos modelos culturais europeus (LEÃO, 2007, p.66).

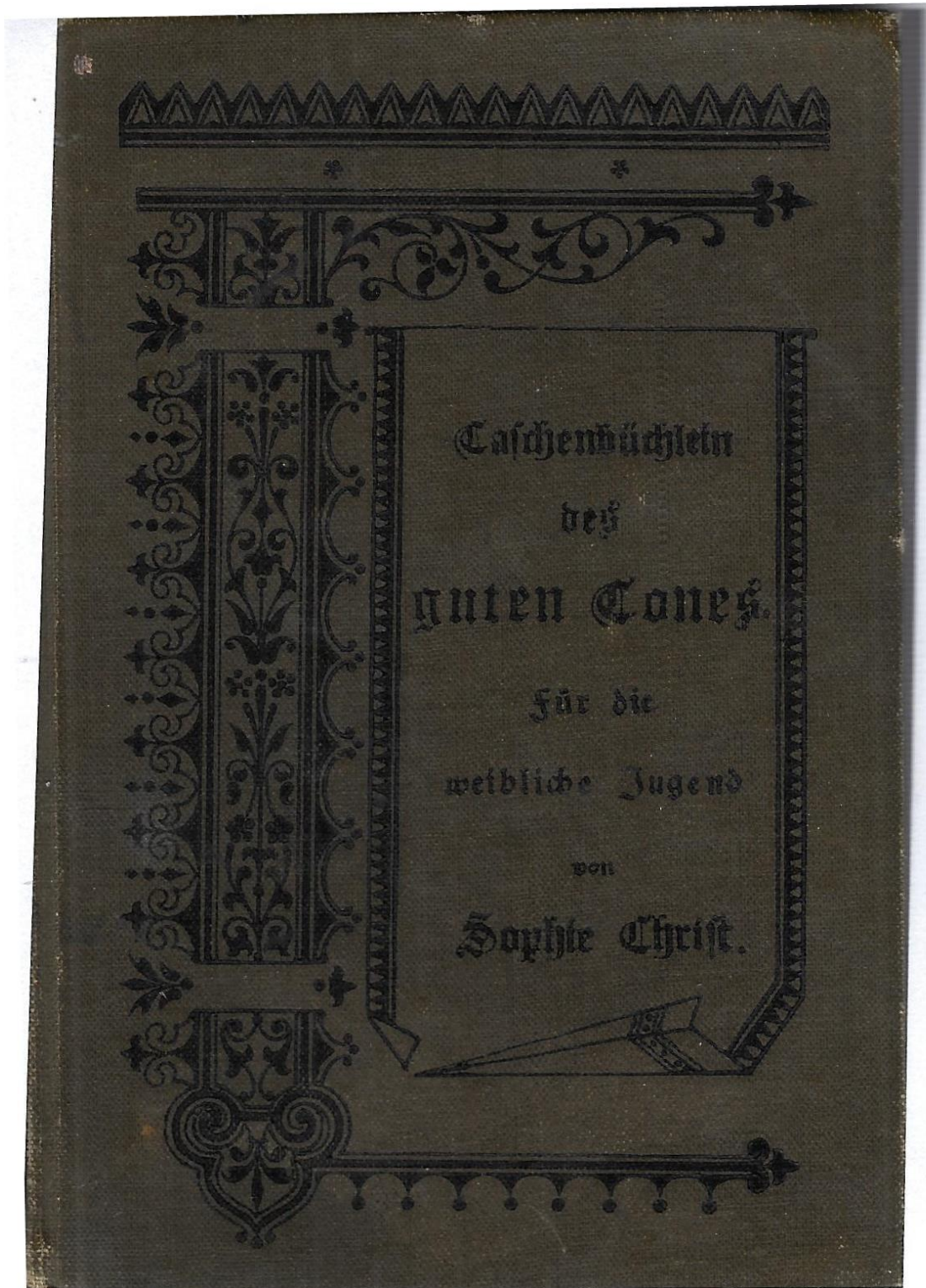
Esse processo de circulação desses manuais no Brasil foi registrado por Freyre (2001), ao descrever que barões e viscondes do Império os utilizavam para normatizar a educação de seus filhos *O Código do bom-tom ou regras da civilidade*, de autoria do cônego português José Ignácio Roquete, publicado pela primeira vez em Portugal no ano de 1845.

A outros tormentos esteve obrigada a criança branca – e até a preta ou mulata, quando criada pelas iaiás das casas-grandes. “A sociedade tem também sua grammatica”, escreveu em 1845 o autor de certo *Código do Bom-Tom* que alcançou grande voga entre os barões e viscondes do Império. Os quais, para tornarem ar de europeus, não só deram para forrar os tetos das casas-grandes – até então telha-vã – como para adotar regras de bom-tom francesas e inglesas na criação dos filhos. E adotá-las com exageros e excessos (FREYRE, 2001, p.474).

Nesse universo de parcimônias, muitas escolas tornaram-se divulgadoras de normas e tendências. As crianças e os jovens seriam, dessa forma, os vigilantes atuantes desses ensinamentos prescritos e inspirados em exemplos claros de como se dava a aprendizagem das regras de convivência e civilidade dentro e fora desse espaço. Nessas aprendizagens, o controle estava na contenção de sentimentos e pulsões, pautado em uma formação estritamente dedicada ao recato de sensibilidades.

A emergência de uma burguesia urbana nacional, em que pese as ambiguidades características desse contexto, contribuiu muito para a circulação desse tipo de literatura. Mas foram nas primeiras décadas do século XX, que “literaturas de civilidade” passaram a integrar o rol de materiais didáticos exigidos pelas Escolas Normais brasileiras, imprimindo indeléveis marcas na constituição de seus currículos escolares, moldando o comportamento das novas gerações e contribuindo para a mudança nos ritmos da vida urbana das grandes metrópoles.

**A CONDOTA DA  
JUVENTUDE FEMININA**



## CAPÍTULO II

### O MANUAL DE “CONDUTA DA JUVENTUDE FEMININA DE SOPHIE CHRIST”

As crescentes exigências feitas aos educandos nas escolas fazem com que o cultivo das virtudes domésticas e também sociais – que certamente são de importância considerável para a juventude feminina – pareça tanto mais perceptível, para que as etapas de formação não sejam unilaterais, mas harmônicas.

*Sophie Christ*

É certo afirmar que a presença do manual de Sophie Christ no Brasil, se deve a uma estratégia, segundo o significado atribuído por Certeau, articulada entre a congregação das freiras do Divino Espírito Santo e seu fundador Arnaldo Janssen na Alemanha, como veremos mais adiante. Certeau chama de “estratégia:

O cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico (CERTEAU, 1998, p. 46)

Nos relatos descritos nas cartas trocadas entre os/as missionários/as residentes nos mais diversos países com o seu líder, é possível se perceber a circulação de novas ideias e práticas divulgadas tanto no manual de Sophie Christ como em outros impressos de cunho tanto religioso como seculares que se tornaram mais comuns na Europa desde o meado do século XIX. Visto sob a perspectiva da importância que estes impressos tiveram no processo de formação da conduta de alunos e alunas em diversos localidades e países, é possível considerar que essa missão representa uma parcela fundamental no alicerce de um processo de escolarização do Brasil. A circulação dessa literatura aqui no Brasil, tem início já no século XVI com os Jesuítas no ato deliberado de ensinar a rezar, ler, escrever e contar.

## 2.1 A presença de ordens religiosas no Brasil

Conforme já divulgado no texto “Fronteiras culturais e missões religiosas no Brasil” (ROCHA; VIEIRA, 2017, p. 175-303)<sup>24</sup>, no final do século XIX, o Brasil recebeu uma grande quantidade de ordens e congregações religiosas católicas oriundas do continente europeu, que por aqui chegaram com idêntico propósito de evangelizar e de educar a nação, de acordo com os preceitos de uma nova cristandade, após longo período de restrição à sua entrada e permanência em território nacional. O início dessa celeuma deu-se a partir de 1828, a partir de um projeto de lei introduzido por legisladores simpáticos ao galicanismo<sup>25</sup>, que proibia a entrada de ordens ou corporações religiosas estrangeiras durante o Império<sup>26</sup>. Em 19 de maio de 1855, o Estado, por meio do ministro da justiça Joaquim Aurélio Thomas Nabuco de Araújo, edita um aviso circular que proíbe definitivamente a entrada dessas ordens religiosas no Brasil. A princípio, um parecer que deveria ser provisório “teve força de lei até o fim do Império, trinta e quatro anos mais tarde: proibia que as ordens religiosas aceitassem noviços sem o consentimento do Governo, garantindo assim a sua extinção em longo prazo” (ALVES, 1979, p. 30). Até o final do Império, o Brasil contava com apenas doze dioceses, as mesmas doze instituídas até o ano de 1854, de acordo com o livro *Memória histórica* de autoria do primeiro padre redentorista no Brasil, Júlio Maria (1950, p. 175). A penúria das poucas ordens religiosas que permaneceram durante esse mesmo período não era diferente. De acordo com Alves (1979),

---

<sup>24</sup> *Fronteiras culturais e missões religiosas no Brasil: as servas do Espírito Santo*, capítulo escrito em parceria com meu orientador (ROCHA; VIEIRA, 2017, p. 275-303), por ocasião do levantamento dos dados sobre a entrada e permanência da ordem missionária Servas do Espírito Santo no Brasil, como material para a realização da presente pesquisa. Alguns trechos presentes no corpo do texto são citações literais e/ou paráfrase do artigo publicado em outubro de 2017, reproduzidos com os devidos créditos.

<sup>25</sup> Teoria de estado desenvolvida na França contrária as pretensões teocráticas papistas da Idade Média e que outorgava direitos próprios, independentes de Roma.

<sup>26</sup> O motivo dessa proibição estava ligado a entrada e permanência de matrizes ultramontanas por estarem, segundo os legisladores do Império, perturbando a ordem estabelecida com ideias advindas de Roma e interferindo nos negócios da nação, tanto políticos quanto religiosos. Sobre este assunto ver em Joaquim Nabuco, “Um estadista no império”. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, vol. I, p. 211-236.

A Ordem Beneditina possuía somente quarenta monges nos seus onze mosteiros. Os conventos franciscanos também estavam quase despovoados. Os quinze seminários sobreviviam graças aos esforços dos lazaristas estrangeiros, cuja importação havia sido consentida pelo governo imperial. Os Jesuítas possuíam apenas dois colégios, localizados em pequenas cidades. As sete congregações femininas eram todas contemplativas, à exceção das irmãs de S. Vicente de Paulo, que trabalhavam nos hospitais. Ocupavam-se também de vários orfanatos, asilos, leprosas e serviam nos hospitais militares, mas a ausência de instituições educativas femininas era gritante. (ALVES, 1979, p. 34)

Júlio Maria compara a situação de penúria registrada no período imperial com o “esplendor” dos tempos da colônia, ao dizer que o Império foi, “pelo regalismo, pelo enfraquecimento das ordens religiosas, pelo desprestígio do clero, (...) finalmente, pelo racionalismo e o cepticismo das classes dirigentes - a decadência da religião” (MARIA, 1950, p. 212) católica.

Entretanto, após a proclamação da República, abrem-se novas perspectivas para o catolicismo brasileiro e para o livre estabelecimento das diversas ordens e congregações católicas no país. Apesar da emergência do estado laico e da promulgação da liberdade religiosa, publicada pelo decreto 119-A, de 07 de janeiro de 1890, as forças episcopais ultramontanas<sup>27</sup>, comandadas por D. Antonio de Macedo Costa e monsenhor Francesco Spolverini, aproveitaram o momento para garantir um importante espaço para a permanência e fortalecimento da Igreja Católica no novo regime, negociando diretamente com o católico e maçom Rui Barbosa, jurista responsável pela elaboração do decreto (ROCHA; VIEIRA, 2017)<sup>28</sup>.

De fato, o decreto 119-A indicou e favoreceu o desenvolvimento de secularização no Brasil com a instauração de um Estado laico que procurou, entretanto, mediar e acomodar, de um lado, as reivindicações anticlericais de jacobinos, maçons, positivistas, e, de outro, as exigências católicas emitidas por uma pequena, mas prestigiada elite eclesiástica de alcance nacional, e mesmo internacional, devido às ligações cada vez mais estreitas com a Santa Sé. (AQUINO, 2013, p. 121).

De acordo com Beozzo (1977), esse processo de abertura proporcionaria as condições para a “romanização” da Igreja brasileira num contexto em que ao

---

<sup>27</sup> Termo cunhado no século XI para descrever aqueles que defendem uma maior liderança de Roma e o poder absoluto do papa sobre a Igreja.

<sup>28</sup> Ver também sobre essa questão em Aquino (2011 e 2014).



mesmo tempo o liberalismo e o positivismo exerciam fortes influências, solapando os fundamentos da própria Igreja<sup>29</sup>. Este foi o período da restauração e reorganização institucional da igreja católica no Brasil baseada nas determinações da cúria romana. Este período foi extremamente importante para as pretensões da Igreja que ao redefinir a sua estratégia de expansão territorial se firma como promotora do processo de formação das elites (Cf. MICELI, 1988).

Nas últimas décadas do século XIX, no continente europeu, a Igreja, acuada por um período de intenso anticlericalismo impulsionado principalmente pelo avanço das filosofias e correntes doutrinárias que contestavam os regimes e as tradições políticas vigentes, decide por lançar-se numa aventura missionária pela América Latina, considerada o “último continente onde a cristandade parecia possível, ao mesmo tempo em que liberava os recursos humanos necessários à sua realização” (ALVES, 1979, 34). Na primeira década após a proclamação da República, “várias ordens religiosas instalaram-se no país, e as que vegetavam nos seus palácios desertos receberam reforços” (ALVES, 1979, 34). O esclarecimento deste contexto político e religioso é de fundamental importância para se compreender a crescente entrada de novas ordens e congregações no Brasil na passagem do século XIX para o XX. É importante destacar, segundo Aquino, que “com o advento da república, as Congregações e Ordens não rivalizavam com o poderio estatal e a Igreja, cujas relações com o Império estavam desgastadas desde a Questão Religiosa, também não foi vista como instituição a ser eliminada” (2016, p. 120).

No estudo sobre a congregação das Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux, Leonardi (2011) recorre ao 1º Anuário Católico, produzido pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social de 1965 (CERIS), para identificar que até o ano de 1912 entraram no Brasil 46 congregações femininas que declararam como finalidade precípua a educação escolar; e sete outras que declararam a educação como uma de suas principais finalidades (LEONARDI, 2011). Os motivos plausíveis para a entrada dessas missões no Brasil são: a fuga imposta pelo processo de laicização que teve curso em vários países europeus nesse período e a conseqüente tentativa de manter a fé nas colônias, somados à liberalização das fronteiras brasileiras à entrada de novas Ordens e

---

<sup>29</sup> ROCHA; VIEIRA, 2017, p. 281.

Congregações garantidas na constituição republicana de 1891, que, dentre outras medidas, preconizava a nítida separação entre Igreja e Estado, abolindo, no Art. 4º, o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerrogativas e dando início ao que Aquino chama de uma “laicidade pragmática”.

(...) apenas três dias após a instauração da república, o ministro de relações exteriores do governo provisório republicano, senhor Quintino Bocaiúva, escreveu ao internúncio apostólico do Brasil, monsenhor Francesco Spolverini, para informar sobre o novo regime e confirmar a manutenção das relações entre o Brasil e a Santa Sé. Não obstante os decretos publicados pelo novo regime quanto à separação entre Estado e Igreja, secularização do calendário, do matrimônio, do cemitério e do ensino, as relações entre a república brasileira e a instituição eclesiástica mantiveram nas décadas seguintes um ‘equilíbrio móvel de tensões’ num posicionamento do Estado acerca da religião que poderíamos designar como ‘laicidade pragmática’.  
(AQUINO, 2016, p. 120)

Esse conjunto de fatores criou as condições necessárias para que a Igreja pudesse então agir com total independência em um novo ambiente republicano, a partir do estabelecimento de novas regras, restaurando junto à sociedade o espaço perdido após a separação do Estado. A imigração de origem europeia também contribuiu grandemente “para a entrada de muitos padres, freiras, freis, frades de várias congregações religiosas femininas e masculinas para atuar junto aos imigrantes, às paróquias, aos hospitais e às escolas” como atesta Aquino (2014, p. 401). Além de tornar o catolicismo “mais erudito, portanto, mais atrativo para os intelectuais e os setores médios urbanos” (Cf. SERBIN, 2008, p. 82), num claro esforço para se afirmar diante das transformações exigidas pela modernidade das quais a igreja brasileira ainda estava identificada com o concílio de Trento no século XVI<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Ver em ROCHA; VIEIRA, 2017, p. 282.

## 2.2 A visão do outro

Como já dito no artigo “Fronteiras culturais...” (2017)<sup>31</sup>, parte dos discursos dos quais essas ordens religiosas se apropriaram reproduziam estereótipos herdados das literaturas de viajantes de outros países que, em geral, faziam uma representação do Brasil acentuando-lhe os traços mais exóticos e primitivos, em relação aos principais eixos organizadores da vida social. Esses discursos eram grandemente influenciados por teorias raciais que surgiam na Europa e nos Estados Unidos de forte tendência genética e geográfica que se multiplicaram durante todo o século XIX e provocaram reações ambíguas tanto de afastamentos como de deslumbramento. No dizer de Silva (2003),

O discurso dos viajantes é um esforço de dar realidade e inteligibilidade ao que se vê através de uma espessa camada de representações, em que versões são superpostas a fatos, evidenciando como as culturas estabelecem identidades e alteridades, aproximações e afastamento, hierarquias e desordens. (SILVA, 2003, p. 54)

Nesse período, estavam em curso no país processos de transformações estruturais que atingiriam com profundidade não somente as relações comerciais e políticas, mas também seriam percebidas nas relações sociais e religiosas de um modo geral. Era oportuno para as elites republicanas um projeto civilizatório que possibilitasse a transformação das concepções existentes e que reorganizasse as relações da sociedade por meio de uma intervenção política, educacional e mesmo religiosa. Expressões tais como “progresso”, “ilustração”, “civildade” eram termos invocados tanto por grupos de políticos e de intelectuais como por missões religiosas, principalmente de origens protestantes oriundas dos Estados Unidos da América<sup>32</sup>, conforme estudos realizados por diversos pesquisadores<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> Ver em ROCHA; VIEIRA, 2017, p. 283-284.

<sup>32</sup> A mudança pela educação era consenso mesmo entre os grupos de diferentes posturas partidárias e concepções ideológicas. No final do século XIX disseminou-se a crença de que um país era o que a sua educação o fizesse ser por que era dela que dependia o progresso (Cf. VIEIRA, 2006, p. 163).

<sup>33</sup> Ramalho (1976), Barbanti (1977), Mesquida (1994), Vieira (2006) dentre outros.

Essas missões estrangeiras foram grandemente responsáveis pela transmissão de uma visão de mundo que negava o outro para afirmar seus próprios valores, “criando no imaginário popular uma lógica invertida<sup>34</sup> de se ver a realidade, assim como em uma imagem que vemos refletida no espelho” (VIEIRA, 2006, p. 163).

A imagem a ser perseguida era a do outro, do estrangeiro. A imagem a ser negada era precisamente a própria imagem, a imagem do nativo, perdendo assim a sua própria essência, no dizer de Schwartzman (1988). Esse modo de se ver e interpretar a realidade, segundo padrões culturais, legou ao pensamento nacional uma aguçada crítica de sua própria imagem, construída a partir de sua herança cultural ibérica (VIEIRA, 2006, p. 164).<sup>35</sup>

Sobre esta herança cultural, destaca-se que o caráter identitário religioso entre grupos de imigrantes tanto católicos, quanto protestantes deve ser levado em consideração. Para os luteranos a religião é possuidora de uma identidade étnica, ou seja, o grupo de indivíduos dá este caráter étnico à religião, o que torna mais difícil o processo de aculturação, a “germanidade e o evangelho se unem para reafirmar a “índole alemã” da congregação” (SEYFERTH, 1986, p.62). Willenn enfatiza que diferentemente dos católicos a religião para estes indivíduos se torna mais importante que os valores étnicos “quando um alemão ou seu descendente não fala mais o alemão, ele se converte ao catolicismo” (WILLEMS *apud* RENK, 2004, p. 32).

A despeito das diferenças, ambas confissões religiosas almejavam a manutenção da fé e a nacionalidade alemã. A conservação do *Deutschtum*<sup>36</sup> deveria ser efetivada indistintamente nos grupos, para tal feito, essas ações partiram de diversos trabalhos oriundos de missionários que resultaram na edificação de instituições escolares e tornaram-se importantes núcleos de difusão de condutas e orientações religiosas próprias. Guardadas as devidas proporções, a escola, para esses grupos, era percebida tanto como um lugar de instrução e divulgação de um processo civilizatório, como também era vista como “uma excelente oportunidade, junto aos templos, para difundir seu estilo de vida

---

<sup>34</sup> Mirian Jorge Warde (2000) tem estudado esse modelo de interpretação baseado na metáfora do *Espelho de próspero* retirada dos estudos de Richard Morse (1988).

<sup>35</sup> Aqui se encerra as citações extraídas do artigo “Fronteiras Culturais...” (2017).

<sup>36</sup> Seyferth (1986) confere o conceito ao “caráter nacional” germânico traduzido na noção de *Deutschtum* (germanidade).

próprio, visão de mundo e posturas éticas e hábitos, característicos de uma cultura exógena” (ROCHA; VIEIRA, 2015b, p. 2).

É nesse contexto que para cá vieram inúmeras ordens e congregações religiosas católicas europeias e missões protestantes, principalmente dos Estados Unidos da América. Contudo, voltemos nosso olhar para as ordens religiosas católicas, em especial para a ordem feminina Servas do Espírito Santo, criada pelo padre Arnaldo Janssen.

### 2.3 O trajeto do manual de Sophie Christ

De acordo com minha pesquisa de mestrado<sup>37</sup>, Arnaldo Janssen (1837-1909) nasceu na cidade de *Goch*, na Alemanha, próxima à fronteira com a Holanda. Filho de uma família de lavradores, foi profundamente influenciado por uma forte tradição religiosa, que lhe inculcou o amor à santíssima Trindade, a devoção ao Espírito Santo e a preocupação pelas missões. Iniciou a sua formação escolar em 1844 e, aos 24 anos, foi ordenado padre na catedral de *Münster*. Logo começou a lecionar na escola secundária em *Bocholt*, onde exerceu o magistério por 12 anos, ensinando principalmente matemática e ciências naturais, base de sua formação, algo pouco comum entre os clérigos da Diocese de Münster. Conhecido como perseverante e rígido, cultivava o anseio pela “volta dos povos separados pela fé” (SVD, 2004, p.16). Foi fundador de três congregações<sup>38</sup>: Missionários do Verbo Divino (1876), Missionárias Servas do Espírito Santo (1889) e Missionárias Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua (1896).

Janssen é contemporâneo do posicionamento doutrinário de Pio IX, que atingiu o seu ápice em 1864, com o lançamento do polêmico *Syllabus Errorum*, apêndice da Encíclica *Quanta Cura*, documentos que condenavam as doutrinas

---

<sup>37</sup> Educação e civilidade: o discurso da Ordem Missionária Servas do Espírito Santo (1907-1995) defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, em 2007.

<sup>38</sup> Na cidade de Ponta Grossa, Paraná, ainda encontram-se consolidadas as três ramificações da congregação, ou seja, os padres da Ordem do Verbo Divino (SVD), as Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo (MSSpS) e as Irmãs Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua (MSSpSAP), as enclausuradas. Destacamos também o recanto da Casa Provincial denominado “Jardim da Saudade”, onde as irmãs da ordem falecidas no Brasil são sepultadas (ROCHA, 2007).

modernas tais como o liberalismo, o racionalismo, o naturalismo, o laicismo, dentre outras consideradas deletérias para a sobrevivência da fé católica. Posicionamento mais tarde ratificado pelo Concílio Vaticano I (1869-1870) juntamente com a aprovação do dogma da infalibilidade papal.

De acordo com que já observamos, (ROCHA; VIEIRA, 2017) o projeto católico era o desdobramento da visão que a Igreja tinha do mundo e do seu conceito de modernidade. O obscurantismo da pena papal despertou um forte entusiasmo missionário na Igreja, pela recuperação de um espaço perdido. Esse processo de romanização do clero foi, sem dúvida alguma, uma hábil estratégia utilizada para a execução de um plano em escala mundial. Tratava-se, portanto, de um processo de recuperação da igreja no lugar central na sociedade, “de modo a evitar o perigo e a destruição institucional, utilizava-se, para isso, como linha de frente seus membros mais preparados, e talvez por isso mais conservadores” (MANOEL apud RENK, 2004, p. 40).

Segue-se por toda a Europa uma forte reação contrária à postura dogmática da Igreja Católica. Na Alemanha de 1872, de acordo com Reuter (2004) as leis “religiosas” editadas por Otto Von Bismark, chanceler do império prussiano, “punham grandes entraves à ação pastoral e doutrinal da Igreja Católica” naquele país. A revolução cultural denominada *Kulturkampf*, de cunho anticlerical, teve como uma de suas consequências limitar o campo de atividades dos padres, das ordens religiosas, especialmente das escolas, “proibindo a abertura de novos seminários e a criação de novas paróquias” (REUTER, 2004, p. 9).

Arnaldo Janssen também se manifesta, ao colocar a necessidade de oração pela unificação da Alemanha. Sobre este momento, o padre se expressa deste modo:

Há um convite para participar num trabalho piedoso a respeito da unificação religiosa da nossa pátria Alemanha. Aqui, também o ponto principal é que só Deus pode trazer a unidade. Como católicos, todos sabemos que isto não se pode conseguir sem uma graça especial de Deus. Mas as grandes graças têm de ser imploradas fervorosamente. Por conseguinte, exceto uma instrução apropriada, o único meio que realmente pode ajudar são os meios sobrenaturais de oração e sacrifício. Na Inglaterra, eles já começaram e obtiveram bons resultados: muitas e maravilhosas conversões. Temos seguido este exemplo até certo ponto, mas precisamos de fazer mais, pois a graça recebida transformará não só a Alemanha mas toda a Europa. Além disso ele apresenta a questão da missa diária, em Fulda. A santa missa diária oferecida em honra de S. Bonifácio e de todos os Apóstolos da Alemanha seria apropriada. Eles trabalharam imensamente para

lançar os alicerces do cristianismo na Alemanha e conseguiram uma parte, com o seu sangue. Por isso, eles são os maiores intercessores naturais. Por este motivo nós precisamos de contribuições para que possamos garantir uma missa diária em Fulda. Podem mandar isso ao P. Arnaldo Janssen, Kempen, Rhineland-Prússia, ou a qualquer um dos abaixo assinados (...). Se Deus nos conceder a nossa petição, a missa ainda continuará, mas será pela propagação da Igreja Católica, em outros países. Ele termina citando uma oração da liturgia de S. João Crisóstomo. Tomamos a liberdade de encomendar esta oração, também pelos nossos irmãos separados, que, connosco, lamentam a divisão religiosa e não têm nenhuma objeção à oração comum, e pedem a sua abolição (BHURIYA, 2015, p.15).

É este o contexto histórico vivenciado pelo padre Arnaldo Janssen. Rocha (2007) salienta que após suas atividades na escola de *Bocholt*, Janssen dedicou-se integralmente à promoção do Apostolado da Oração, formado por um grupo de professores e alunos jesuítas do sul da França. Para angariar, converter e confirmar outros fiéis, Janssen intensifica suas atividades e funda em 1874 o *Pequeno mensageiro do sagrado coração de Jesus*, um boletim informativo que logo ganhou ampla circulação entre o movimento do Apostolado e que mais tarde transformar-se-ia em uma revista difundida entre as demais correntes da Igreja, dando ênfase principalmente à ideia de um sistema educacional de preparo para o trabalho missionário além-mar. De acordo com Bhuriya, padre Arnaldo Janssen estava envolto com as notícias do mundo missionário e por isso sua revista era essencial para a divulgação das ações católicas:

Arnaldo estava atento aos sinais do seu tempo, às necessidades da Igreja e interessado em saber as notícias sobre o mundo missionário. Por isso, gostava de se encontrar com os missionários que passavam pela Alemanha para entrevistar ou ouvir testemunhos missionários para a sua revista. Desta forma, veio a contactar com o Prefeito Apostólico de Hong Kong, Bispo Raimondi, que estava de visita pela Alemanha. Encontrou-se com ele algumas vezes e fez-lhe uma entrevista para a sua revista. Também partilhou com ele a sua preocupação por não haver na Alemanha nenhuma casa de missão para formar missionários. Arnaldo sabia bem que países como “França, Itália, Bélgica e até Inglaterra onde a vida católica era fraca, tinham essas instituições” (BHURIYA, 2015, p.18).

Sendo assim, em 1875, Janssen funda na cidade de *Steyl*, Holanda, a Casa da Misericórdia de São Miguel, com o intuito de enviar missionários de língua alemã aos países onde o evangelho ainda não era suficientemente conhecido. Sobre o dia da criação do lar missionário a revista *O Mensageiro do*

*Sagrado Coração de Jesus*, do número do mês de setembro, trazia o seguinte anúncio: “desde que não aconteça nada de imprevisto, os homens insignificantes, com a ajuda de Deus, têm empreendido a fundação duma casa missionária Alemã-Holandesa; será aberto o estabelecimento, no dia 8 de setembro de 1875, na festa da Natividade de Maria” (BHURIYA, 2015, p.21).

Em janeiro de 1876, Arnaldo Janssen constrói sua própria gráfica para a produção de sua revista *Pequeno mensageiro*. Era “possível, de agora em diante, publicar a revista regularmente no início de cada mês, pois editorial, redação, expedição e impressão se encontram no mesmo lugar” (SVD, 2004, p. 33). Nesse mesmo ano, divulga os primeiros estatutos da sua comunidade, que passa a se chamar Sociedade do Verbo Divino – *Verbitas*.

Nessa época muitos projetos missionários foram criados com o mesmo propósito. Em essência, eram guiados pela orientação incondicional de Roma e regidos por um catolicismo austero de cunho tridentino, romanista, episcopal e clerical, que, além de outras prerrogativas, autorizava os bispos e padres a falarem em nome de Deus.

Os pontificados de Pio IX (1846 – 1878) e Leão XIII (1878 – 1903) investiram recursos na criação de novas abrangências no mundo católico, no revigoramento e formação do trabalho missionário e no incentivo do clero em áreas de missão. O Padre Arnaldo Janssen deu ênfase na divulgação do projeto missionário além-mar, ampliando a circulação de suas publicações nas áreas de língua alemã. Essas revistas logo se transformaram em veículos importantes para a divulgação das atividades e das orientações da igreja. Para Janssen, essas publicações faziam parte de uma estratégia de difusão com objetivos bem definidos (ROCHA, 2007).

Quando alguém quer divulgar algo bom, precisa tentar influenciar seus companheiros, e para isso, precisa usar meios conforme as exigências da época. No momento, um destes meios é a imprensa. A palavra falada passa e desaparece; a palavra impressa permanece e pode ser lida muitas vezes de novo (SVD, 2004, p.33).

Com a ampla divulgação de seu projeto missionário, em 1879, Arnaldo Janssen envia para a China os dois primeiros missionários, João Batista Anzer e José Freinademetz, alcançando assim povos do extremo oriente (SVD, 2004,



p. 28). O sucesso das produções editoriais em *Steyl*<sup>39</sup>, como fomento da consciência missionária, angariava fundos necessários à prodigiosa expansão de sua obra. Em 1889, envia os primeiros missionários para a América Latina, tornando a Argentina o segundo “território missionário” da Sociedade ao lado da China. No mesmo ano, funda a Congregação feminina das Servas do Espírito Santo.

Janssen seguiu uma estratégia de penetração bem delineada, uma vez que estendeu a presença da congregação masculina do Verbo Divino e dos institutos religiosos femininos a países como China, Togo, Nova Guiné, Japão, Estados Unidos, Argentina, Brasil, Chile e Paraguai. Padre Arnaldo Janssen faleceu em 1909, deixando uma sociedade organizada com quase 800 membros, entre irmãos, padres, freiras, noviça/os e postulantes<sup>40</sup>. “Deixou-as tão solidamente cimentadas que, apesar de graves crises e perdas pessoais e materiais durante as duas guerras mundiais e a época do nacional-socialismo na Alemanha, puderam continuar a desenvolver-se até hoje” (REUTER, 2000, p. 19 e 20).

## 2.4 “Jeito de mulher” e “jeito de freira”: As servas no Brasil

Os primeiros padres da Sociedade do Verbo Divino Francisco Tolliger e Francisco Dold chegaram no dia 12 de fevereiro de 1895 em Vitória, no estado do Espírito Santo. No dia 19 de março, fundaram a congregação junto aos imigrantes oriundos do *Tirol*, no município de Santa Leopoldina.

Siguieron invitaciones a aceptar parroquias, seminarios y colegios en otras diócesis, entre otras, el año 1899 en Juiz de Fora, que pronto se convirtió en el centro de la SVD en Brasil. A. Janssen envió a la gran nación en total 53 sacerdotes, 20 hermanos y, desde **el año 1902, 36 hermanas**, que dirigieron escuelas de párvulos y de primera enseñanza y colegios (BORNEMANN, 1971, p.330).

A pesquisadora Giralda Seyferth (1994), indica em seus estudos que a imigração de grupos de alemães estava vinculada na pequena propriedade, e

---

<sup>39</sup> Além da revista *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus* (1874), Janssen publicou ainda a revista *Cidade de Deus* (1878) e o *Calendário de São Miguel* (1880).

<sup>40</sup> Ver mais sobre a vida e obra de Janssen em ROCHA (2007).

que estava garantida pelo Estado desde 1818. De acordo com a autora, estes imigrantes foram dirigidos, para colônias agrícolas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Houve também assentamentos de estrangeiros alemães no estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, por volta de 1870, mas sem muito sucesso “foram experiências efêmeras, não se constituíram como fluxo imigratório” (SEYFERTH, 1994, p.11).

A autora ainda ressalta que os motivos que levaram a concentração de imigrantes no sul do país, foram pela imagem negativa que o Brasil possuía por ser uma nação escravista, bem como a forma que se deu o processo colonizador, sobretudo após a publicação do livro de Thomas Davatz<sup>41</sup> (1858) *Memórias de um colono no Brasil*, que continha relatos das péssimas condições dos colonos do interior de São Paulo; das dificuldades dos imigrantes do sul nas fazendas de café. Outros aspectos foram evidenciados por Seyferth, nesse processo de instalação dos estrangeiros especificamente no sul, em parte foi devido aos discursos proferidos pela elite brasileira que considerava “a Região Norte (ai compreendida o Nordeste) pouco apropriada à colonização com europeus” (SEYFERTH, 1994, p.12), bem como as questões estruturais fundiárias do país. Sobre este movimento, Seyferth exemplifica as primeiras experiências da instalação de imigrantes alemães no Brasil:

A primeira colônia com alemães foi estabelecida na Bahia, antes mesmo da Independência; considerada um empreendimento mal-sucedido, atribuiu-se o fracasso ao clima tropical. Na verdade, a maioria dos autores e a própria população tueto-brasileira utilizam como marco inicial a data de fundação de São Leopoldo – 25 de julho de 1824 – a primeira “colônia alemã” do Sul do Brasil. Outras colônias seriam fundadas em Santa Catarina e no Paraná na mesma década de 1820, mas o assentamento foi interrompido durante a Revolução Farroupilha e retomado só no final da década de 1840 no Rio Grande do Sul, e em 1850 em Santa Catarina, com a fundação da mais paradigmática das colônias – Blumenau (SEYFERTH, 1994, p.12).

Seguindo posteriormente estes direcionamentos aos lugares de missões, a congregação expandiu-se para vários estados, e a Província Regional do Brasil foi instituída em 1899, em Juiz de Fora, Minas Gerais “atuação da ordem

---

<sup>41</sup> O livro “foi escrito por Thomas Davatz e impresso em Chur em 1858. Davatz era suíço e veio para São Paulo como colono contratado para trabalhar na fazenda de Ibicaba, do senador Vergueiro. Era homem de uma certa instrução, mestre escola em sua terra natal. Chegando em Ibicaba, vindo da Suíça liberal não pôde se adaptar ao regime de uma fazenda paulista, onde ainda trabalhavam escravos “(MORAES, 1941, p.2).

masculina abrangeu colégios, escolas, internatos e semi-internatos, abrindo espaço para a presença da ordem feminina” (ROCHA, 2007, p.42). Sendo assim, em 1902, Arnaldo Janssen encaminhou as primeiras seis Servas do Espírito Santo para o Brasil. Ir. Walburgis, Ir. Lourença. Ir. Regina, Ir. Bonifácia, Ir. Córdula e Ir. Crescência. Este grupo formou dois campos de atuação: um em Juiz de Fora e outro em São José dos Pinhais, no Paraná. A ordem era para que as religiosas empreendessem todo o esforço, de modo a oportunizar nos indivíduos o conhecimento dos princípios da “verdadeira religião”.

A partir dessa análise, percebe-se que o objetivo de Janssen era evidente em uma de suas cartas<sup>42</sup> destinada às irmãs, na qual ressalta: “dêem àquela gente pobre um tanto inclinada à ociosidade, um bom exemplo de como se deve esmerar no serviço de Deus” (JANSSEN, 10/12/1904). O excerto ilustra a rigidez e conseqüentemente o controle com que os dogmas religiosos deveriam ser tratados, assim sendo, a união do grupo se fez de ataque, mas essencialmente de defesa. Sobre este aspecto Michel de Certeau ilucida,

dai um novo significado para a educação, instrumento de coesão numa campanha para manter ou restaurar a unidade. O saber se torna, para a sociedade religiosa na sua catequese ou nas controvérsias, um meio de se definir (CERTEAU, 2015, p. 128).

Este ideal de servir a Deus, a devoção cristã aparece ao longo da história da Igreja, em cada época, homens e mulheres devotos tiveram ações de acordo com os mistérios da fé. No universo dessa vida dedicada a Deus, muitos foram convidados a rezar, outros a ser especialmente contemplativos, e indivíduos que foram consagrados a receber revelações, sem contar aqueles, que sem lugares legítimos divulgaram sua fé e devoção por meio de missões evangelizadoras.

Sobre estes influentes religiosos, Michel de Certeau (1998), se debruçou a compreendê-los, e buscou, por meio de suas reflexões, evidenciá-los a partir das formalidades de práticas religiosas, estas que muitas vezes eram constituídas e difundidas por meio de discursos. Certeau explica que as práticas, só podem ser compreendidas na inter-relação, entre os processos históricos, as relações de poder e as questões socioculturais, fatores que sempre irão

---

<sup>42</sup> De acordo com Aguiar (2012) as cartas são destinadas à alguém e elas contém intencionalidades e temporalidades. Ver mais em *Jan Hus: Carta de um educador e seu legado*.

tensionar as “estratégias” e “táticas”. Compreender estes movimentos dos indivíduos que professam em um nome de um real, nesta vontade de se fazer crer, também são categorias observadas por Certeau em seu livro: *A invenção do cotidiano* (1998), em uma crítica às relações de poder, propõem os conceitos de “estratégia” e “táticas” e destaca a capacidade criativa dos indivíduos, na tentativa de revelar o comportamento dos consumidores (usuários) que, longe de serem passivos, inventam o novo, as táticas de consumo.

Certeau define “estratégia, como cálculo (manipulação) das relações de força que se torna possível a partir de um momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”. As estratégias impõem a ordem, escondem os cálculos, pois o poder a sustenta e possui lugar próprio. A tática, por sua vez “é uma ação calculada que é determinada pela ausência de um outro”. “Nenhuma delimitação de fora lhe favorece autonomia”. A tática é fragmentada, não pode contar com um *próprio*, só tem por lugar *o lugar do outro*. Pelo fato do seu não-lugar, ela não tem meios de se *manter em si mesma*. Ela fica à espreita, vigiando para *captar no vôo, golpe a golpe* esperando a possibilidade de ganho. “A tática é a arte do fraco”. (CERTEAU, 1998, p. 46-47; 99-100).

Ao posicionar-se enquanto historiador, Certeau entendia e respeitava a especificidade do crer, e longe de conceituar o religioso como um inventário carregado de crenças, explica que: “entendo por ‘crença’ não o objeto de crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma ‘modalidade’ da afirmação e não seu conteúdo” (CERTEAU, 1998, p.278). Certeau ainda sugere outras reflexões quando narra sobre:

a pretensão de *falar em nome de um real* que, supostamente inacessível, é ao mesmo tempo o princípio daquilo que é crido (uma totalização) e o princípio do ato de crer (uma coisa sempre subtraída, inverificável, ausente). De outro lado a capacidade do discurso, autorizado por um *real*, para se distribuir em elementos organizadores de práticas, isto é, em “artigos de fé” (CERTEAU, 1998, p.286).

Esses processos de se “fazer crer” institucionalmente aparecem naquele que irá responder pelo outro - “fiador” - na “busca de amor e/ou de identidade” (CERTEAU, 1998, p.278). Assim, o engajamento de tantos homens e

especialmente mulheres com esse mesmo ideal, apareceram nos movimentos religiosos:

No séc. XIII encontramos “um duplo movimento de grande interesse: o protagonismo da ideia da «troca dos corações» e a eclosão da «vida religiosa apostólica».” Destacaram-se neste século santas mulheres e santos homens como: Lutgarda, Matilde, Gertrudes, Margarida de Cortona, Ângela de Foligno; da escola Franciscana: Francisco de Assis, Boaventura, etc.; da escola dominicana: Alberto Magno, Mestre Eckhart, João Tauler, Henrique Suso (no final do séc XIII e início do XIV), etc. Neste século, estas santas mulheres mencionadas aqui e outras como monjas e beguinas tiveram um papel muito importante. É nesta altura que “as mulheres começam a tomar a palavra para pregar, escrever ou ditar as suas revelações.” O principal contributo delas consistiu em reformar uma Igreja destruída e ferida pelos cismas, a simonia, a secagem (dessecamento) intelectual, a falta de radicalidade e os abusos de toda a ordem (BHURIYA, 2015, p.53).

Entre os séculos XIV e XV os movimentos religiosos femininos tornam-se mais fortes e públicos, e especialmente na Alemanha “houve mulheres santas da ordem dominicana que apareceram nesta época dando um grande impulso à devoção ao Sagrado Coração. Entre outras, menciono: Margarida Ebner, Cristina Ebner, Adelaida Langmann, Catarina de Sena” (BHURIYA, 2015, p.53).

O século XVI a despeito da divisão da igreja com a Reforma Protestante, das transformações políticas e de conflitos socioeconômicos do período no ocidente cristão, este foi considerado por Bhuriya, o século de ouro para a igreja católica, pois surgiram grandes homens e mulheres que posteriormente se tornariam santos, como: “Francisco de Osuna, Santo Inácio de Loiola, S. João de Ávila, Santa Teresa de Ávila, S. João de Cruz, S. Pedro Fabro, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja. [...] S. Pedro Canísio (na Alemanha) e Santa Maria Magdalena de Pazzi (na Itália)” (BHURIYA, 2015, p.53).

Certeau (2015) caracteriza este tempo dos séculos XVI e XVII, como uma tentativa da igreja católica recuperar o visível, conforme assumido no Concílio de Trento (1545-1563) em seus preceitos. A estruturação por meio de normas e prescrições, alicerça uma nova identidade da igreja católica, ao elaborar tais preceitos, estes, se estenderão por séculos normatizando a vida de muitos. Esta consolidação pode ser entendida, por alguns fatores determinantes atribuídos à eficiência do poder papal; um clero reformado, em que bispos, missionários e outros integrantes se tornam mais combativos a *recristianização*; de certa forma a união do Estado e Igreja para solucionar problemas de ordem social,

econômicas, culturais; e pelo imaginário social, representado ao mesmo tempo pelos desejos e ao medo da pecaminosidade, valores que povoaram a consciência dos indivíduos.

Sobre este último aspecto reporta-se a Elias, ao considerar como estes valores mais profundos mexem com o imaginário dos indivíduos e afetam a vida social, porém velados pelos mecanismos de defesa e auto-controle “não raros, os valores que representam a essência daquilo que dá finalidade e sentido à vida contribuem para a constante renovação de tendências destruidoras da vida e do sentido, as quais, por sua vez, reforçam os valores de defesa contra essas ameaças” (ELIAS, 1994b, p.73).

Dentre inúmeros decretos do concílio, estava a recuperação de espaços que os católicos perderam, e que estavam sendo ocupados pela presença do ‘outro’, o inimigo, representado pelos protestantes, hereges, feiticeiros, blasfemadores, pensadores e outros agentes do mal. A presença da igreja além dos dogmas, se fazia forte pelos objetos de culto aos santos, imagens e relíquias, os templos como receptáculo de missas, de adorações e orações, todos esses elementos Certeau (1998) caracteriza como “objetos cridos” “objetos de fé”, que são essenciais como organizadores das práticas do cotidiano daqueles que creem.

Neste contexto, fazer-se ouvir em si mesmo a palavra de Deus, passa a ser tarefa imprescindível desses homens e mulheres em missão.

No séc. XVII, sobretudo em França apareceram: S. Francisco de Sales, Pedro Bérulhe, Jean Jacques Olier, S. João Eudes, Santa Margarida Maria Alacoque, S. Cláudio La Colombière, etc [...] O séc. XVIII também se destacou pela espiritualidade reparadora. Surgiram grandes homens, grandes mulheres, grandes famílias religiosas. “As congregações eudistas; cartuxos; santa Verónica Giuliani, abadessa das clarissas de Città di Castello; S. Paulo da Cruz, fundador dos passionistas; as «matildianas» ou beneditinas do Santíssimo Sacramento, que levaram a adoração as perpétua à Polônia e a difundiram em confrarias e livros; a Ordem da Visitação e as Ursulinas, também difusoras das confrarias do Sagrado Coração e de celebrações de amande honrável Luís Maia Grignon de Montfort em sua atividade missionária; os jesuítas, vinculados ao legado de La Colombière, e os redentoristas, fundados por Afonso Maria de Ligório.” [...]. O século XIX foi o século em que apareceram muitas congregações dedicadas ao ensino que imprimiram na educação o espírito reparador. Algumas delas: a Congregação do Sagrado Coração de Jesus e Maria, fundada em 1821, por André Coindre, em Lyon; a Congregação de Santa Clotilde, criada também em 1821, por Antoinette Aubry Desfontaines e o P. Rauzan, que insere a adoração perpétua num projeto educativo ao serviço da recristianização da

França pósrevolucionária; a Sociedade do Sagrado Coração (num tempo conhecidas como Damas do Sagrado Coração, hoje Religiosas do Sagrado Coração), fundada em 1800, por Magdalena Sofia Barat, com um sentido inaciano da *redamatio* (BHURIYA, 2015, p.55-57).

Seguindo esta trajetória dos espíritos reparadores pelo mundo e com estratégias romanizadoras, Arnaldo Janssen no século XIX, dedica-se a este projeto de formação da congregação feminina. Para execução desse projeto eram necessárias mulheres abnegadas para os desafios que as aguardavam.

A vida conventual feminina é uma experiência de intensa dedicação às regras doutrinárias e disciplinares. Para muitas mulheres, o desejo de viver essa experiência religiosa, na maioria das vezes, é um impulso voluntário, em busca de proteção ou mesmo de uma autêntica devoção e desejo de seguir uma vida pia. De um lugar a outro, obedecem às ordens da Madre Superiora, a qual está subordinada às orientações de superiores masculinos. Miriam Pillar Grossi (1990), ao pesquisar a construção da vida conventual feminina de freiras e ex-freiras no estado de Santa Catarina, explicita que muitas dessas mulheres, buscaram ingressar na vida religiosa para conquistar a ascensão social e/ou realização pessoal. A saída de casa da família e passar a viver no convento para muitas delas era a possibilidade da liberdade, viagens e aventuras a esperavam, uma vez que estavam fadadas ao casamento ou a vida de camponesa subordinada ao pai.

Miriam Grossi, relata que após adentrarem, ao espaço confessional depararam-se com os mais variados obstáculos, um deles era o dote uma exigência fundamental para ingressar em uma congregação, sem contar o enxoval que permeava entre roupas, peças íntimas, cama e banho “é verdade que a maior parte destas meninas aos 15 anos já tinha confeccionado parte de seu enxoval de casamento (...) muitas trocam com suas irmãs, primas ou até em lojas da cidade estas peças de casal por peças de solteiros” (GROSSI, 1990, p.50).

Ao entrarem nesse universo, estas mulheres internalizam práticas de subordinação, renúncias e submissão, aceitando os princípios voltados a uma vida de dedicação, entrega e devoção, em que conformar o corpo, a mente a alma é um ato de fé. Para Charnobai (2002 p.30), “uma das principais finalidades da vida consagrada é oportunizar a transformação do *eu*, o que se consegue,

por exemplo, através da adoção do hábito, da mudança do nome e da adesão aos modelos e valores transmitidos pela figura do fundador da congregação”. Entretanto, ao romperem e sublimarem com antigos comportamentos, não se desconsidera a destituição de suas identidades, uma vez que a criança/mulher continua dentro da religiosa, mas sim, passam a internalizar outros, que construíram este novo universo feminino. Esta ‘sujeição’ religiosa especificamente às mulheres freiras está repleta de sentidos.

Nessa perspectiva, Arnaldo Janssen segue seu projeto de formação do grupo feminino e adota as regras de Santo Agostinho, para nortear os modos e condutas de sua congregação religiosa. As primeiras mulheres a compor o grupo de missionárias foram Madre Josepha e/ou Hendrina Stenmanns e Madre Maria, Helena Stollenwenk. Inicialmente tanto Helena quanto Hendrina, dispuseram-se a trabalhar na cozinha da Casa Missionária. De acordo com Grossi (1990, p.54) “o trabalho doméstico para o clero masculino é o exemplo maior de subordinação das religiosas aos homens da Igreja, pois reproduz a subordinação da mulher casada e dona de casa”, e ainda sobre esta questão Leonardi (2010, p.36) escreve “Deus não tem sexo, mas é pensado no masculino; a desigualdade entre os sexos existe e o masculino é polo positivo e superior”.

Assim, esperaram durante sete anos até que, finalmente, junto com outras quatro mulheres, puderam iniciar a vida de Religiosas Missionárias, em 8 de dezembro de 1889.

Originalmente, Arnaldo tinha pensado em denominá-las também com o nome do Verbo Divino. Em 1882 escreveu o primeiro esboço da Regra para as Irmãs. Ainda pensava numa só congregação, formada por três grupos: sacerdotes, Irmãos e Irmãs, todos com o nome de Verbitas, do Verbo Encarnado. Durante a visita de Arnaldo a Viena, em abril-maio de 1883, o P. Medits (Vicentino), seu amigo, sugeriu-lhe que desse às Irmãs o nome de «Filhas do Espírito Santo». Pela sua adoração ao Espírito Santo, reparariam os pecados cometidos contra Ele. E mediante a sua adoração ao Santíssimo Sacramento, implorariam as graças divinas para a Igreja, especialmente para os sacerdotes (BHURYIA, 2015, p.45).

Conhecidas como as “Irmãs Azuis”, pela cor azulada de seus hábitos, traziam estampado o desenho do Sagrado Coração, detalhe que mais tarde seria modificado.



La protectora de las hermanas es Maria, con el título de la Esposa Inmaculada Del Espíritu Santo...Las hermanas corales, a diferencia de las legas, guardan estricta clausura. Llevan um vestido rojo rosado, um manto azul y um velo blanco. El hábito de las hermanas legas es azul y blanco (el color rojo significa el amor, el azul la humildad, el blanco la castidad) (BORNEMANN, 1971, p.246).

As vestimentas fazem parte de uma representação idealizada do ser missionária, imagem inspirada na figura da Virgem Maria, a mulher perfeita, que se torna o modelo a ser seguido. As mulheres em missão assim deveriam externalizar as formas de se portar, nos gestos, nas falas, ou seja, um modelo de recato e castidade para o espaço das relações sociais, assumindo-o como uma forma de controle e de autocontrole. Neste sentido, constrói-se o que Grossi (1990) denominou de 'jeito de freira'.

Posteriormente à fundação, outras mulheres foram compondo o grupo, porém para esta inserção, as religiosas passavam por uma rigorosa seleção. Janssen dividiu o grupo em dois tipos de formação, um composto por aquelas que seriam responsáveis pela docência e outro grupo de irmãs de trabalho (leigas) (ROCHA, 2017). Evidencia-se sobre este assunto nesse excerto quando escreve Irmã Josepha em 1902:

As irmãs se alegraram muito com a designação e enviam a V.Revma. cordiais agradecimentos. Elas parecem muito contentes e vão escrever a V. Revma pessoalmente. Irmã Walburgis junta a esta uma cartinha. Irmã Laurentia e Irmã Regina parecem entusiasmadas. Irmã Bonifácia também se alegra muito. Ela ainda vai se exercitar para aprender a fazer conservas, pois agora é o tempo próprio. V. Revma. escreveu sobre tratamento de animais. Também disso já cuidamos. Irmã Crescência vêm do campo e na juventude cuidaram de animais. Ultimamente Irmã Crescência cuidava dos doentes. Por esta ocasião extraiu e obturou dentes também. Já a tende o mais necessário, e vai exercitar-se nisso ainda (Ir. JOSEPHA, Steyl, 09/06/1902)

Nesta seleção incluía a realização de provas, análise de comportamentos, domínio de outras línguas, atributos artísticos, primeiros socorros, cuidado com animais e trabalhos domésticos. A somatória desses atributos resultaria o perfil ideal das eleitas, o que levou dois anos para esta formação. Um exemplo de como estas avaliações eram feitas é percebido em uma das cartas em que descreve a utilização de um formulário próprio contendo os requisitos em forma de abreviações.

Las abreviaciones de esta Carta, en detalle: besch = modesta, humilde; tr=melancólica; blei=ofensiva; u=intranquila; eing=recogimiento; z=irritable; a=ojos recogidos; ta= crítica; st=respeta el silencio; s=escrupulosa; v=tolerable (bajo el ítem «amor al prójimo»); v=idónea para um cargo de superiora, bajo ítem especial al votar para la emisión de votos. Estas abreviaturas iban seguidas de números em tipo volado (0,1,2,3,4) para indicar la intensidad de la falta o de la virtude, según el caso; «no, poco, más, bastante, mucho. Tratándose de virtudes: 0=malo, [1=menos malo], 2=bastante bien, 3=bien,4 =muy bien» (JANSSEN, 1905, p.70-71).

Como visto em minha dissertação de mestrado (2007), essa separação das atividades – “instrução” e “trabalho” – representava um equilíbrio entre a condição desejável e a possível de se obter. As irmãs de trabalho estereotipavam a figura natural que a mulher possuía para o cuidado com o lar, as prendas domésticas. As irmãs-professoras representavam uma profissão que muitas mulheres desejavam, a despeito dos entraves que pudessem enfrentar. O magistério era visto como uma oportunidade de ascensão social com a qual contava o sexo feminino naquele período.

Janssen alertava para o fato de que a missão no Brasil não seria algo tão fácil, por isso deveria escolher aquelas que estivessem dispostas e que tinham condições físicas, morais e intelectuais para enfrentar as adversidades. Em sua visão, o Brasil se tornaria, no futuro, uma tarefa árdua. Diz ele em carta enviada à irmã Josepha:

Se não colocarmos uma Irmã de peso como superiora, poderemos ter ainda muitos desgostos. Irmã Walburgis terá crescido suficientemente para uma Missão difícil? De lá estão pedindo também irmãs que saibam falar fluentemente o Francês, para a escola. Temos tais irmãs que o saibam ou dão esperanças de o saber? (JANSSEN, 28/02/1902).

Essa maneira de projetar as dificuldades da vida das irmãs no Brasil revela o nítido olhar preventivo do estrangeiro, que observa a realidade por meio de sua própria ótica e de outros relatos produzidos a partir de interesses econômicos, científicos, exóticos, culturais e filosóficos que circulavam sobre o continente Latino Americano a partir da segunda metade do século XIX.

Sobre os cuidados da congregação (ROCHA, 2007, p. 44) é possível dizer que “Arnaldo Janssen não saiu da Europa para visitar sua obra no Brasil,

manteve contato por meio de cartas<sup>43</sup>, e por meio delas deliberava e orientava as decisões tomadas em sua congregação”, ou seja, Janssen falava a partir de um lugar estratégico, na visão de Certeau. Seu conhecimento das pessoas, das cidades, da natureza, enfim, não só da realidade brasileira, mas de outros lugares, era mediado pelo *olhar de muitos*; não só dos missionários viajantes<sup>44</sup>, mas também de muitos outros *outsiders*, que em suas concepções formaram a ideia que o povo brasileiro era incivilizado. Esse era o olhar de cientistas, políticos, religiosos, comerciantes, homens das letras e das artes, filósofos e aventureiros que por aqui transitaram com liberdade e curiosidade durante todo o século XIX.

Nas cartas enviadas Janssen demonstra clara preocupação em estabelecer um grupo coeso não só no que diz respeito ao trabalho, mas também no cultivo das boas relações interpessoais e comportamentos aceitáveis. As irmãs deveriam ser dóceis, amigáveis e confiáveis, tornando assim as mulheres o alvo privilegiado de suas ações.

O sentimentalismo pautado na piedade e na devoção revela uma convicção religiosa extremamente romantizada e idealista, na qual os indivíduos confiam e acreditam, para a qual fazem concessões, e à qual se submetem em nome de uma fé incondicional. Desse modo, as irmãs poderiam influenciar nas práticas e na construção de modelos religiosos ideais, sendo a educação da infância e da juventude o vetor principal da difusão de tais modelos, mesmo que essas influências demandassem algum tempo. Como ensina Arnaldo Janssen às irmãs:

Conserve os bons princípios que aprendeu na Casa-Mãe, e insista por eles também junto a outros. O principal é que suas alunas não só adquiram bons conhecimentos, mas que aprendam bons princípios, cujo auxílio possa ser promovido à boa vida cristã da família. Mesmo

---

<sup>43</sup> Sobre as cartas destinadas ao Brasil e que constitui uma das fontes produzidas pela ordem, salienta-se que a partir de 1902 as cartas são trocadas entre Janssen, na Europa, e as irmãs que já se encontravam no Brasil. Especificamente ele remeteu sua última carta para o Brasil em 1908 e faleceu em 1909. As cartas posteriores à sua morte foram enviadas por outro Superior Geral, mas não manteve a mesma periodicidade. As correspondências se configuram em pareceres meticulosos por parte das freiras ao seu fundador. Em geral, registram a viagem e a chegada ao Brasil e posteriormente às cidades de missão; descrevem a fundação dos colégios; as dificuldades com a língua e os costumes. Arnaldo Janssen destaca a manutenção das regras a partir de Roma; enfatiza a imagem e o controle do corpo; exige a preservação os bons princípios e costumes que apreenderam na Casa-mãe. Ao longo do projeto Pe. Arnaldo Janssen ultrapassou a ordem de mais de 5.000 correspondências (BHURYA, 2005, p.24).

<sup>44</sup> O trabalho sobre *Histórias de estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação*, Sarat (2004) retrata sobre este *olhar* por meio da literatura produzida por viajantes estrangeiros no século XIX.

que isto não alcance logo um grande círculo, não faz mal se aqueles que o praticaram, forem bem firmados naqueles princípios, com o tempo vai-se propagando mais e mais (JANSSEN, 09/05/1906).

Essa ideia de que a mulher era responsável pela guarda moral da família foi intensamente divulgada. As alunas educadas de acordo com os princípios católicos seriam, ao casarem-se, o núcleo de uma família cristã com a possibilidade de influenciar o marido e educar os filhos nos mesmos princípios. Assim, as mulheres tornar-se-iam divulgadoras das novas tendências da Igreja, a partir das escolas e dos movimentos religiosos femininos. Dessa maneira, em sua constituição e na estruturação no cenário brasileiro, a ordem missionária Servas do Espírito Santo representa, uma das muitas congregações que se utilizaram de práticas de controle e difusão por meio da organização educacional.

Nesse sentido, além da militância e engajamento na causa religiosa e educativa, falar o idioma do país para o qual foram enviadas era imprescindível para a aproximação com os estabelecidos. Dominar a língua dos locais é um importante componente na relação de poder entre grupos de *estabelecidos* e *outsider*. As ordens religiosas, especialmente as católicas naquele momento, detentoras de um longo aprendizado na relação com diferentes culturas, puderam, com esse domínio linguístico, posicionar-se mais efetivamente na relação de poder com os grupos focalizados nos processos de evangelização (ROCHA, VIEIRA, 2017). *Outsider*, em realidade, significa um maior distanciamento das fontes de poder, ainda que possam ser moradores mais antigos. Ou, para utilizarmos aqui das metáforas formuladas por Pesavento (2006) e Albuquerque (2010), o idioma era a condição primeira para a travessia dos marcos que limitam e separam duas culturas, pavimentando o caminho e a percepção dos trajetos e dos pontos de ligação. Para isso, o aprendizado da língua portuguesa foi concebido como um dos pontos cruciais para a realização dos trabalhos.

Com relação à língua portuguesa, antes de tudo as Irs. Professoras procurarão aprendê-la bem, mas não somente estas, como também as Irmãs de trabalho, pois todas precisam dela e quanto mais depressa e quanto melhor a conhecerem, tanto mais ligeiro se sentirão em casa na terra estranha e assim onde for necessário saberão conversar com os habitantes e lhes dar resposta [...] A Sr<sup>a</sup>. aprende com facilidade línguas estrangeiras, mas tal não acontece com todas as Irmãs. Se já é difícil conversar numa língua, ainda outra coisa é ensinar nesta língua. Neste caso se descobre que, para diversas expressões em

alemão, não se encontram as correspondentes na outra língua e disso virão às dificuldades (JANSSEN, 15/07 e 31/12/ 1902).

O excerto da carta afirma a preocupação para que as irmãs aprendessem a língua nativa. Isso é bastante compreensível, uma vez que a missão dirigia-se a uma região colonizada por estrangeiros de origem alemã. Esses colonos traziam em seu projeto de vida a perspectiva da fala do país para o qual imigraram, assim, era necessário auxiliá-los, tanto no estreitamento das relações cotidianas entre culturas opostas, abrindo portas e criando pontes de acesso entre lugares distintos, entre os internos e o externos, como também para o estabelecimento do trabalho catequético. Para Elias (1994), “a polêmica linguística corresponde a uma estratificação social bem definida, bem característica. Indica e delimita o grupo que, em dado momento, exerce controle sobre a língua [...] a maneira como uma língua se desenvolve e é definida corresponde a uma certa estrutura social” (ELIAS, 1994, p.121).

Mesmo aprendendo o português as irmãs mantiveram a conservação na língua alemã, pois todos os registros, as cartas e crônicas foram feitos na língua materna, em uma clara evidência de que o grupo valorizava esse elemento cultural que os diferenciava e os particularizava em relação ao outro, comunicação na escola, na igreja e na comunidade era feita em português, mas nas atividades do cotidiano e na vida privada as conversas eram realizadas na língua materna, ou seja, uma língua para executar a missão, portanto subordinada à outra de foro interior das relações para a política, para o poder e para normatização (ROCHA, 2007). Sobre o poder, Elias, o evidencia dentro da seguinte perspectiva, se existem indivíduos e grupos, o poder é relacional, “o equilíbrio de poder não se encontra unicamente na grande arena das relações entre os Estados, onde é freqüentemente espetacular, atraindo grande atenção. Constitui um elemento integral de todas as relações humanas” (1980, p. 80).

Assim, os indícios desvelam a representação da manutenção da identidade étnica, elemento fundamental de coesão de um grupo. O cuidado com o uso da língua nacional estabelece um mundo de valores experimentados anteriormente e que, de alguma forma, tinham que ser preservados; “a língua é uma das manifestações mais acessíveis do que consideramos como caráter nacional” (ELIAS, 1994, p. 119).

A ordem feminina foi cuidadosamente zelada pelo seu fundador, que mediava todas as ações sem deixar que nada lhe fugisse aos olhos: horário das refeições, orações, leituras, repouso, silêncio, banho. Além disso, Janssen sempre lembrava às religiosas seus objetivos e o seguimento das regras estabelecidas anteriormente ainda na Europa (ROCHA, 2017). Entretanto, em um recorte de uma das correspondências de Janssen deixa transparecer as interações sociais oriundas do confronto entre as distintas culturas.

Escreva mais tarde uma carta especial que trate deste assunto, e que explique o que houve neste ponto, no Convento onde as senhoras estiveram hospedadas, o que fazem aí em sua casa, e o que é costume entre o povo em geral. *A senhora pergunta a respeito do banho. Por favor, avise-me como é o uso aí, e quantas vezes, e também qual a sua opinião* (JANSSEN, 07/05/1903, grifos nossos)

Um olhar mais atento aos registros revela que a adaptação ao novo país gradualmente trouxe mudanças de comportamento no grupo, aspectos que não foram anteriormente planejados, “nem foi intenção de qualquer um desses indivíduos, mas emergiu a despeito de suas intenções e ações” (ELIAS, 1993, p.140), com o passar do tempo foram assimilados e naturalizados.

As mudanças nos hábitos, entre eles, a barreira da língua, na culinária, hábitos de higiene, horários de repouso e trabalho, a princípio, desorganiza o cotidiano, provoca reações de resistência nos indivíduos que por fim se adaptam às adversidades. Entretanto, essa adaptação não é um ato passivo. “Ela se dá mediante um intercâmbio entre culturas que aos poucos se interpenetram produzindo novas formas de ajustes e conquista do espaço vivido” (ROCHA; VIEIRA, 2017 p.194). Nessa relação recíproca, ambas são transformadas, assimilando e ressignificando aspectos culturais de outrem. Essa transformação se dá tanto nos aspectos individuais quanto coletivos “toda a sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar, sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo” (ELIAS, 1994, p.67). Neste sentido, a sociedade se constrói a partir de toda ação humana, esses atos são lentos e prolongados e ela constitui-se na transformação do modo de proceder dos indivíduos, bem como na mudança dos seus sentimentos de uma forma não planejada (ROCHA, 2007).

Sobre esta questão, Pesavento (2006) chama-nos a atenção para o fato de que o conceito de fronteira “trabalha, necessariamente, com princípios de reconhecimento, que envolvem analogias, oposições, correspondências, comparações, enfim (...) implica estabelecer um jogo permanente de interpretação e conexões variadas” (PESAVENTO, 2006, p. 10).

De tal modo, cruzar fronteiras, para os missionários da ordem, estava além do sentido geográfico, cultural, era ir ao encontro dos pobres e marginalizados, atender os povos de cultura e tradições religiosas diferentes da que seguiam, ou seja, para eles/as, as fronteiras “não são geográficas, mas são situações que estão presentes, embora em grau diferente, praticamente em toda a parte: situações onde o Reino de Deus ainda não é visível” (SILVA, 2012, p.63).

Assim, orientadas pela hierarquia da congregação que a missão nessas terras não seria fácil, as irmãs deixaram na Alemanha suas vidas de mulheres “normais”, e se entregaram ao “chamado” - a convocação divina, e foram viver em um país, diferente em sua língua e cultura. Ao assumirem seus votos, empenharam-se nesta vida-ativa pelos mais diversos cantos do mundo, empregaram todos os meios, habilidades e oportunidades disponíveis para desenvolver um trabalho catequético educacional a elas confiado.

Independentemente do lugar geográfico onde o Evangelho possa ser anunciado, os missionários deveriam distinguir-se por uma atitude de desprendimento partindo não só da sua terra, mas deixando para trás o ambiente social e cultural que lhes eram familiares, ou seja, abdicando do status quo para viver e trabalhar nas fronteiras sociais, culturais e religiosas da missão. Neste sentido, a missão nas fronteiras não significaria tanto um lugar ou um espaço territorial, mas uma atitude que leva o missionário a sair para fora do mundo familiar onde se sente confortável e seguro (SILVA, 2012, p.56).

Em 7 janeiro de 1903 com 18 alunas, iniciou o projeto educacional das irmãs o colégio “Stella Matutina” fundado em Juiz de Fora no estado de Minas Gerais e concomitantemente abriram uma escola para atender crianças pobres. O colégio Stella Matutina de 1907 a 1931, serviu para a congregação como sede da primeira província brasileira. No Paraná, enfatiza ainda a pesquisadora, que no ano de 1904, as irmãs assumiram uma escola em São José dos Pinhais, próximo à Curitiba, e, em 21 de março de 1905, instituíram a primeira escola confessional católica em Ponta Grossa. Logo a escola subdividiu-se em três: a

Escola Alemã, a Escola Polonesa e uma Escola para os Negros, que funcionou na sacristia da Igreja do Rosário, mantida pelos sócios da Fraternidade do Sagrado Coração de Jesus. Esta escola – hoje Colégio Sant'Ana - foi a segunda da Congregação e sede da Província do Sul. No ano de 1907, também fundaram o Colégio Nossa Senhora de Belém em Guarapuava.

Constata-se que expansão de escolas confessionais não só no Paraná, mas também em outros estados e que foram construídas próximas aos núcleos de imigrantes, mantinham como objetivo central, a manutenção da fé e que de alguma forma contribuíram significativamente para a formação religiosa, moral e educacional daqueles que passaram por estes espaços educativos. Sobre o Rio Grande do Sul, Kreutz destaca sobre os imigrantes alemães que no início do século XX “havia organizado, na região rural do Estado, uma rede de 1.041 escola comunitárias com 1.200 professores. Praticamente não havia analfabetos nessas comunidades teuto-brasileiras” (KREUTZ, 1994, p.149).

Três anos após a chegada ao Brasil, as freiras cogitaram a possibilidade da admissão de religiosas brasileiras na ordem como uma força extra para a realização das tarefas missionárias. Contudo, a despeito das inúmeras dificuldades apontadas pelas irmãs para a realização do trabalho missionário e das positivities de incorporarem nativas ao grupo, Janssen via com prudência a inserção de religiosas brasileiras na congregação. Em carta ao Brasil, Janssen discorre:

Felicitó-a pelos sucessos das irmãs em São José e Ponta Grossa, como também aos seus nas Escolas paroquiais aí. Se com o colégio ainda não vai tão bem quanto desejava, não queremos perder a coragem com isso. Pode ser que, mais tarde, vá melhor. *Quanto à admissão de Irmãs brasileiras, a Sra. se engana achando que eu a desejo. Ao contrário, ainda me conservo bastante cético, nesta questão. Se começarmos, teremos de continuar, e pode ser que a coisa nos passe por cima da cabeça. De qualquer jeito, há dificuldades maiores, como pode ver que então a Regra deveria ser impressa em português. Eu vou conversar com o Pe. Provincial, se talvez se puder proceder à admissão de uma ou outra petente de língua alemã, das colônias alemãs do Brasil. Em todo o caso, tal seria mais fácil. Se alguém lhe perguntar a respeito de admissão, pode responder esquivando-se; que ainda somos novas no país, e que ainda não houve preparação suficiente para tal (JANSSEN, 19/07/1905).*

A apreensão para com a admissão de irmãs brasileiras deixa clara a preocupação do fundador com a preservação e manutenção de valores oriundos



da Casa-mãe. Como diz Albuquerque (2010), se a metáfora da porta e da ponte simboliza a passagem, o cruzamento entre o de fora e o de dentro, entre objetividades e subjetividades, também estabelece limites entre o interno e o externo. Então, protelar, limitar a entrada, seria uma maneira preventiva e mais segura de manter ainda intactos os velhos hábitos. O contrário certamente traria mudanças nos sujeitos e nos propósitos iniciais da ordem e isso teria impacto tanto no projeto maior quanto na autoimagem do grupo. Alterar a identidade inicial do grupo e do projeto significaria desencadear outros processos de reconfiguração de normas de conduta já estabelecidas por uma outra cultura, tida como superior. Nessa perspectiva, Elias (2000, p.23) explica que “a peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo estabelecido”.

As religiosas missionárias vivenciaram inúmeras adversidades, tais como mortes, epidemias, combates locais, nacionais e mundiais. Esses fatos fizeram parte do cotidiano e repercutiram intensamente na constituição do grupo e no ajuste das relações de interdependência estabelecidas entre os grupos envolvidos. No dizer de Pesavento (2006), pensar fronteiras na dinâmica da mobilidade “remetem à vivência, às sociabilidades, às formas de pensar intercambiáveis, ao *ethos*, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamento e ideias” (PESAVENTO, 2006, p. 11).

Conforme ressaltamos no artigo “Fronteiras culturais...” (2017) uma das adversidades que provavelmente mais tenha afetado as relações interpessoais e as condutas dos indivíduos e grupos, nesse mesmo período, foram os acontecimentos oriundos ao início da I Guerra Mundial. Devido a um tempo de insegurança, especialmente pela origem alemã do grupo social, as diferenças culturais e o rótulo de “alemão” - do outro, de *outsider* - tomaram conotações negativas e foram difundidas rapidamente como rastilho de pólvora. As diferenças se explicitaram e se tornaram barreiras a impedir o livre intercâmbio entre os grupos. As construções simbólicas de referências que definem o outro em relação/oposição a nós ergueram-se e delimitaram espaços e lugares que antes eram unificados. “Quando a identidade étnica é um estigma [...], o domínio da impressão impõe-se como uma preocupação constante dos atores. A vida cotidiana parece consistir assim numa incessante redefinição das situações

como derivando da cena pública ou da cena étnica íntima” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, apud RENK, 2004, p.91).

Neste sentido, era necessário compor o espaço de acordo com as necessidades dos indivíduos daquele determinado local que escolheram para a efetivação do projeto. Nesta perspectiva, a expansão da obra de Arnaldo Janssen no Brasil, se deu além da fundação de escolas, a congregação instalou hospitais, sanatórios, abrigos e asilos.

A partir desta rede de ações por elas estruturadas, é primordial pensar o lugar da escola, o que representou para a sociedade, pois ao se estruturarem no cenário brasileiro e por se tratar de uma organização feminina que se insere em um projeto maior de educação exógena conduzido pela Igreja Católica, remeteu à população representações de uma proposta educacional diferente do que estava posto pelas instituições públicas brasileiras naquelas localidades, visto que a organização religiosa compreendia um grupo renovado, motivado a ocupar lugares ainda pouco explorados pelos protestantes que também estavam ganhando força em diversas localidades no Brasil.

Guardando as devidas proporções, é possível afirmar que tanto católicos quanto protestantes traziam em seus projetos discursos voltados à apropriação do conhecimento espiritual e secular, que levaria as pessoas a terem boas maneiras, serem honestas, trabalhadoras, crentes em Deus, enfim, tinham a possibilidade de serem portadoras de uma nova mentalidade pela apropriação de um discurso civilizatório. O alvo principal dessas sociedades religiosas era a infância e a juventude submetidas a práticas mais conservadoras, que tinham como objetivo inculcar um conjunto de regras e condutas, mesmo que essas demandassem algum tempo para serem internalizadas.

Na constituição do colégio Stella Matutina em Minas Gerais, as irmãs relatam em suas crônicas sobre os comportamentos das alunas brasileiras:

Junto com as alunas chegam as cruces: as meninas nos davam muito trabalho. Viviam descontentes, resmungavam contra as Irmãs, queriam ir para casa e voltar só como externas. A princípio, desejávamos ao menos 6 internas para progredir em nossa tarefa e agora tínhamos que começar tudo de novo. As internas queixavam-se ora disto, ora daquilo; duas foram para casa, mas uma delas voltou. Parecia que íamos perder todas: as externas se distinguiam por atitudes atrevidas e as Irmãs ainda lutam muito (SSpS, 07/01/1903, p.6).

Ao final do primeiro semestre, as irmãs demonstram insegurança ao fazer a primeira apresentação de trabalhos das alunas por conta do mau comportamento, e assim reportaram-se: “As alunas ainda eram muito pouco educadas e capacitadas para tais atividades. Algumas mostravam um tal comportamento, de modo que as irmãs receavam realizar a festinha”, posteriormente a apresentação confirmou-se o esperado, “infelizmente, o comportamento das alunas muito deixou a desejar. Precisamos rezar muito ainda, para que haja mais disciplina, do contrário não será possível obter algo na escola” (SSpS, 14/05/1903).

Neste sentido, os comportamentos esperados foram surgindo ao longo do processo educativo/religioso desenvolvido pelas irmãs. Entendido que nesse processo de mudanças nas atitudes das meninas, havia um conjunto de ações pensadas e organizadas pelo projeto maior, o de levar educação e civilidade a todos.

É com essa perspectiva civilizatória que o manual de boas maneiras da escritora alemã Sophie Christ (1889) foi instituído como um dos protocolos de sociabilidades de trabalho das irmãs. Essa questão é verificada neste trecho de uma das cartas de Janssen à Ir. Josepha ainda no início do projeto para o Brasil.

A respeito da aula de Boas Maneiras, comunico a V. Revm<sup>o</sup>. o seguinte: O Revm<sup>o</sup> mandou 4 livros para aula de Boas Maneiras. Irmã Raphaele escolheu dois deles para suas aulas: 1) Cortesia – uma edição de 1899 (vinte conferências dadas aos alunos do Konvikt episcopal de Luxemburgo por J. Bern. Krier, Diretor). 2) O Bom Tom – de Sophie Christ, uma edição de 1901. Ambos são livros bonitos e cristãos (Ir. JOSEPHA, Steyl, 29/07/1902).

O manual de Sophie Christ utilizado pelas freiras Servas do Espírito Santo confere o mesmo tipo de sentimento para o bom comportamento. O manual não envolve somente as normas da etiqueta, mas também perpassa a moral e a ética imbricados no desenvolvimento de maneiras mais suaves e serenas, aspectos que se desvelaram nas relações necessárias uns com os outros.

Foi dentro dessa “pedagogia do comportamento” (REVEL, 1991, p.190) que as freiras deveriam alicerçar os valores e os bons costumes, disciplinar as mentes e corpos de meninas e jovens por meio da prescrição de normas de comportamento sociáveis.

As crônicas não se reportam ao manual em si, porém verifica-se por meio delas as mudanças acontecendo nas relações entre irmãs/professoras e alunas no interior do colégio “as alunas comportam-se melhor, por isso o ensino tornou-se mais fácil. Como Deus é bom para nós! Quatro alunas saíram, justamente aquelas das quais desejávamos nos ver livres” (SSpS, 07/01/1904). Em outra passagem as freiras reportam-se às apresentações das alunas, no encerramento do ano letivo, as quais, demonstraram mudanças nas atitudes, “neste ano, o comportamento das alunas foi muito melhor do que ano passado” (SSpS, 1904, p.23).

## 2.5 O mundo de Sophie Christ

Da vida de Sophie Christ sabe-se muito pouco. Os indícios que conduziram a este estudo sobre a autora e o manual que escreveu, baseiam-se apenas em alguns fragmentos de escassas obras que registraram, com insuficientes detalhes, as experiências vividas por esta personagem. Nesse sentido, e por falta de maiores detalhes, procuramos aqui reconstituir alguns aspectos que julgamos importantes para uma narrativa biográfica como uma forma de conhecimento histórico. Esta reconstituição só foi possível, graças aos contatos com algumas pessoas que intermediaram a busca por estes documentos na Alemanha. Neste sentido, apresentamos aqui dois pequenos registros que foram escritos por Marlene Hübel - *Die heitere würde der Persönlichkeit* (A alegre dignidade da personalidade), e *Blick auf Mainzer Frauengeschichte Mainzer Frauenkalender 1991 bis 2012 Ein Lesebuch* (Um olhar sobre as histórias das mulheres de Mainz 1991 até 2012). Estes registros foram traduzidos por uma egressa do curso de pedagogia da Faculdade Guairacá-PR, Andrea Kreuzcher, a qual agradecemos e damos os devidos créditos.

Procuramos analisar e interpretar a rede de relações estabelecidas por esta autora sem desconsiderar as possibilidades de uma sempre autonomia e das contradições inerentes aos sistemas normativos sócio político e cultural de seu tempo. No dizer de Giovanni Levi “nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação”

(LEVI, 2006, p. 179-180). Para Levi a biografia é o campo ideal para que se possa observar estas contradições por inexistir um fio condutor que conduza os agentes por uma trajetória sempre perfeita. É dizer que a biografia do agente nunca está desligada de seu contexto.

Há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações. A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversidade de práticas (LEVI, 2006, p. 180).

Estas observações nos ajudam a tomar todos os cuidados de modo a procurar evitar o risco da idealização dos sujeitos pesquisados. Entretanto, como bem observa Levi, mui “raramente nos afastamos dos esquemas funcionalistas ou da economia neoclássica” que nos levam “à construção de um homem inteiramente racional, sem dúvidas, sem incertezas, sem inércia” (2006, p. 180). Este compromisso com a constante “vigilância epistemológica”, de que nos fala Pierre Bourdier et all. (1999, p. 9-22), será a meta a ser seguida no decorrer deste capítulo.

Sophie Christ nasceu em 9 de setembro de 1836 em Mainz, na Alemanha, e faleceu em 23 de abril de 1931, com 95 anos de idade. De acordo com Hubel, ela não só foi considerada a mais velha moradora da cidade, como também a mais velha escritora da Alemanha. Em 1926, no seu aniversário de 90 anos, ela recebeu várias homenagens em sua cidade natal. Atuou e foi diretora, por um longo período, da Mainzer Associação de Jornalistas e Escritores, onde recebeu o título de membro honorário. Christ não se casou, exerceu duas interessantes e incomuns profissões para a época: atriz e escritora, as quais lhes deram independência e proporcionaram em sua vida segurança e amplitude cultural.

Durante os anos de escola Christ destacou-se por sua desenvoltura em dar palestras, devido à sua boa pronúncia e desempenho comunicativo. Porém, nos registros, é possível perceber que o seu maior desejo era tornar-se uma renomada atriz. Inspirando-se na performance das atrizes alemãs Karoline

Bauer<sup>45</sup> e Charlotte Birch - Pfeifer<sup>46</sup> nos palcos de Mainz, Christ deixou sua cidade natal em 1855, para iniciar sua carreira profissional rumo ao estrelato. Na cidade de Weimar<sup>47</sup> obteve contato com o prestigiado diretor teatral, poeta e dramaturgo Franz von Dingelstedt (1814-1881). Como fruto desta convivência profissional Christ assumiu diversos papéis que a levaram a percorrer os palcos dos teatros alemães de Regensburg, Heidleberg, Aachen, Wiesbaden e, finalmente, em 1870, Hamburgo. Elogiada por interpretar, especialmente papéis dramáticos, como foi descrito em 1864 pelo *Jornal de Mainz* que a destaca por seu talento em comparação com os outros atores, após uma longa representação teatral em sua cidade natal.

Senhorita Christ nos mostrou com sua interpretação sua capacidade num surpreendente grau e nos evidenciou seu grande talento como *Maria Stuart*. Foi de uma autêntica dedicação artística, com a qual a dama desempenhou sua tarefa. (...) Na escolha da direção *DorfundStadt (campo e cidade)* (comédia de Charlotte Birch-Pfeifersobre uma história no campo por Auerbachs) era previsível, que o sucesso destes papéis, além de uma relação de um esforço tremendo, a qual a Christ não tentou oprimir, seria garantido. Com a aceitação também deste papel, ela provou a versatilidade de seu talento. Mas da parte crítica consistiu o desejo, que a dama só interpretasse peças trágicas. Porém Senhorita Christ correspondeu mais uma vez com *Deborah* (que para a época moderna o drama de Salomon Mosenthal) a todas as exigências. Ela interpretou o Trágico-Excêntrico de seu papel com sentimentos e o que deve ser mencionado sempre – com sensibilidade. Mesmo sendo seu ato natural e sua linguagem sem emoção, mas digna, que penetra no coração. Entretanto, seu parceiro como *Joseph*, estava em contradição a Senhorita Christ, exageradamente estridente. Sua linguagem, que deixou a desejar, poderia ser adequada para declamação, mas para uma atuação ela de nenhuma forma é apropriada. Além disso, em momentos afetivos e de tensão, em todas as falas do texto com ponto de exclamação, o Senhor toma uma respiração horrorosa, pela qual

---

<sup>45</sup> Atriz alemã que nasceu em 29 de março de 1807 e suicidou-se em 18 de outubro de 1878, em Zurique na Suíça. Bauer, deixou o registro “Memórias de Karoline Bauer”, nesse livro a atriz faz revelações de escândalos na corte Alemã, atriz relata o quanto os príncipes eram miseráveis. Atriz foi amante e depois esposa do príncipe Leopoldo de Saxe-Coburg-Saalfeld. O casamento durou 11 meses, e logo após assumir o trono como Leopold I rei da Bélgica, o casal separa-se. Karoline casou-se mais tarde com Wladyslaw Plater. *Biblioteca Digital da Califórnia* <https://archive.org/details/memoirsofkarolin02baue&prev=search>

<sup>46</sup> Atriz e escritora alemã nasceu 23 de junho de 1800 e faleceu agosto de 1868 em Berlim. Escreveu mais de 70 peças de teatro, com temas variados.

<sup>47</sup> Weimar nos séculos XVIII e início do XIX tornou-se o centro cultural e de importância histórica para Alemanha. Nomes célebres como de Goethe, Helder, Schiller e Wieland compunham o movimento literário, que denominou o período de Classicismo Weimar. Sobre Weimar, Norbert Elias (1997), aponta que a derrota em 1918, afetou drasticamente os alemães, pois atingiu o habitus nacional, pois esta experiência foi traumática. Elias, expõe ainda sobre a literatura alemã que divisava em 1918, que tratou a guerra sobre “duas tendências diametricamente opostas – literatura em apoio a guerra e literatura contra a guerra” (ELIAS, 1997, p.190).

sua declamação se expressa insignificante. Absolutamente, essa respiração perturbadora parece ser só uma mania e nós solicitamos, nos poupar no futuro com estes bufos, que antes lembram de uma locomotiva do que de um ator. (...) Senhorita Christ é a única pessoa, que proveu valor a peça” (HÜBEL, s/d., p.81).

O mesmo jornal enfatizava que:

Mas apesar de tudo, o que valem as palavras expressas com tanto talento da profeta no próprio país? Em um evento beneficente, que Sophie Christ organizou em homenagem a sua cidade Mainz, evidenciou-se certamente o “conceito artístico do público” numeroso na galeria e no andar térreo, mas na primeira fileira do camarote Vip, na qual normalmente as personalidades de Mainz tomam seu assento, permaneceu vazio (HUBEL, s/d., p.142).

Em 1877, ela desiste da sua carreira teatral e retorna para Mainz. Nesse tempo conheceu e trabalhou como secretária da escritora Ida Gräfin Hahn-Hahn (1805-1880) que necessitava de apoio para seguir sua carreira, pelo fato de ter perdido a visão de um dos olhos “in 1840 when an eye operation to cure a squint went badly wrong, leaving her blind in her left eye”<sup>48</sup> (DIETHE, 1998, p.110).

Conhecida como condessa von Hann, Ida Marie Louise Sophie Friederike Gustave, foi uma poetisa e romancista, porém sua obra, em grande parte, compõe-se de literatura de viagem. Acredita-se que a relação de Sophie Christ com a condessa fundamentava-se no gosto pela arte, pela religião e também por interessantes e corajosas viagens que ambas compartilhavam, diferindo-se de muitas mulheres de Mainz de seu tempo.

A condessa von Hahn, ou como ficou mais conhecida Hahn-Hahn, é oriunda de uma família abastada e foi uma entusiasta dos palcos. Seu pai, o conde Carl Graf Friedrich Hann, perdeu todas as suas posses devido ao seu envolvimento com produções de peças teatrais malsucedidas. Com a separação de seus pais a condessa foi criada com os meio irmãos filhos de sua mãe. Hahn-Hahn casou-se com um de seus primos Friedrich Graf Hahn, e teve uma filha com deficiência intelectual. Devido a problemas de relacionamento separou-se de Friedrich, antes mesmo do nascimento da criança.

---

<sup>48</sup> Em 1840, quando uma operação ocular para cura de um estrabismo deu muito errada, deixando-a cega de seu olho esquerdo (DIETHE, 1998, p.110, *tradução nossa*).

Depois de sua separação, dedicou-se a escrever e a viajar. Nesta ocasião manteve um caso com um amigo de viagem Adolf Baron Bystram. Alguns indícios apontam para o fato de que dessa relação nasceu um segundo filho, mantido em segredo sua existência.

Der Scheidung und der damit verbundenen Distanzierung von der provinziellen, mecklenburgischen Adelsgesellschaft wird eine große Bedeutung für ihren Lebensweg zugemessen. Zwar wurde nach ihrer Scheidung im Jahr 1929 Adolf Baron Bystram ihr Lebensgefährte, sie hatten auch einen gemeinsamen Sohn, doch heiratete sie nicht wieder. Die Erziehung ihrer Kinder, der geistig behinderten Tochter Toni aus der ersten Ehe, die nach der Scheidung geboren wurde, und des Sohnes mit Bystram übernahm sie nicht: die Tochter wurde einer Freundin zur Pflege übergeben, ebenso der Sohn. Diese Entscheidung gegen Ehe und Familie ermöglichte es ihr zu reisen und zu schreiben<sup>49</sup> (HADDOUTI, 1995, p.13).

Juntos viajaram entre os anos de 1835 a 1837 por diversos países, em companhia de Bystram como seu agente literário.

As viagens de Ida Hahn-Hanh e de sua contemporânea Ida Pfeiffer<sup>50</sup>, a mais famosa alemã viajante, produziram um vasto material sobre literatura de viagem, sendo ambas consideradas como as primeiras mulheres alemãs a viajarem e produzirem cartas, diários, relatórios e livros sobre a cultura de outros países. Porém, cada uma com seus preceitos e auto-percepção de viajantes; Hahn-Hahn oriunda de uma família aristocrática e Pfeiffer, de família burguesa comercial.

Hahn-Hahn und Pfeiffer reisten mit wenigen Monaten Abstand in den Jahren 1842/43, beide nahmen beinahe dieselbe Route, ohne jedoch voneinander zu wissen. Ihre Berichte unterscheiden sich in ihrem Stil und in ihrer zugrundeliegenden Wahrnehmung sehr. Beide Frauen stammten aus verschiedenen gesellschaftlichen Schichten: Ida Gräfin

---

<sup>49</sup> Após seu divórcio e o distanciamento relacionado à nobreza de Mecklenburg, ela dá uma grande importância para a sua vida. Depois de seu divórcio em 1929, teve um filho com Adolf Baron Bystram seu parceiro, tiveram um filho, mas não se casou novamente. A educação dos seus filhos, a filha deficiente mental Toni do primeiro casamento, que nasceu após o divórcio, e do filho com Bystram eles não assumem: a filha foi entregue a um amigo de Bystram para o cuidado, também o filho. Esta decisão contra o casamento e a família lhe permitiu viajar e escrever (HADDOUTI, 1995, p.13, *tradução Carla Schipper*).

<sup>50</sup> Ida Laura Pfeiffer considerada a primeira alemã e a mais famosa viajante a produzir livros de viagens. Dona de casa que criou os filhos, e vendeu tudo que tinha para percorrer o mundo, especialmente o mundo islâmico. A pesquisa de Haddouti indica que Ida Hahn-Hanh com menos visibilidade que Pfeiffer percorreu no mesmo período o oriente, porém com meses de diferença. Ida Pfeiffer, viajou ao redor do mundo duas vezes, e num desses roteiros esteve no Brasil em 1845, e teve uma visão negativa da cidade do Rio de Janeiro e por extensão fez uma crítica ao país. Entretanto, enalteceu alguns espaços de rica beleza, festas, bem como os escravos que por aqui eram melhores tratados que alguns agricultores europeus e os escravos livres egípcios (HADDOUTI, 1995).



von Hahn-Hahn aus dem Hochadel Mecklenburgs, Ida Pfeiffer aus dem kaufmännischen Bürgertum Wiens. Da beide in ihrer Zeit berühmt und viel gelesen waren, können ihre Berichte durchaus als Zeugnis ihrer Zeit gewertet werden und müssen daher im literarischen und zeitgenössischen Kontext betrachtet werden<sup>51</sup> (HADDOUTI, 1995, p.6-7).

Nessas andanças Ida Hahn-Hahn teve contato com muitos livros, especialmente nos mosteiros e com diversos clérigos católicos. Nesse tempo a condessa, converteu-se ao catolicismo, recebeu a orientação e primeira comunhão na igreja Hedwig em Berlim e depois sua confirmação pelo bispo Wilhelm Emmanuel Ketteler<sup>52</sup>, em Mainz. A partir deste episódio, Hahn-Hahn optou por uma vida reclusa, fora da vida social que levava outrora, passando a viver em uma simples cela no convento da congregação francesa das Irmãs do Bom Pastor<sup>53</sup>, de 1852 a 1853. Mesmo sem pertencer à ordem ainda em 1853, ajudou Ketteler a fundar uma expansão em Mainz com seus próprios recursos, lugar que permaneceu até sua morte em 1880 (HUBEL, s/d, p.82).

A vida conventual de Ida Hahn-Hahn pode ser entendida como um espaço de mulheres, que se difere do papel de filha, esposa, mãe e de amante. O convento é pensado como lugar do feminino em que perfilam mulheres adotadas, e devotadas, muitas vezes isoladas do mundo, como pertencentes a um harém

---

<sup>51</sup> Hahn-Hahn e Pfeiffer viajaram com poucos meses de diferença entre os anos de 1842/43, ambas tomaram quase a mesma rota, mas sem se conhecerem. Seus relatórios diferem em seu estilo que se baseia muito em suas percepções. Ambas as mulheres eram de diferentes classes sociais: Ida Gräfin Hahn-Hahn da aristocracia de Mecklenburg, Ida Pfeiffer da burguesia comercial de Viena. Uma vez que ambas eram famosas e amplamente lidas em seu tempo, seus relatórios podem ser cuidadosamente avaliados para lembrar o seu tempo e devem ser vistos no contexto literário contemporâneo (HADDOUTI, 1995, p.6-7, *tradução Carla Schipper*).

<sup>52</sup> Bispo da Mogúncia-Alemanha, considerado por Leão XIII como *Bispo Social*, e pelo Papa Bento XVI como sendo um dos principais pioneiros da *Doutrina Social da Igreja*. Foi um dos principais opositores da Kulturkampf.

<sup>53</sup> Maria de Santa Eufrásia Pelletier nasceu a 31 de julho de 1796, na Ilha de Noirmoutier, próxima a costa da Grã-Bretanha, fundou a Congregação na cidade de Angers na França em 1825. A congregação recolhia inicialmente mulheres penitentes e órfãs, oferecendo educação religiosa moral e técnica. Vislumbrando o papel mundial do seu Instituto, a Fundadora pretendia colocá-lo sob proteção da Santa Sé e, para isto, ligá-lo diretamente a Roma, de maneira que nenhum bispo pudesse fazer mudanças nas constituições. Apoiada no Bispo de Angers, Madre Pelletier conseguiu que o Papa Gregório XVI desse à Congregação um cardeal protetor. O progresso da Congregação foi muito rápido e a sua obra se difundiu no mundo todo. Os primeiros conventos fundados no continente sul americano foram já em meados do século XIX no Chile, Uruguai e Argentina. A congregação se instalou no Brasil somente na segunda metade do século XIX, instalando-se primeiramente no Rio de Janeiro em 1891, depois na Bahia em 1892, São Paulo em 1897 e Juiz de Fora em 1902. Nos países sul americanos a congregação já administrava desde o final do século XIX instituições penitenciárias para mulheres e reformatórios para menores. Na Argentina, por exemplo administravam o cárcere feminino de Bueno Aires desde a década de 1880. Fonte Padre José Leite (apud ARTUR, 2011, p.58)

sem um sultão visível, no caso Deus. O harém que Ida Hahn observou tão de perto ao longo de suas viagens ao Oriente.

So kann der Harem im Orient für den Mann zum imaginierten doppelten Ort der Weiblichkeit werden. Vom Innenraum des Harems richten sich weibliche Blicke auf die Außenwelt der europäischen Besucherinnen und Voyeure, von Außen richten sich männliche und weibliche Blicke auf die Innenwelt der Haremsbewohnerinnen <sup>54</sup>(HADDOUTI, 1995, p.134).

Estes trinta anos vividos por Ida, dentro do convento a fizeram repensar sua obra, e a dividiu em antes e após a sua conversão ao catolicismo. Hahn-Hanh, foi criticada pela aristocracia, e por medo de perseguições, encontrou fundamento na igreja, sozinha acabou numa cela de clausura, e ali mudou drasticamente seus escritos.

Neste sentido, o convento e o harém se fundem nos caminhos de Ida Hahn-Hahn e por extensão a própria Sophie Christ, por suas viagens e por permanecer no convento ao lado de Ida. Tanto Hahn, quanto Christ saíram da casa, estão no convento, e lá, as identidades dos residentes e visitantes precisam ser definidas, Hahn reside, Christ é visitante. Dentre tantas experiências que poderiam ter passado, retomamos as viagens ao oriente, tanto Ida Hanh quanto Sophie Christ, ao exibirem-se os corpos nas ruas, cobriram o rosto, o corpo com manto, e por baixo de todos estes tecidos havia ainda o *Schnürbrust* – espartilho, para prender o corpo, deixa-lo mais rígido, como um ideal de corpo feminino, assim, naquele país o corpo na rua faz fronteira, assume duas regulações, a do outro e do nós-ideal.

Ao evidenciar a vida de Ida, se percebe a rede de interdependência em que Sophie fez parte, especialmente pelo trabalho colaborativo entre as duas que deveria ser muito profícuo, pois logo surgiu a *autora* Sophie Christ. Christ não só segurava a pena para transcrever o ditado de Ida, mas também escreveu rapidamente suas próprias obras, e com elas emergiu na esfera pública. Sua primeira narrativa *Rejeitado e escolhido* foi publicada 1878. Seguiram a esta, *Os miradores das estrelas* (Die Sterngucker) e *Gundel*.

---

<sup>54</sup> Assim, o harém no Oriente pode ser imaginado pelo homem como o lugar da feminilidade. Do interior do harém os olhos femininos se voltam para o mundo exterior de visitantes e voyeurs europeus, do lado de fora, para os olhos masculinos e femininos se voltam para o mundo interior dos moradores do harém<sup>54</sup> (HADDOUTI, 1995, p.134, *tradução Carla Schipper*).

Conforme é possível perceber em Hübel, repetidamente ela realizava longas viagens, seguindo os mesmos passos de sua mestra literária. Em sua viagem à Etiópia e Palestina, Christ concretizou um de seus objetivos. O Oriente Médio tornou-se assim fonte inicial de seus relatos e ela descreveu *Orientalischen Tageblättern - Diários Orientais observados pela natureza e a realidade*, publicados em 1888. De acordo com Hübel este livro:

é escrito com simples e penetrante linguagem e comparativamente ainda hoje com grande suspense para a leitura, porque o plano histórico e os cenários bíblicos foram citados vibrantes e com vida. Mas há muito tempo o livro não é mais encontrado na literatura de viagens (HUBEL, s/d, p.83).

Por meio desses relatos de viagens, percebe-se que Sophie Christ, estava além de seu tempo, assim como também estivera Ida Hahn-Hahn. Christ foi uma mulher destemida, aventureira e corajosa. A transcrição da narrativa de Hübel, sobre esta viagem, transmite-nos as dificuldades que uma mulher poderia enfrentar naquele período.

Já a viagem em terra, de München até o embarque para Nepal, durou quase uma semana. Depois de quatro dias com temporais no Mar Mediterrâneo, finalmente o porto de Alexandria foi alcançado. De lá seguia-se com a ferrovia até Cairo, para conhecer as magníficas pirâmides e os misteriosos túmulos reais. No programa obrigatório fazia parte maravilhar-se com o canal de Suéz, aberto solenemente em 1869, para após seguir viagem no navio para Palestina, que naquele tempo estava sob a supremacia da Turquia. O pequeno grupo de viajantes compôs 20 pessoas, e além de Sophie Christ só mais uma mulher esteve presente. Nas previstas dificuldades as mulheres tiveram que ser corajosas e de maneira nenhuma melindrosas. Eles pernотaram geralmente em conventos franciscanos ou, nas árduas excursões em lugares bíblicos (acompanhados de tradutores árabes) em tendas construídas para o grupo, com relativamente conforto. Noites frias, confrontações com cobras, escorpiões e ratos do deserto, não eram raridade. Como tinham que contar com assaltos noturnos, peças de valor e dinheiro foram deixados nos albergues de peregrinos em Jerusalém. Mulas ou até cavalos árabes de raça transportaram os viajantes, também estes sem conhecimentos de cavalgar. Real beneficiência e frescos os sedentos encontraram nos aparentes poços bíblicos ou nas águas do Jordão. Num lugar de descanso no estreito vale de Kidron, o grupo deparou-se com uma multidão de peregrinos com quase 1.000 pessoas, o qual foi organizado por Cook<sup>55</sup>. Já as 3 horas da manhã a caravana partiu (HÜBEL, s/d, p.82).

---

<sup>55</sup> Thomas Cook é considerado o precursor do Turismo Moderno. Em 1840, organizou a primeira viagem com turistas, porém sem muito sucesso. Mesmo assim, insistiu no campo do turismo, e criou em 1851 a agência de viagens “Thomas Cook and Son”. Sua empresa de viagens é uma

Mesmo com as enormes dificuldades, considerou a viagem de seis semanas à terra Santa, como uma “peregrinação de luxo”. Mas também conheceu lugares mais tranquilos em sua terra natal, assim ela escreveu em 1892, *Uma viagem nas montanhas: Oberammergau e os castelos reais*. Em 1900 foi publicado pela editora Kirchheim, onde quase todas suas obras foram publicadas, *Casa Hasmonai* – livro em que descreve a infância e a juventude de Jesus. Hübel, destaca uma nota no jornal de Hamburgo sobre a exposição de livro “o livro se alinha ‘dignamente’ no pequeno círculo dos perfeitos romances históricos, e a autora soube derramar a extraordinária abundância de seu rico conhecimento em graciosas fôrmas” (HUBEL, s/d, p.83).

No entanto, Sophie Christ ficou mais conhecida por seu *Diário de bolso do bom tom*, lançado em 1889 e prolongou-se até 1922 com 13 reedições. “Talvez ainda o encontramos em algumas estantes de livros em Mainz” (HÜBEL, s/d p.84).

O livro foi resultado das palestras ministradas a jovens alemãs, envolvendo orientações práticas em etiqueta e os bons modos na sociedade. Além das gerais tradicionais regras de comportamento, o livro inclui os deveres junto a professores e superiores, a conduta na igreja e no lar, em relação aos empregados e deveres do amor ao próximo.

Destaca-se que na terceira edição, houve a primeira revisão e ampliação do manual. Mais tarde, a autora escreve um capítulo separado sobre as escolhas de carreira de jovens meninas. Este capítulo encontra-se em uma edição expandida editada posteriormente. A escritora não só argumenta nesta obra o valor da conduta adequada, mas quebra também um paradigma no sentido da liberdade das mulheres de serem profissionais, para além de cuidado de si mesma. Ao valorizar o trabalho entende-se também as mudanças sociais e econômicas que a Alemanha estava passando, e que posteriormente com a primeira grande guerra mudanças maiores viriam acontecer no comportamento das mulheres.

---

das mais antigas do mundo. <https://turistificando.wordpress.com/2009/11/13/thomas-cook-o-pai-do-turismo-moderno/>.

O trabalho abriga em si algo enobecedor e, de qualquer modo, é muito mais honroso tornar-se consciente das próprias habilidades, valorizar e amar o trabalho [97] e se livrar de preconceitos petrificantes, com os quais alguns olham com menosprezo sobre as mulheres que conseguem seu sustento pelas próprias forças e pelo trabalho. Fazem isso por falso pudor, tornam-se um peso para a família e, no final, pode acontecer até mesmo que tenham que depender da caridade alheia (CHRIST, 1889, p.97).

Sophie Christ ao longo de seu livro demonstra explicitamente os alicerces balizadores de sua vida, ao escrevê-lo. Seu livro está envolto de homens bíblicos, especialmente citados no antigo testamento, santos e santas da igreja católica, como Santo Agostino, rabinos, reis, rainhas, imperadores, poetas gregos e romanos bem os grandes pensadores como Aristóteles, Goethe, Leinniz, Lavater, Herder, Wilhelm von Humboldt. Seu manual chama atenção por ser extremamente permeado por esses ideais, o que o torna diferente dos manuais que circulavam à época e que traziam uma lista de prescrições, de atitudes e comportamentos, mas longe de ser um referencial para a formação dos indivíduos

Enquanto o discurso de um feminino eterno essencial, o manual tinha raízes profundas na cultura alemã. Nesse ponto do século XIX, as noções tradicionais de feminilidade essencial estavam sob o desafio tanto dos discursos da nova mulher quanto da mulher *fatale* e foram os perigos da emancipação, aspectos que foram apontados, como a principal ameaça à feminilidade. Nesse sentido, para uma classe diferente, Sophie Christ sugeriu seu livro, enfatizando que a naturalidade era destino especial da mulher: “uma jovem moça, ao almejar tudo o que é nobre em seus estudos e esforços, não deve permitir a perda da naturalidade, tornando-se um ser artificial e afetado”(CHRIST, 1889, p. 85).

Sophie escreveu vários artigos para o Jornal de Mainz e escritos religiosos que continham as doutrinas do bispo Ketteler. É possível considerar que a circulação dos escritos de Sophie chegaram às mãos de Janssen. Os valores cristãos-morais propagados por suas obras certamente foram determinantes para que Arnaldo Janssen escolhesse este livro de etiqueta para compor seu projeto religioso civilizatório. Esta escolha, manual-objeto, tomado em sua materialidade como veículo de difusão de formas e sensações de um indivíduo - Christ - a outros, se torna maior, ao pensar no projeto civilizador que Janssen

idealizou a lugares ditos como incivilizados, porém nem a autora nem Janssen saberiam o curso que o manual tomaria na vida dos indivíduos.

Hübel enfatiza, que as pessoas que conheceram Sophie Christ, diziam que ela era encantadora, mesmo com sua idade já avançada – sua voz aguda, acentuada e modulada, juntava-se com a alegre e a dignidade de sua personalidade.

Contudo nenhuma foto amarelada representa a figura dessa extraordinária “Senhorita de Mainz”. Suas pequenas obras cochilam nas bibliotecas, e sua herança pessoal desapareceu, ou, provavelmente, nos conflitos da guerra, fora destruída. Os últimos anos de vida Sophie Christ passou na “Casa dos Professores” na rua “Betzelsstraße” em Mainz, veio a falecer em 1936. Um sopro de tempos antigos permanece com o túmulo (cemitério central de Mainz, campo 29, fileira 9), coberto com heras. Só o nome da família está escrito numa simples áspera pedra. Sophie Christ pertence às muitas mulheres esquecidas de Mainz (HÜBEL, s/d, p.84).

Christ não viu sua obra viajar por outros cantos do mundo. Nem sabia ela que seu manual estava em mãos de homens e mulheres que usariam como ferramenta para conformar comportamentos de meninas e jovens tão diversas em outras terras.

### CAPÍTULO III

#### A MOCINHA DA IGREJA, DA CASA E DA RUA: AS PRESCRIÇÕES DE CHRIST

A intenção deste capítulo está no esforço de compreender como, nos escritos de Christ, aparece a ideia do público e do privado, e como a conduta dos corpos das mulheres era condicionada a determinadas maneiras de agir.

Esta consciência de que o interior e o exterior, que se revelam nas relações com os outros, não podem ser vistas separadas. Elias expõe que nessa percepção de que, (...) “como traço distinto do eu “interior” separado do mundo “externo”, para algo que, na verdade, é apenas uma reificação da mesma coisa numa base mais ampla: a “vida inteira” (ELIAS, 1994b, p. 107).

Nossas hipóteses podem ser evidenciadas em seus escritos, do que confiava ser certo e coerente, pois soube integrá-los, e percebê-los à justaposição que se estabelece entre eles. Esta consciência, de acordo com Elias só é possível quando:

o indivíduo pára de tomar a si mesmo como ponto de partida de seu pensamento, pára de fitar o mundo como alguém que olha de “dentro” de sua casa para a rua “lá fora”, para as casas “do outro lado”, e quando é capaz — por uma nova revolução copernicana em seus pensamentos e sentimentos — de ver a si e a sua concha como parte da rua, de vê-los em relação a toda a rede humana móvel, só então se desfaz, pouco a pouco, seu sentimento de ser uma coisa isolada e contida “do lado de dentro”, enquanto os outros são algo separado dele por um abismo, são uma “paisagem”, um “ambiente”, uma “sociedade”. (ELIAS, 1994b, p. 53).

Sophie Christ, como visto no capítulo anterior, conheceu várias partes do mundo, tentou explicar a Alemanha a partir de seu ponto de vista, interpretou e deu vozes às pessoas que a influenciaram, decifrou os ruídos urbanos, a moda e os modos que chegavam das ruas. Ela percebeu as paisagens e os espaços que lhe cercaram, bem como o tempo passado e presente marcou-lhe o compasso da vida longínqua. E, como mulher católica, externalizou sua fé ao escrever sobre moral, ética e bons costumes.

Como na hermenêutica católica, a compreensão de Christ sobre a sociedade, a família e os indivíduos, especialmente as mulheres, não se dá

apenas por uma explicação detalhista, mas mediante uma relação com as próprias experiências de vida, com a percepção do tempo e o espaço. Os escritos de Christ são análises da sociedade alemã narradas a partir da relação entre o eu (Alemão) e o outro (restante da Europa), uma composição entre linguagem científica, instrutiva, ética, moral e civilizatória. De acordo com Elias, “a imagem que um indivíduo faz da nação de que forma parte é também, portanto, um componente da imagem que ele tem de si mesmo, a sua autoimagem” (ELIAS, 1997, p.143). Essa visão será relevante para a maior compreensão de seus escritos.

Em suas linhas, percebem-se os traços dos costumes e comportamentos da sociedade alemã sendo difundidos, numa relação entre controle e autocontrole, a prescrição, a indicação, a manutenção, o visível e o invisível. Sophie Christ, em seu manual, é sensível em demonstrar a filosofia, a história, a sociologia, a religião e as artes, que, por meio desses conhecimentos, indicavam como produzir a ordem no meio social necessária naquele momento.

A escritora descreve o interior da igreja e da família, pois é nestas configurações que meninas e meninos internalizam comportamentos, movimentos, gestos, condutas e sentidos. As cenas que partilha, desvelam os costumes sigilosos, obscuros, silenciosos, criteriosos, e em outros momentos se expressam fora desses espaços e tomam a rua, a cidade. É na rua que os indivíduos se exibem, subjetivam seus valores uma vez que precisam mostrar-se bem, notadamente as moças, que deveriam ter o cuidado com a beleza (maquiagem e joias discretas) a saúde (dentes e alimentação), com a vestimenta, os modos de andar, de cumprimentar, sentar, sorrir e falar.

É perceptível em Christ a tentativa a todo custo de manter e prescrever determinados comportamentos que acreditava ser imprescindíveis ao ambiente familiar e social. Faz a crítica aos modos e condutas que os núcleos familiares estavam adotando, bem como às novas maneiras que chegavam de outras partes da Europa, especificamente da França que à época ditava o bom-tom na arte de se vestir e de se comportar, como é possível se abstrair nos excertos abaixo.

Uma coisa deve estar em harmonia com a outra. É notável como pode ser claramente reconhecida nisso tanto a influência boa quanto a danosa que uma coisa exerce sobre a outra em efeito recíproco. Pode



ser historicamente comprovado que, com a decadência dos costumes de um povo, também se dá a decadência do bom gosto, fato facilmente reconhecível pelos excessos da moda. Nesse sentido, o final do século passado produziu as coisas mais incríveis na França, comprovando, de modo assustador, as antigas experiências da decadência de todos os costumes e leis (CHRIST, 1889, p.161).

Esta preocupação no afrouxamento nos comportamentos, principalmente com a conduta feminina, também é evidenciada pela autora quando critica o excesso de “unilateralidade” no uso e nos costumes pelas mulheres:

A unilateralidade torna tudo mal delineado e nebuloso. Muitas vezes e para sua desvantagem, a feminilidade se desvirtua, tornando-se aquele ser emancipado que rejeita as formas do decoro como algo forçado e perturbador, que não atenta a qualquer consideração e faz o que lhe apraz (CHRIST, 1889, p. 07).

Era o poder da modernização que chegava. A carruagem levava homens de negócios, de tal modo os jovens e suas aspirações e lutas por reconhecimento público. No século do vapor, trens, assim como bondes, se figuraram em uma maneira mais rápida para atender às demandas do viver. Transeuntes apressados preenchem os espaços, esbarram uns nos outros, estes indivíduos se encantam pelas vitrines, mesmo aqueles que não podem comprar atizam os desejos, observam, cobiçam, “a atual suntuosidade e mania de luxo e, pode-se dizer, vaidade, se mostra mais nitidamente nas inúmeras lojas cheias de ricos adornos e ninharias da moda. Elas não existiriam se não fosse dada abertura para a sua necessidade” (CHRIST, 1889, p.164).

Os valores que Christ tentava manter e que estavam nela internalizados, enfrentavam obstáculos, uma vez que as redes de interdependência tornavam-se maiores, devido às formas relacionais que foram surgindo paulatinamente, e que levaram os indivíduos e grupos a novas interpenetrações sociais e mentais, por meio da ação de um processo civilizador que conduzia a vida urbana. Toda essa mudança levou grupos e indivíduos a tornarem-se cada vez mais dependes uns dos outros, como atesta Elias:

cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela (ELIAS, 1994b, p. 22).

Nesse sentido, as mudanças nos sentimentos levaram à informalização dos comportamentos e emancipação dos costumes, como afirma Wouters (2012, p.546). Segundo ele: “as emoções que antes haviam sido negadas e reprimidas, até então readquiriram acesso à consciência e uma maior aceitação nos códigos sociais”.

Assim, esses indícios mostram que a tomada de consciência dos indivíduos nos processos de emancipação dos costumes já havia se instaurado. A despeito do que a escritora prescrevia, este processo de informalização dos costumes fica mais claro quando ela registra em seu livro que “existem muitas queixas de que as formas externas do decoro estão se perdendo na juventude feminina” (CHRIST, 1889, p.133).

O exemplo de Sophie Christ confirma o que mais tarde Cas Wouters (2009) irá denominar de *terceira natureza* - sócio-e-psicogênese-, pois à medida que os muitos costumes começavam a cair em desuso, e que regras tornavam-se menos rígidas e cada vez mais diferenciadas, as relações sociais e as fronteiras psíquicas, tornaram-se mais integradas, reflexivas e flexíveis.

Não diferentemente dos outros manuais do período, o cotidiano feminino, nos ensinamentos contidos no manual de conduta, foram marcados pelos preceitos de fé, pela escolarização, pela devoção à família, respeito aos professores e criados, e dedicação ao trabalho. A autora não aborda ritos de passagem, batismo, conteúdos profícuos em tantos outros manuais, assim como temas sobre casamento, maternidade, porém enfatiza a importância da educação das crianças desde cedo, pois estas indicam por meio de seu comportamento a ordem instalada no interior de uma família.

Em muitos casos, a primeira impressão que temos de uma casa depende da postura boa ou má das crianças que fazem parte dela. Deve reinar principalmente a ordem; ela é a pedra fundamental da felicidade no lar. Na ordem está fundamentada a paz e da paz nos vem a força para todo o bem (CHRIST, 1889, p.20).

Esta ordem é posta pela família. Podemos considerar que a criança é o primeiro projeto de exibição familiar para sociedade, pois nas crianças estão inscritos desejos e planos futuros. Para Christ, a ordem estava em tudo, na casa, na rua, na igreja, na escola, nas pequenas coisas. Não só para Christ, como para

todos os indivíduos e grupos se quiserem viver sem medo ou retaliações. Como diz Elias, os indivíduos e os grupos “só podem consegui-lo impondo certas regras comuns de condutas e as correspondentes restrições sobre si mesmas (ELIAS, 1997, p.131).

Para isso, normatizava Christ que o indivíduo precisava cultivar, manter e exercer a ordem em si (eu) e com os outros (nós-eles). Para cultivar essa ordem, precisaria cuidar do corpo. Nesse sentido, há uma preocupação evidente da autora em se manter hábitos salutaros. Dentre esses hábitos, está o cuidado com os dentes, a alimentação, além do bom humor da mulher. Para adquiri-los e mantê-los, indica práticas de exercícios, o trabalho como necessário para movimentação do corpo da mulher, além de passeios em que a observação da natureza e dos lugares possa servir de apropriação de conhecimentos. Além disso, o corpo e a mente deveriam essencialmente estar em harmonia. Uma vez que é o corpo que se mostra, este deveria ser ativo, “o bom gosto, que favorece conteúdos mais importantes nesse sentido, se desenvolve gradativamente” (CHRIST, 1889,109). Para confirmar este seu argumento, cita uma máxima de Goethe: “Todos os dias deveríamos ouvir pelo menos uma pequena canção, ler uma boa poesia, observar uma pintura valiosa e, se possível, falar uma palavra sensata” (CHRIST, 1889, p.189).

Esse corpo pensado, construído, civilizado é visto por Elias como encapsulado. De acordo com o seu pensamento:

os indivíduos inseridos por toda vida em comunidades de parentesco estreitamente unidas foram e são tão separados entre si quanto os membros das sociedades nacionais complexas. O que emerge nestas últimas são o isolamento e a encapsulação dos indivíduos em suas relações uns com os outros (ELIAS, 1994a, p. 103).

Elias, ao reportar-se ao corpo do indivíduos e suas às emoções, precisamente no que se refere às condutas inatas e outras adquiridas, formula três hipóteses. Primeira: “como espécie os seres humanos representam uma inovação evolutiva inédita” (ELIAS, 2009, p. 26). Elias explica que mesmo os animais, aprendendo determinados conhecimentos unindo o que já possuem (inato), aos mecanismos aprendidos, não evoluem. Diferentemente ocorre com os seres humanos, em que os aspectos adquiridos tornam-se potencialmente

superiores dos comportamentos inatos; Segunda: “os seres humanos não apenas podem aprender mais que qualquer outra espécie, eles também devem aprender mais” (p. 26). Ele deixa claro que a capacidade de aprender tornou os indivíduos potencialmente dependentes uns dos outros para a sobrevivência, nas formas de se comunicar e na orientação do e no mundo. O início da comunicação, a fase pré-linguística (inatos), são fortalecidos pelas relações com outras pessoas, pois o “aprendizado infantil da linguagem é possibilitado pelo entrelaçamento de dois processos: um biológico de maturação e um processo social de aprendizagem” (p. 28-29), sem esse equilíbrio, esse tipo de comunicação seria funcionalmente enfraquecido, uma vez que, se não acontecesse, os indivíduos estariam isolados da sociedade humana. Como terceira hipótese Elias nos diz que “[...] nenhuma emoção de uma pessoa adulta é inteiramente inata, um modelo de reação geneticamente fixado. Como as linguagens, as emoções humanas resultam de uma fusão entre os processos inatos e adquiridos”. Para ele, as emoções constituem-se de três componentes interligados: “[...] um componente comportamental, um componente fisiológico e um componente sentimental” (ELIAS, 2009, p. 35). O componente fisiológico estaria no aumento da pulsação, ele prepara o organismo para movimentos diante do medo; o sensível, e/ou sentimento é um componente indispensável das emoções humanas (alegria, medo, ira); e o comportamental ativa um padrão de sobrevivência, de reação (perigo), a disposição de luta ou fuga. Todos esses tipos de componentes das emoções não podem ser entendidos separadamente, somente os humanos podem expressá-los, verbalizá-los bem como controlá-los. (ELIAS, 2009, p. 37).

Para uma estratégia de análise das emoções humanas, o sociólogo toma a face, como observação da singularidade humana: “a face é um dos principais instrumentos para indicar os sentimentos com os quais os seres humanos são dotados por natureza, ou seja, como resultado do processo evolutivo [...] no curso dessa evolução, a face também se tornou um grande instrumento de comunicação” (ELIAS, 2009, p. 41). Essa evolução dos sinais faciais levou a uma maior aproximação entre as pessoas. Essa aproximação está intimamente ligada à consciência desses componentes biológicos e comportamentais. Logo, as relações com outros indivíduos e grupos e com a

natureza ao redor levam ao controle das emoções e, conforme Elias defende, ao processo civilizador.

no caso dos seres humanos, impulsos emocionais não aprendidos estão sempre relacionados com a autorregulação pessoal aprendida, mais especificamente ao controle aprendido das emoções. O mutável equilíbrio entre impulsos emocionais e controle – emocional-de-contenção-de-impulsos se mostra por si mesmo nos movimentos de uma pessoa, em seus gestos e em suas expressões faciais, que são sinais por meio dos quais as pessoas comunicam, involuntariamente ou intencionalmente, a condição da autorregulação de suas emoções a outros seres humanos (Elias, 2009, p.19).

Feito esse esboço, cabe aqui perguntar: como podemos perceber e destacar esses elementos de controle social que nos permitem entender educação e corpo feminino no processo de civilização? Como perceber essa consciência de que os valores interiores e exteriores comungam, e que se revelam nas relações de si e com os outros?

A partir de agora entramos no mundo relacional de Christ. Para tal feito, fizemos alguns recortes do que acreditamos ser importante para esta pesquisa. Evidenciamos os impulsos emocionais, os componentes de controle, sendo os espaços público e privado utilizados para essas manifestações. Compreendemos que a esfera privada é uma área a ser protegida. A esfera pública é aquela em que o indivíduo deve provar a si mesmo, adaptar-se constantemente, assumir novos papéis, estar em guarda e tornar-se o mestre do seu comportamento. Nesse sentido, entende-se, daquele tempo, que esfera pública era aquela em que o homem poderia se desdobrar, superar os constrangimentos do cotidiano e compartilhar o mundo. Porém, reforçamos que estes espaços não podem ser separados, devem ser entendidos numa percepção única, pois são nestes espaços que o homem se torna o "homem inteiro", "a vida inteira".

Assim sendo, por meio do manual escrito por Christ, foi possível verificar quais relações de poder e quais figurações sociais se interpunham para delimitar e/ou validar a função do feminino. Para entender esse movimento das figurações, aqui tomamos primeiramente o espaço privado da igreja e da casa, e posteriormente as ruas, para observar de modo figurativo o "saber andar" de Christ, e como esse andar levou ao desdobramento dos espaços privados, mais

internos, mais conscientes de si. Como é possível se perceber na seguinte sentença: “a primeira tarefa é aprender a dominar-se a si mesmo. Cada autossuperação resulta em renovação espiritual. A partir da unidade interior organizada, desenvolve-se então o caráter forte que não teme nada e que não se fragiliza” (CHRIST, 1889, p. 86).

As igrejas, as casas e as ruas vividas e observadas por Christ, e que por este momento convivemos e trilhamos juntamente num pequeno espaço, são das cidades da Alemanha e de outras quais a autora percorreu. Christ em seu manual, não fala especificamente dessas cidades ou mesmo sobre elas, contudo tomaremos esses espaços privados e públicos como espaços de atuação dos comportamentos dos indivíduos. Não procuraremos localizar uma cidade específica (Mainz, Weimar, Hamburgo ou de outros países), mesmo porque não teríamos tempo para descrevê-las, porém, para delimitar a análise de alguns aspectos do manual, faremos a partir das maneiras demonstradas na igreja, e na casa, como também nas ruas dentro de um percurso que dê sentido ao que ela imprimiu e que conseguimos revelar. Entendemos que Sophie Christ também foi educada por estas trilhas percorridas e pelo contato com outros caminhantes. Ruas e estradas que a levaram a viagens, aos teatros a que assistiu e que interpretou, à sala de aula, da clausura e da sacristia, e ao jornal diário que escreveu. Todas essas ruas, com seus espaços e tempos localizados convergiram-se na construção da pessoa de Sophie Christ, sendo que parte dela, podemos considerar, materializou-se no livro por ela escrito. “Só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo de tipo de sua independência das estruturas de suas sociedades” (ELIAS, 2008, p. 79).

Nem Sophie Christ, nem ninguém mais saberia de antemão da dimensão da circulação dos seus ensinamentos por cantos tão diversos (e ainda não pesquisados), os quais influenciariam na formação de meninas, moças e mulheres tanto na Alemanha, como também no Brasil, trazidos e aplicados como práticas educacionais por freiras missionárias. Nesse sentido, as ruas tomaram dimensões e direções não planejadas, e continuaram a se estender.

### 3.1 Da igreja para casa, mocinha!

Christ ao conduzir a escrita de seu manual procurou mostrar os comportamentos esperados dentro de espaços mais privados - a igreja e a casa/família. Assim prescreveu vestimentas, gestos, cumprimentos, linguagem verbal e corporal. Essas formas podem ser consideradas sinônimo de educação, cordialidade, elegância e respeito. A igreja de Christ está repleta de objetos de fé, devotos apreciam e acreditam, silêncio, murmúrios, corpos; respeito do corpo, para o “corpo” que está entre o visível e o invisível; a fé faz ver e sentir. Da casa, Christ a concebe dentro da ordem, do respeito aos pais, no apreço aos irmãos, das boas relações com os empregados, e da reverência aos professores. Nesse espaço, o corpo deve ser organizado para que a harmonia possa ser sentida.

De acordo com Elias, até parte inicial do século XX, a vida das mulheres alemãs seja da classe média ou da aristocracia era predominantemente regida pelas famílias, Igreja, Estado e pessoas mais velhas. As oportunidades individuais para autorregulação eram muito restritas, “ficar sozinha num quarto com um jovem que não fosse da família ou mesmo atravessar a rua desacompanhada era totalmente escandaloso” (ELIAS, 1997, p.51).

Em seu manual, Christ reporta-se primeiramente à igreja em suas prescrições. Sobre os momentos e comportamentos a serem adotados nesse espaço sagrado, os indivíduos precisam de autocontrole, pois ele é fundamental para a construção e o exercício da moral, e da dignidade das pessoas. Assim, venerar esse espaço é a essência do bom cristão, “é natural, logo ao entrar ou sair da Casa de Deus, demonstrar a sua veneração ao Santíssimo e curvar-se profundamente” (CHRIST, 1889, p.11).

Percebe-se a igreja de Christ, centrada em muitas das prescrições contidas no manual, porém selecionamos alguns excertos para evidenciar algumas formas de decoro que as mulheres deveriam possuir no cotidiano religioso.

Um desses aspectos seria que, para frequentar esse espaço sagrado, o corpo precisa “ser fechado”, escondido, coberto, não chamar a atenção sobre si como prescreve Christ: “A aparência externa não deve ser chamativa, mas simples e adequada de todos os modos à santidade do local(...) particularmente,

uma jovem moça deve evitar cuidadosamente para não chamar a atenção do público sobre si” (CHRIST, 1889, p.7). No tempo de Christ, ali, configuraram-se mulheres de véus brancos e pretos, cada um com sua simbologia, outras mulheres usavam mantos, hábitos como forma de esconder ou representar um corpo santo. O som do sino marcava o dia e o tempo<sup>56</sup> dos corpos, para que se dirigissem para início ou término dos ritos sagrados, como também o badalar que indicava a preparação do corpo para receber o último sacramento. O sino como significação do tempo ou conforme Norbert Elias(1998) profere, *reificação* do tempo. Esse conceito revela uma profunda relação com a linguagem nas variadas formas de referir-se ao tempo, e com os modos de controlá-lo e medi-lo, e, nesse contexto, o corpo segue sendo controlado por regras temporais e na ordenação nas atividades humanas. Sobre essa questão Elias anuncia:

O fetichismo do ‘tempo’ é ainda mais reforçado na percepção humana pelo fato de que sua padronização social, sua institucionalização, inscreve-se na consciência individual tão mais sólida e profundamente quanto mais a sociedade se torna complexa e diferenciada (ELIAS, 1998, p.84).

No espaço da igreja, o tempo é outro: lento, profundo, marcado pelo ritmo da liturgia, das ladainhas e orações, pelos gestos, movimentos e sinais faciais<sup>57</sup> que tomam o lugar da fala para evidenciar seus significados. Não é preciso dizer nada, primeiramente ajoelha-se em sinal de devoção e consideração a algo superior, na sequência aparece automático o movimento de uma mão sobre a testa, depois leva ao peito e aos ombros fazendo referência ao sinal da cruz, uma das maiores representações simbólicas do cristianismo. Ali, a respiração é tranquila, lábios murmuram, olhos baixos, mãos que se estendem para agradecer, o corpo externaliza nos ritos definidos pela homilia católica. Lá, as

---

<sup>56</sup> Sobre o tempo marcado, construído Le Goff buscou demonstrar que, durante o período medieval, duas concepções de tempo se delinearão e que estavam em duras tensões, de um lado, havia o - tempo da igreja - concebido por teólogos e filósofos cristãos e, do outro, o tempo pragmático manipulado pelos mercadores – o tempo do mercador. O “tempo da Igreja” era sinônimo de um *tempo histórico* orientado por e para Deus. Era o tempo marcado pelos sinos dos mosteiros, lento, rural e controlado por uma instituição que introduz um novo conceito de tempo e história. O tempo do mercador retalhava-o tal como a um objeto. Impunha-lhe um preço, tratava-o como um índice de cálculos, de projeção de riscos e de realização de lucros: um tempo mensurável, controlável, “mecanizável”, e sobre o qual “[...] agem a inteligência, a habilidade, a experiência e a manha do mercador” (LE GOFF, 1995, p. 54).

<sup>57</sup> Sobre as expressões faciais, optamos em discorrer no texto seguinte, pois acreditamos que a forma organizacional da escrita, ficaria em uma disposição mais interessante.



meninas/moças/mulheres praticam formas corretas que evidenciam mulheres bem educadas, como bem ensinou Christ:

Deve-se isso à onisciente presença de Deus, ao sacerdote e aos fiéis em devoção, chegar cedo e com reverência à Igreja, do modo mais singelo possível e sem exigências e não ficar procurando por alguém em especial. Mas se o olhar casualmente se deparar com uma pessoa conhecida, basta um leve aceno da cabeça como cumprimento. (CHRIST, 1889, p.10).

Um outro aspecto de contenção dos corpos era o momento do rito da eucaristia. Christ, enfatiza que, para receber o “corpo sagrado”, determinadas maneiras deveriam ser postas em ação. Para esse momento, Christ considera importante que as pessoas, ao se dirigirem para receber Cristo materializado, façam-no no mais profundo respeito. Essa conduta é assim descrita por ela:

(...)em passos silenciosos e lentos, cabeça inclinada, olhos baixados e mãos cruzadas. Mesmo na oração silenciosa deve-se permanecer com as mãos unidas, não com os dedos cruzados, mas sim com as mãos espalmadas uma contra a outra, os dedos apontando para cima. Também é dito: erguer as mãos para a oração e é assim que as vemos predominantemente nas obras-primas da cultura artística (...) Com as mãos calejadas pelo trabalho duro será difícil permanecer com as mãos nesta posição, mas as crianças devem se acostumar a isso e cabe aos jovens ficarem firmes nesta forma de unir as mãos, mais digna para a oração. Na Igreja, nunca se deve pensar no que é mais confortável, mas sempre no que é melhor e mais apropriado (CHRIST, 1889, p.16)

Nesse sentido, a despeito dos ritos católicos, a escritora compara as formas do culto no Oriente e ressalta que os fiéis são mais fervorosos, pois ao se aproximarem do lugar sagrado possuem maior reverência e concentração, e curvam-se até o chão e tocam o solo com as suas testas, beijando depois a soleira da porta antes de entrar. Sobre o poder do religioso e devoção, a escritora enfatiza que “eles estão conscientes, pois, para onde os seus passos os levarão e onde se encontram” (CHRIST, 1889, p.10). Christ faz a crítica após suas considerações como agir nesse espaço. Indignada que os valores incutidos e o exercício do autocontrole estavam se perdendo entre as pessoas, uma vez que as formas externas estão tomando uma dimensão maior. Sobre esses comportamentos, escreve:

De qualquer modo, muitas coisas vão se apagando e se perdendo com o tempo; os bons usos e costumes se tornam cada vez mais raros, ao passo que o descomedimento, até mesmo o total afastamento das formas externas se expande mais e mais para desvantagem de todos. Mas a Igreja deve ficar excluída disso. Aqui é o lugar que deve ser sagrado para todos, aqui se pode e se deve exercitar o autodomínio e muitas outras virtudes (CHRIST, 1889, p.16).

A despeito dos comportamentos que estavam no processo da mudança, a igreja continua sendo primordial para muitos indivíduos e Christ intensifica em dizer sobre a importância de frequentar esse espaço e das reflexões, que deveriam ser feitas durante o tempo de permanência na Casa de Deus e teriam de ser cultivadas fora dali. Assim sendo, explicita:

Uma vez que a honra cabe primeiramente a Deus, a orientação para a prática do exercício do decoro que se segue também deve começar em primeiro lugar pelo comportamento e a conduta na Igreja. Ao adentrar na Casa de Deus, involuntariamente surge, pela própria presença e pela conduta, a ideia para qual finalidade a pessoa veio; como é constituída a sua fé e, em consequência dela, a sua veneração e a sua devoção. Quanto mais firmemente a consciência da presença de Deus na Igreja estiver enraizada em sua alma, tanto mais viva será a sua fé e, de acordo com isso, toda a sua concentração e a sua respeitosa postura exterior (CHRIST, 1889, p.6).

Desse modo, visualiza-se no espaço da igreja a comunicação do corpo por meio de seus sinais, tornando-se a expressão máxima de uma religião e de um discurso historicamente internalizado. Sobre essa questão Elias reporta-se à igreja Católica, considerando-a como um dos “mais importantes órgãos de difusão de estilos de comportamento pelos estratos mais baixo” (ELIAS, 1994a, p.111). Ao historiar sobre a educação na França, Elias ressalta que a igreja soube difundir a civilidade, por meio de livretos que em seus conteúdos traziam prescrições de uma educação elementar. Esses impressos, eram distribuídos juntamente com as primeiras lições de leitura e escrita. Evidentemente, muitos desses padrões, que se formaram dentro desta figuração, irão influenciar o vigente equilíbrio de poder entre as gerações e os sexos.

Cada figuração exerce uma relação de poder, e a todo momento tensões e equilíbrios emergem dentro dessa rede. Cada indivíduo indistintamente pertence ao mesmo tempo a um grupo familiar e a uma sociedade totalmente heterogênea, num elo cada vez maior. Para Elias, dificilmente os indivíduos conseguem romper esse elo, pois há entre essas pessoas uma “ligação

funcional”, ou seja, os indivíduos estão, “numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita” (ELIAS, 1994b, p.22).

Ao reportar-se aos preceitos normativos da casa, especificamente sobre a família, Christ fala de aspectos mais gerais, diferentemente de outros manuais pesquisados em que os registros definem bem os papéis do pai, da mãe, dos filhos e das filhas. Pode-se ponderar que, por ser solteira, essa vida familiar e/ou experiência conjugal e materna faltaram-lhe como subsídios para melhor expressá-las. Christ inicia seu registro apontando que a família deve ser organizada e a criança é a expressão máxima dessa organização. Os comportamentos das crianças, como dito anteriormente, remetem ao tipo de educação que receberam dentro do universo familiar, ou seja, a família é onde as crianças são.

De acordo com o que prescreve a autora, os filhos/as devem respeito e obediência aos seus pais, enfatiza ainda que amor e a felicidade são a base para a boa educação. Sobre a obediência, Christ destaca que “os filhos devem se submeter à autoridade paterna sem contestar, pois os pais nunca irão fazer uma exigência insensata aos filhos que fosse imprópria ou acima de suas forças” (CHRIST, 1889, p.22).

Nesse contexto, as formas de convivência que se davam na família mãe-pai-filha-filho reivindicavam definições mais modernas da família por conta de que vinham de um modelo de família clássica em que a “casa inteira” (XVIII) se caracterizava no auxílio mútuo entre todos da casa. Ou seja, a função da família era vista como uma comunidade de produção, uma vez que, como proprietários e usuários do que produziam, havia também uma intensificação e a intimização do casamento e a importância central das crianças e sua educação e uma demarcação da família de outras áreas da vida. Esses valores internos, como a intimidade e a sensibilidade, opunham-se à nobreza associada às formas externas. Assim, o novo modelo burguês veio para a função de lidar com o novo, inquietante para a situação da classe média por meio da concepção de um modo diferente de vida, o homem moralmente aperfeiçoado e cultivado pela educação. Importante nesse contexto, a consciência do próprio desempenho e a confiança

nela constituíram uma base essencial da autoconsciência burguesa (ELIAS, 1994a, p.185).

Assim sendo, ao reportar-se à família em seu manual, Christ declara:

De efeito benéfico, podemos dizer abençoado, é o bom tom no ambiente da família, no círculo doméstico. A casa deve ser um lar, o melhor lugar para estar, um lugar ao qual temos anseio para voltar quando estamos longe e que pode ser servir de exemplo em circunstâncias futuras. Por isso, cada membro da família deve se esforçar, a fim de contribuir com a sua parte para tornar a vida em casa tão agradável quanto possível (CHRIST, 1889, p.19).

Notadamente mesmo com proximidade com os adultos, havia uma demonstração de obediência e de constante reprimenda em relação aos filhos/as. O modelo familiar é pautado pela rigidez e distanciamento entre crianças e adultos, os filhos/as deveriam sempre agradecer aos pais.

Com isso, demonstram-lhes o seu respeito e expressam a sua obediência: colocar-se à disposição da vontade dos pais e serem prestativos. Nunca será possível agradecer aos pais de modo suficiente. Por isso, um filho nunca fará demais quando, depois do cumprimento amável, também pergunta se seus pais estão bem, se mostra atencioso e assume com alegre interesse os seus afazeres (CHRIST, 1889, p.29).

Quando a classe burguesa, muito mais tarde, torna-se evidenciada, esse modelo de família passa ser a única ou a principal figuração a instilar o controle dos impulsos. Para Elias (1994a p.142), “a dependência social dos filhos face aos pais torna-se particularmente importante como alavanca para a regulação e moldagem socialmente requeridas dos impulsos e das emoções”.

Desse modo, a todo momento tensões e equilíbrios emergem dentro dessa figuração. Os conflitos de gerações que se perpetuam nessa grande teia ininterrupta de pais e filhos salientam que as relações de autoridade se repetem, porém, a cada novo impulso e tensão e afetos dos filhos, a estrutura dos conflitos muda correspondentemente. Assim, cada indivíduo distingue-se dos demais, tornando essa unidade mais complexa e maior, por isso, não há como rompê-la.

### 3.2 Mocinha, o trabalho a espera!

A casa observada e vivida por Christ era burguesa, onde marido e mulher viviam juntos, era um setor econômico complexo, o homem considerado o chefe da família e a mulher era em grande parte responsável pela gestão financeira. Nesse universo parental, todos os membros da família deviam obediência ao homem e estavam sujeitos à sua decisão. Naquele tempo, a mulher não era considerada um indivíduo independente e igual, foi criada dentro de um padrão para agradar aos homens. Em discursos anteriores observam-se essas representações criadas sobre as mulheres. Expõem-se os discursos de Rousseau (1712-1778) e Kant (1724-1804), os quais marcaram o lugar da mulher. Rousseau retratou organização da família desde que os homens e mulheres mudaram seus hábitos para coabitarem no espaço privado:

O hábito de viver coletivamente fez nascer os mais doces sentimentos conhecidos dos homens: o amor conjugal e o amor paternal. Cada família se torna uma pequena sociedade tanto mais unida quanto o apego recíproco e a liberdade eram os seus únicos laços; e foi então que se estabeleceu a primeira diferença na maneira de viver dos dois sexos, que, até então só tinham tido uma. As mulheres tornaram-se mais sedentárias e se acostumaram a guardar a cabana e os filhos, enquanto o homem ia procurar a subsistência comum (ROUSSEAU, 1754, p.97-98).

Rousseau declarou que as mulheres deveriam ser integradas no sistema de compromisso privado e não político-público. Assim, as mulheres não tinham lugar na vida pública em Rousseau. Essa visão é reforçada em Kant, pois o *belo sexo*, para ele, deveria permanecer no privado para agradar aos homens, a ela não caberia aprender muitas coisas, como, por exemplo, geometria e outras abstrações, deveria ter conhecimento somente sobre algumas coisas que lhe dessem lisura, “sentir” seria a função primordial às mulheres.

A uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora Dacier, ou que trave disputas profundas sobre mecânica, como a marquesa de Châtelet pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram. O belo entendimento elege como objeto tudo aquilo que é muito aparentado com o sentimento refinado, e abandona especulações ou conhecimentos abstratos - úteis, porém áridos - ao entendimento diligente, sólido, profundo. Por isso, a mulher não aprenderá geometria; e, do princípio de razão suficiente ou das mônadas, saberá apenas o quanto for necessário para perceber o sal das sátiras cristalizadas pelos pensadores superficiais de nosso sexo (KANT, 1993, p. 48-49).

Tanto Rousseau quanto Kant desenvolveram definições de lugares, e de uma personalidade pública nos quais apenas o homem tinham em mente.

Essas representações da vida privada, Christ demonstra em seu manual, bem como as formas dos trabalhos domésticos que as mulheres deveriam desempenhar: o cuidado da casa, o cuidar dos filhos, o saber receber eram algumas das funções que todas deveriam executar bem. “Uma moça deve tornar como regra de sua vida nunca ficar sem fazer nada em casa. O trabalho é a sina da humanidade” (CHRIST, 1889, p.88).

Christ, ao apresentar as regras sobre os trabalhos domésticos reporta-se a rainhas, princesas e filhas de imperadores da antiguidade. Essas mulheres teciam suas próprias roupas e as virgens nos templos confeccionavam as vestes dos sacerdotes. Nesse processo de confecção, havia entre elas, um sorteio do corante a ser usado em cada peça. Christ conta que, nessas antigas tradições, coube à Virgem Santa o corante púrpura tília<sup>58</sup> e nisso as demais virgens reconheceram-na como eleita, a de origem real, e ao mesmo tempo escolhida como futura rainha: “como se sabe, foi a própria Mãe do Salvador que teceu a vestimenta de seu Filho Divino; a vestimenta se conservou, porque não foi possível rasgá-la, sendo depois sorteada”<sup>59</sup> (CHRIST, 1889, p.88).

Christ descreve também sobre as jovens da antiga Roma pagã, que viviam a sua juventude na mais rigorosa reclusão. Precisavam aprender a tecer e fiar e, simultaneamente, eram instruídas por um mestre educador da casa ou por sua mãe na leitura dos poetas gregos e romanos. De acordo ainda com escritora, “elas também aprendiam a tocar algum instrumento: órgão, flauta, cítara, lira ou alaúde, quando então aproveitavam para apresentar a oratória, os poemas de Homero, e Orfeu ou de Safo<sup>60</sup>” (CHRIST, 1889, p.92). A escritora

---

<sup>58</sup> A púrpura tília era o mais valioso corante de sua época, em grande parte por causa do trabalho envolvido em sua produção. Primeiro os pescadores recolhiam do mar uma grande quantidade do molusco múrex.\* Uns 12 mil deles eram necessários para produzir corante para um único traje. Durante séculos, por meio de seu comércio e colonização, os fenícios dominaram tanto o mercado como a produção da púrpura tília. Foram encontrados vestígios de seus produtos perto do mar Mediterrâneo e até bem ao oeste, em Cádiz, na Espanha. fonte: <https://www.jw.org/pt/publicacoes/revistas/wp20140401/voce-sabia/>

<sup>59</sup> <http://www.atendanarocha.com/2014/02/lancaram-sortes-sobre-as-vestes-de-jesus.html>.

<sup>60</sup> Safo foi uma poetisa grega que viveu na cidade Eresso, próxima de Mitilene, capital da ilha grega de Lesbos, considerado um ativo centro cultural do século VII a.C, foi muito respeitada durante a Antiguidade, sendo considerada "a décima musa" por Platão. No entanto, sua poesia, devido ao conteúdo erótico, sofreu censura pelo fanatismo moralístico-religioso na Idade Média,

ainda expõe que as mulheres alemãs se destacavam nas artes manuais, uma vez que tinham mãos muito habilidosas. Essas mulheres teciam e fiavam, inspecionavam o serviço da criadagem e, também nos níveis da aristocracia, eram as administradoras da casa. Ela ainda exemplifica que, mesmo na corte do Imperador, a esposa governava a casa e também tecia uma considerável parte das rendas. De acordo com autora, essa forma de organização se perpetuou nos lares de muitos príncipes, e assim descreve Christ:

Como guerreiro, o homem alemão não se preocupava com o trabalho doméstico, que ficava a cargo das mulheres, que viviam, trabalhavam e teciam em seus teares em suas casas, adquirindo assim grande fama diante de muitos outros povos. Com que afinco Luitgarda, filha de Otto I. e esposa de Conrado, o sábio, executava os seus trabalhos na roca, isso foi comprovado pelo fuso de prata que, após a sua morte foi pendurado acima de seu túmulo na antiga igreja de Santo Albano, numa elevação em Mainz, em memória ao seu labor (CHRIST, 1889, p.94).

Ao evidenciar o trabalho feminino como algo inerente ao tipo de classe, faz a crítica aos indivíduos em geral que não se ocupam ou acham indigno atividades de menor valor, como por exemplo lavar roupas. Sobre essa questão, Christ, mostra que as filhas do rei da Prússia, Frederico Guilherme I e as irmãs de Frederico, o Grande, tinham que lavar suas próprias roupas, costurar suas vestimentas e tricotar as suas meias.

Nesse sentido, Christ considera importante todo o tipo de trabalhos e indica ainda que as formas colaborativas entre a dona da casa, filhas e empregados devem se dar nesse espaço, ou seja, o corpo feminino não deve ficar parado, pois enxergava o trabalho como exercício de autonomia.

Uma jovem tem até mesmo uma grande oportunidade de se mostrar amável e disposta quando ajuda a aliviar o trabalho de um serviçal, assumindo as tarefas menores das obrigações domésticas, onde já tem o suficiente o que fazer. Habitando-se desde cedo a isso, ela presta um grande serviço a si mesma, pois isso torna a pessoa mais independente dos serviços de outros, não ficando sem saber o que fazer quando esses outros alguma vez não possam estar presentes (CHRIST, 1889, p.34).

---

e muitas obras foram queimadas, posteriormente no século XIX arqueólogos encontram inúmeros textos e atribuíram à escrita sendo de Safo. <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/SafoLesb.html>

Ressalta-se que, nesses círculos de trabalho, foi propagado o modelo do homem provedor. Havia poucas oportunidades de avanço para os trabalhadores das fábricas; muitas de suas filhas trabalhavam nesse mesmo espaço. No entanto, essas mulheres de origem proletária preferiram o trabalho da fábrica ao serviço doméstico, ou como empregadas nas casas da alta classe. Essa tendência se intensificou até o final do século XIX.

Os discursos normativos em torno do lar tornam-se preponderantes. As relações conjugais ganham contornos significativos, fazendo da mulher o centro das atenções. O bom gosto, bem receber, decorar, arrumar, ornamentar, enfim, deixar elegantes os espaços, toma conta do cenário. Aspectos da boa sociedade representada por mulheres de classe alta e média que executavam e as de classes populares agiam como observadoras dessas experiências na qual poderiam espelhar-se. Ou seja, outras imagens se configuram; enquanto uma estava presa aos detalhes da casa, outras eram protagonistas, mantenedoras de seus lares. Por outro lado, cortes de cabelo, roupas, linguagem, dança, música, entre outros movimentos, tornaram as relações menos hierárquicas, ou seja, mais próximos, ou com a mesma tendência à informalidade.

Nesse processo, sobre a vida na esfera da vida privada, os manuais veiculados naquele período assumem papel preponderante no processo de conformação de lugares exclusivamente femininos. Assim, “uma série de regras de boas maneiras passaram ser entendidas como diretrizes, diferenciando-se de acordo com as demandas da situação e do relacionamento” (WOUTERS, 2009, p.111).

Esses códigos também foram evidenciados por Christ em seu manual. Destacamos dele, a arte à mesa que consiste num ritual próprio. Sendo considerado às mulheres as responsáveis pelo ato da nutrição, é à mesa que o comer toma sentido, é o lugar onde família e/ou pessoas se encontram para as refeições. Para isso, a disposição de lugares, dos pratos, dos copos, talheres, guardanapos e dos corpos deveriam estar em sintonia com as convenções desse ritual. Esse conhecimento caberia exclusivamente às mulheres, a dona na casa, e na falta dela, a filha deveria assumir essa função conforme orienta Christ:

Naturalmente a mesa estará preparada de modo limpo e correto. Ainda que este assunto não tenha ficado a cargo da filha da casa, é necessário que ela saiba como organizar uma mesa, principalmente se



houver convidados. Se faltarem instruções a respeito, em cada bom livro de culinária haverá mais detalhes sobre isso (CHRIST, 1889, p.107).

Elias expõe que ato de alimentar-se é um dos indicadores de como os processos de desenvolvimento social e individual passaram por modificações. Em análise, a orientação de Christ para que as moças procurem por um livro de receita e que leiam é um exemplo claro de como se desenvolveu esse movimento. Salienta-se que não foi um processo simples de mudança, pois foram necessários séculos para que esse tipo sentimento fosse padronizado. Elias (1994a) explicita essas transformações claramente em sua tese sobre o processo civilizador, de como os costumes até então considerados naturais são banidos, como o ato de trincar a carne com as mãos, e outras condutas ditas como incivilizadas à mesa, quanto arrotar, ou limpar a boca com as mãos. De acordo com ele, para a regulação dos impulsos e especialização dos utensílios à mesa, demandou uma grande lentidão, ou seja, foram séculos para que esse ritual diário internalizasse e o tornasse como um hábito natural entre as pessoas. Assim, esse controle de boas maneiras e o domínio do ritual à mesa instituíram referenciais que distinguiram aqueles que sabem dos que não sabem se portar. Esse elemento serviu como mecanismo de identificação da boa educação.

Para Visser, “o ritual da mesa é automático e isento de questionamentos, por parte de todos os que dele participam” (VISSER, 1998, p.17). Ainda de acordo com essa autora, no ritual, ações constantemente são repetidas, o que respeita uma forma pré-estabelecida que exige uma mensagem corporificada das ações. A refeição, além de visar à organização e a comunicação entre os que comem, objetiva também satisfazer o apetite e suas expectativas em relação ao desempenho dos gestos e maneiras de todos à mesa. (VISSER, 1998, p.17-18).

Christ ainda ensina que “na mesa da família, é natural que os pais, em especial o pai como chefe da família, sejam atendidos em primeiro lugar. Todavia, se houver um convidado presente, a cortesia manda que ele deve ter a preferência” (CHRIST, 1889, p.107). Demonstrar boas maneiras, ter domínio sobre o ritual à mesa tomaram contornos mais especializados, o corpo precisava estar em sintonia às novas necessidades da vida social. Sobre essa questão, Elias destaca que: “A transmissão de modelos de uma unidade social para outra,

ora do centro de uma sociedade para seus postos fronteiriços(...) deve ser considerado, em todo o processo civilizador, como um dos mais importantes dos movimentos individuais” (ELIAS, 1994a, p.116). O exemplo no manual de Christ mostra a difusão desse movimento.

No que se refere à etiqueta à mesa, passou a ser adotada em praticamente toda a Alemanha a forma convencional inglesa(...) Sob “etiqueta à moda inglesa” entenda-se: na mão esquerda, segurar o garfo e na direita, a faca. É uma questão de hábito acostumar-se a usar a mão esquerda com a mesma habilidade do que a direita. O uso simultâneo de garfo e faca em alimentos que requerem uma faca é prático e confortável (CHRIST, 1889, p. 111).

Esse processo sobre a arte do decoro à mesa perpassa por outros espaços da casa: a sala de estar em que performances de corpos externalizam no ato de saber receber. Christ registra que receber bem exige-se ciência, delicadeza, tato e intuição. Uma das primeiras coisas fundamentais a ser observada é com relação ao horário das visitas:

Na Alemanha, geralmente as visitas de decoro devem ser realizadas entre 11 e 13 horas. Em cidades maiores do norte da Alemanha, onde a hora do almoço ocorre em horários mais tardios, das 12 às 15 horas. O horário do almoço comum na Alemanha também permite os horários da tarde, das 15 às 18 horas caso não se trate de visitas de decoro a serem cumpridas com rigor (CHRIST, 1889, p.142).

Para quem recebe, é essencial que deva haver modéstia, nunca faltar gentileza. Christ, com o intuito de ensinar as moças, adverte sobre as responsabilidades de ser uma boa anfitriã, da importância social dessa atividade em receber pessoas. Nesse sentido, ensina as jovens moças:

Assim que a visita chegar até os pais que a recebem, cabe à jovem, mesmo em se tratando da filha da casa, afastar-se com um mudo cumprimento de inclinação, a não ser que for desejado que ela permaneça. Também nesse caso, a jovem deve observar aquela modéstia cordial que a juventude deve demonstrar na companhia de pessoas mais idosas, sem, no entanto, ficar sentada rigidamente, sem participar ou observar o hóspede com olhos curiosos. (CHRIST, 1889, p. 149).

Ainda sobre essa questão, Christ fala sobre o controle do corpo feminino, e de como deveria externalizar os sinais de receptividade às pessoas que eram

acolhidas para dentro do universo da casa. Posto o corpo em atitudes corretas, permitiria que as pessoas sentissem vontade de ficar e de voltarem outras vezes.

as regras do decoro, não ficar movendo as mãos o tempo todo, nem puxar na cabeça ou na vestimenta, nem brincar com a corrente do relógio ou coisas semelhantes para espantar o tédio, é uma dura prova de paciência para uma jovem. A cada passo somos lembrados de que o exercício constante do autodomínio é a nossa tarefa propriamente dita para viver em sociedade (CHRIST, 1889, p. 150).

Esse padrão de boas maneiras à mesa, e a arte de receber, para Elias, são apenas alguns exemplos de como alguns rituais, hoje tidos como naturais, formaram-se como uma unidade em algumas sociedades “mesmo que se observem diferenças importantes no tempo e estrutura de seus padrões de desenvolvimento” (ELIAS, 1994a, p.117). Aqui se retoma o que foi explicitado anteriormente por Cas Wouters, é a partir do trabalho desenvolvido pelas mulheres no espaço privado, especialmente da classe média e alta, que elas organizaram a esfera social da boa sociedade, pois deram respaldo às negociações que os homens faziam na esfera pública. Souberam, assim, controlar e articular seu espaço, “ao se desenvolver o nível de confiança e respeito enquanto relacionamento necessário para se assinar um contrato, um convite ao mundo da sociabilidade era (e continua sendo) uma estratégia apreciada” (WOUTERS, 2012, p.553). Até certo ponto, as mulheres passaram a exercer a função de "guardiãs das portas" da boa sociedade (WOUTERS, 2012). Todas essas pressões da vida privada em que tiveram seus corpos controlados e autocontrolados ofereceram ensejos específicos às mulheres. Estudar e melhorar as condições de vida por meio de uma profissão foram algumas delas.

### **3.3 Volta aqui, mocinha! Da casa, da escola para rua**

Ao falar especificamente sobre educação, Christ projeta uma educação especializada e orientada para um futuro promissor. Essa boa educação, daria às mulheres condições para enfrentarem os mais diversos obstáculos em suas vidas. Esse desejo de Christ está nas páginas iniciais de seu manual, quando escreve sobre a importância do seu livro às mulheres.

seus ensinamentos correspondem ao que Goethe designa como o mais apropriado para a juventude feminina, visto que todo o saber adquirido artificialmente, que mais tarde será de pouca valia, logo seria novamente deixado de lado. O muito-querer-saber levaria com frequência a confusões da mente, ao achatamento do caráter, ao passo que o que ocorre com vistas à futura profissão e à característica específica do ser feminino, visando o seu enobrecimento, seria mais duradouro e o verdadeiramente correto na educação (CHRIST, 1889, p.4).

Era um tempo em que as gerações almejavam um modo de viver melhor, e projetavam em seus filhos a possibilidade de mudanças, mas, para isso, a família deveria estar provida das melhores formas de educá-los. Especificamente na Alemanha, após a unificação em 1871, eram rigorosos os processos de reconhecimento das escolas e para a educação dos professores. Cada vez mais, a escola assumiu funções educativas e de orientação, a fim de educar as crianças no sentido do estado para assuntos "bons". Assim o Reich, por meio do militarismo prussiano manteve as ideias nacionais e reforçou a entrada na vida escolar.

Desse modo, o controle das ações dos filhos, especialmente das filhas, no interior da escola e fora dela pela disciplina do corpo, da fala, do tempo, eram aspectos fundamentais que alicerçavam a boa civilidade. Assim, a vida escolar também está associada à obediência de um comportamento exigido para aquele espaço, o qual também tinha uma etiqueta a ser respeitada. Essa questão é marcada no manual de Christ:

Praticamente no mesmo grau como em relação aos pais, deve-se o amor e o respeito perante os professores e professoras, pois estes exercem uma espécie de ofício sagrado enquanto se empenham em formar o coração e o espírito das crianças (CHRIST, 1889, p.28).

Vale observar que para Christ, além da prescrição do comportamento esperado, uma palavra toma um sentido importante neste universo, ela registra *professora*, o que confere o lugar ao feminino. Pode-se considerar nessa construção de identidade da figura da professora a partir de próprias experiências de Christ, seu posicionamento em favor do *eu* feminino nas relações que se estabeleceram.

Não resta dúvida de que homens e mulheres passaram um processo de socialização diferente, em que cada um deveria agir em determinadas situações.

Para os homens, o processo foi mais rápido, havia as lutas, o trabalho, e a força da disputa. Para as mulheres, o processo foi mais lento, no que se refere à competição entre os indivíduos, a sua representação estava entorno do sexo bem-comportado, elas devem ser amáveis, transigentes, humildes e generosas. Salienta-se que esses processos não são evidenciados em todas as culturas; “esse ideal faz parte de uma estrutura de personalidade que só se forma em conjunto com situações humanas específicas, com sociedades dotadas de uma estrutura particular” (ELIAS, 1994b, p.118). Nas sociedades em que a longa trajetória adquirira um controle nas forças naturais, as representações que foram sendo construídas no universo de gêneros, tanto homens como mulheres desempenham um equilíbrio nas relações, conforme os gradientes de poder:

Sob este ponto de vista, a utilização simples do termo «poder» pode induzir em erro. Dizemos que uma pessoa detém grande poder, como se o poder fosse uma coisa que ela metesse na algibeira. Esta utilização da palavra é uma relíquia de ideias mágico-míticas. O poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas (ELIAS, 2008, p. 81).

As relações entre homens e mulheres se mantêm por estruturas de poder, as quais se equilibram como em uma balança, ora em um dado momento as mulheres estarão em situações de maior poder em relação aos homens, e vice-versa. Dessa forma, o poder é pensado de forma relacional, conforme explica Elias:

Equilíbrio de poder não se encontra unicamente na grande arena das relações entre os estados, onde é frequentemente espetacular, atraindo grande atenção [...]. Também deveríamos ter presente que o equilíbrio de poder, tal como de um modo geral as relações humanas, é pelo menos bipolar e, usualmente, multipolar (ELIAS, 2008, p. 80).

Nesse sentido, nas relações construídas também no espaço escolar, pode-se considerar a figura do professor/a como aquele que irá tencionar as relações entre a família e os alunos/as, pois se torna responsável pelos conhecimentos úteis e também pela formação de boas maneiras e de bons comportamentos. Os excertos inscritos no manual de Christ, com vistas a civilizar, refinar as meninas e, por extensão, suas famílias, configurou-se em ações de orientar e intervir nos atos, percebidos como código mais apropriado

para a vida social. Sobre os códigos sociais, Elias expõe que “a mudança é o desenvolvimento de uma forma que se ajusta a nosso padrão avançado de delicadeza e da situação específica em que a atual vida social coloca no indivíduo” (ELIAS, 1994a, p. 167).

De forma geral, o manual preconizava que é por meio da disciplina e da instrução que se possibilita ao indivíduo guiar-se em suas ações. O padrão e modelos de civilidade exige respeito aos que possuem a experiência e o conhecimento.

Por isso, certamente é justificada a advertência de que os educandos devem respeitar aqueles que os estão educando como se fossem seus pais, dos quais receberam não a vida do corpo físico, mas recebem também a instrução, que ao mesmo tempo é vida da alma. São Crisóstomo já afirmou: “Considero mais importante do que o melhor pintor, o melhor escultor e os demais mestres das artes e das ciências, aquele que sabe como formar os corações das crianças” (CHRIST, 1889, p. 28).

O acesso a uma boa educação era para poucos, principalmente no que diz respeito às mulheres. As mulheres que frequentavam esse espaço eram filhas de alta classe. Na classe trabalhadora, seus filhos ficavam à margem de irem além do ensino primário, pois altas taxas eram cobradas pelo sistema educacional. Assim sendo, as divisões sociais entre os estratos sociais permaneciam. Nesse sentido, a exigência em devolver resultados à sociedade, e o empenho dos pais em proporcionar a educação mereceria reconhecimento.

Os pais que oferecem fielmente tudo o que está ao seu alcance para proporcionar aos filhos uma boa educação, formando-os para sua profissão, têm direito a não serem ludibriados em suas expectativas, quando supõem que o enriquecimento com saberes e conhecimentos também deva se estender de modo benfazejo sobre a sua conduta nas relações em casa e na sociedade (CHRIST, 1889, p.78).

A vida das mulheres mais jovens era regulada pela família; algumas oportunidades individuais de autorregulação eram limitadas. Sempre havia alguém para observá-las, principalmente as mulheres mais velhas, que traziam a todo o momento os hábitos para serem repetidos e lembrados. Nesse sentido, o controle estava em todos os aspectos da vida, nas maneiras de agir, bem como o sexo antes do casamento para mulher seria a vergonha para a vida toda. Para

os homens, era mais fácil essa situação, uma vez que eram detentores de sua própria honra, enquanto as mulheres não eram. A honra feminina, uma vez prejudicada e insultada, não poderia ser restaurada pela própria mulher. Aqui se reporta a honra como uma disposição emocional centralizada na integridade moral e física de uma pessoa, no caso, as mulheres. Violar essa integridade traz vergonha à pessoa que tenha sido ofendida.

Por isso, o conflito de gerações pela manutenção de alguns hábitos que ainda deveriam fazer parte das relações entre pais e filhos. Sobre isso, destaca-se outro trecho do manual de Christ:

Quando uma moça completa os seus estudos ou quando retorna do internato para a casa dos pais, ela já não calça mais calçados infantis. No entanto, isso não justifica que ela se coloque no mesmo nível de sua mãe; isso é observado e criticado com frequência, visto que esse tipo de relação entre mãe e filha não é exatamente agradável, uma vez que está faltando respeito (CHRIST, 1889, p.79).

A saída para estudar marca um dos movimentos fortes em que as mulheres puderam criar outras perspectivas para suas vidas. Nesse movimento, amplia-se a rede de pares com outros tipos de sentimentos e impulsos. Nesse período, as relações entre filhas solteiras e pais e membros das gerações mais velhas, em geral configurarão muitas mudanças nos padrões de formalização ou informalização, e no equilíbrio de poder entre as gerações que ocorreram no decorrer do final do século XIX. Elias afirma que “uma das mais perceptíveis e significativas é o recrudescimento de poder das mulheres jovens e solteiras” (ELIAS, 1997, p.51). Devido às pressões sociais que vinham se configurando em séculos anteriores, durante o século XX há uma mudança radical no código social, uma vez que a tomada de decisão e a regulação são transferidas às próprias jovens.

Ao pensar nessa autorregulação dos corpos, que se mostram ansiosos em sair, mas que ao mesmo tempo são regulados e observados constantemente, Christ, em uma passagem do seu escrito, aventura-se a explicar sobre importância de sair um pouco de si, ou seja, separar-se de alguns hábitos que deveriam ser deixados de lado e pensar em si, como viajar. Essa questão fica clara quando a escritora dirige-se às mulheres e conclama-as a viajarem e fala

das possibilidades de conhecimentos que possam ter, a partir dessas experiências:

O que para a mente é o anseio que lhe confere vida, é para o corpo o movimento que lhe confere saúde. Deveria ser uma regra levantar cedo, pois isso também fortalece a saúde, fortifica a resistência, vivifica o espírito e o torna ágil para o trabalho e receptível para toda a alegria nobre. É necessário enrijecer a sua vontade, superar a si mesmo para habilitar-se e poder usufruir essa alegria. Viajar renova e amplia a visão e abre a mente a novas ideias. Mas quem não ousa sair de si mesmo, separar-se de seus hábitos indolentes e de suas muitas necessidades, ocupa-se somente consigo mesmo e passará pelas paisagens maravilhosas intocado e insensível e retornará sempre decepcionado em suas expectativas (CHRIST, 1889, p.184).

O discurso do excerto pode ser averiguado pelo lugar onde se colocava Christ naquele dado momento, de mulher viajante, solteira, escritora, jornalista e diretora de um de jornal, funções que no período eram exclusivamente masculinas. Assim sendo, esse corpo que tomou forma na igreja, na casa, na escola tomou as ruas, e ali, outros processos de boas maneiras se deram.

### **3.4 Corpos Perambulantes: as performances na rua para Christ**

Meninas e moças são itinerantes nas ruas, como outros personagens que por lá transitam: comerciantes, trabalhadores, loucos, mendigos, prostitutas entre outros. Porém, a rua, para estes últimos, não é somente o lugar de circuito, mas é o cotidiano, lugar onde vivem, trabalham e divertem-se, ali se misturam, integram-se o público e o privado, - “perigo das ruas” - falam os mais temerosos. Nessa mistura de pessoas, as fronteiras simbólicas são ressignificadas, uma vez que a rua é passagem, nunca será igual a ela mesma; nela, indivíduos dialogam, negociam, códigos se constroem e desconstroem - os saberes da rua - “cada pessoa nesse turbilhão faz parte de determinado lugar. Tem uma mesa à qual come, uma cama em que dorme; até os famintos e sem teto são produtos e componentes da ordem oculta que subjaz à confusão” (ELIAS, 1994, p.21).

Esses saberes da rua dão-se nesses encontros, ora fortuitos, ora planejados. São conhecimentos apreendidos por meio da gradual permanência nesse espaço, e dotados de um caráter eventual. Esse conhecimento se dá, na meticulosa observação e controle das emoções indistintamente a todos os



indivíduos, porém com diferenças de graus maiores ou menores no processo de aprendizagem. Nas ruas o corpo é visado, vira espetáculo, e sobre ele, forças de controle atuam, ora por meio dos olhares dos “outros”, ora quando os olhares se voltam para comandar o próprio “eu”. A rua-corpo define o que é permitido e o que não é permitido fazer nesse espaço. Assim, um rol de prescrições, disciplinas e subordinações são agora colocados para que se alcance a civilidade.

O corpo, os braços e as pernas, os olhos, os ouvidos e a estrutura cerebral já eram os mesmos. Mas, foi necessária a experiência cumulativa de muitas centenas de gerações para que a previsão e a capacidade de refrear e controlar as forças naturais internas e externas aumentassem continuamente (ELIAS, 1994, p.112).

As mudanças são lentas e prolongadas, muitas delas são possíveis de ser observadas a partir de épocas em que as transformações sociais e mentais foram se construindo. Os processos históricos, evidenciam-se com o uso consciente das forças naturais, o controle social e o autocontrole. “Por isso, aprender a controlar-se a si mesmo deve ser um grande anseio. Somente um caráter que pratica o autodomínio consegue inspirar confiança (CHRIST, 1889, p.57).

No curso dessa triangulação com funções interligadas, não só as pessoas se tornam diferentes, como cada uma vai tomando consciência dessas diferenças. A partir desses estágios do desenvolvimento social e mental, buscamos algumas abordagens de Christ, como por exemplo quais exterioridades a autora enfatizava para se ter o melhor comportamento. Um dos primeiros aspectos escolhidos para análise refere-se ao saber, e no fazer-se feminino ao movimentar-se.

Também faz parte das exterioridades, falar e rir alto ou ficar parado por muito tempo diante de vitrinas, fato apreciado por muitos e perturbador para o tráfego em ruas transitáveis, como, por exemplo, quando várias pessoas andam de braços dados, ocupando todo o espaço da calçada. Em cidades grandes de muito movimento, é necessário avançar mais rapidamente do que em cidades pequenas. Mas andar apressadamente seria tão pouco feminino quanto andar lentamente e balançando os braços sem modos. Assim como o interior atua sobre o exterior e como também pode ser percebido pelo tom de voz de uma pessoa, assim também a caracterizam o seu andar e seu modo de cumprimentar (CHRIST, 1889, p.134).

Essas ações consideradas espontâneas, o riso, o falar alto, e o andar destacadas por Christ como “transgressores” das regras, passam a ser alteradas à medida que o controle e o desenvolvimento do espaço das relações passam a conectar com os modos costumeiros aos novos modos de agir. Nesses processos, por meio do contato direto com os outros, os indivíduos se tornaram cada vez mais individualizados e a autorreflexão se torna diferente.

É necessário aprender tudo o que se deseja tornar como próprio. A vida consiste de exterioridades e o exterior atua sobre o interior, do mesmo modo, também as autênticas boas maneiras devem eclodir do interior do ser humano, caso devam ter um efeito benéfico. Uma lisura e um desembaraço aparente portam em si algo de falso e não dão uma boa impressão. O conteúdo interior, a particularidade do ser e do caráter não devem ser obscurecidos nem tornados irreconhecíveis pelas formas externas da cordialidade e do decoro, pelo contrário, devem ser elevados e harmonizados entre si. A disposição interior deve estar em concordância harmônica com a postura exterior (CHRIST, 1889, p. 3).

Nessa trajetória, as alterações dos comportamentos entre as pessoas, tornam-se mais diferentes em sua composição, assim sendo, “cada pessoa se conscientiza mais dessa diferença” (ELIAS, 1994b, 117). Especificamente ao se reportar à sociedade alemã do século XIX e do início do século XX, Norbert Elias examina os dilemas que os alemães estavam vivenciando, uma vez que oscilavam entre uma tendência idealista-liberal, em que os ideais humanos e morais eram aplicáveis às pessoas em geral e passaram para uma tendência que aumentava consideravelmente numa vertente conservadora-nacionalista, o que posteriormente resultou no postulado dessa última esfera. Esse postulado veio por dar forma, como se deram os processos de unificação da Alemanha. O passado de derrotas, o sentimento de inferioridade na hierarquia dos Estados europeus, traçou e implicou uma alteração do *habitus* alemão que pode ser associado ao desenvolvimento do Estado “em face de um crescente sistema de crenças nacionalistas que, com renovado vigor, colocava o Estado e a nação acima de todos os outros valores, a escrita de história e em muitas outras áreas” (ELIAS, 1997, p.125).

Em um trecho do manual, Christ comenta que “é necessário tornar-se independente das circunstâncias externas com todas as forças da vontade, aprender a dominá-las superando a si mesmo, para que, se essas circunstâncias

se alterarem de modo desfavorável, não caímos juntos, mas permaneçamos em pé, agindo” (CHRIST, 1889, p. 63). Os posicionamentos percebidos em sua escrita reforçam o que Elias descreve sobre uma linha divisória acima citada, entre a “história política” e “história cultural”. Essa linha foi criada a partir da posição e da autoimagem<sup>61</sup> que as elites da classe média alemã desenvolveram. Essa classe, antes de ser reconhecida, fora politicamente excluída, sua autolegitimação e para a justificação de seu orgulho, uma vez que sua base nas relações estava envolta em áreas como religião, ciência, arquitetura, filosofia e poesia, assim como “o progresso da moralidade humana, tal como pode ser observado nos costumes e na conduta das pessoas comuns” (ELIAS, 1997, p.112), aspecto observado quando Christ escreve:

(...) observância dos preceitos externos da cordialidade e do decoro é imprescindível para nosso progresso pessoal. Eles são o elemento de ligação da vida social, pelas quais a natureza é enobrecida e elevada em sua dignidade, tornando-se o baluarte dos que se encontram sozinhos (CHRIST, 1889, p.3).

A partir de 1870, essa linha fica mais clara para os setores dessa classe, que sofria as pressões desse dilema, pois puderam escolher e defini-lo. Assim sendo, os indivíduos da classe média, ou poderiam identificar-se com poder do Estado, mesmo que o regime estatal trouxesse implícitos aspectos opressivos e humilhantes, ou iriam para uma linha mais liberal, que dava às pessoas um sentido de “liberdade interior” a integridade de suas próprias realizações, o seu orgulho. De acordo com Elias, este último foi o caminho escolhido por historiadores e outros representantes da classe média educada nesses padrões, que possuíam uma índole mais liberal

(...) poderia chamar "liberal", embora este termo compreendesse crenças de uma variedade de diferentes matizes. Sua aversão frequentemente considerável ao regime político em que viviam era mitigada e sua vontade política afundava na resignação passiva, porque não se vislumbrava nenhum caminho razoavelmente seguro de alterar o regime (ELIAS, 1997, p.122).

---

<sup>61</sup> Sobre a autoimagem, Norbert Elias explica que: “o cerne da "nós-imagem" e do "nós-ideal" delas foi formado por uma imagem e sua tradição e herança nacionais” (ELIAS, 1997, p.130).

Nesse sentido, a atenção e o equilíbrio das emoções passaram a ser evocados, o “interior” sobre o “exterior”. Verificar esses aspectos na perspectiva eliasiana é compreender que esses processos de mudanças são particularmente distintos, porém interdependentes.

A moderação das emoções espontâneas, o controle dos sentimentos, a ampliação do espaço mental além do momento presente; levando em conta o passado e o futuro, o hábito de ligar os fatos em cadeias de causa e efeito - todos estes são distintos aspectos da mesma transformação de conduta, que necessariamente ocorre com a monopolização da violência física e a extensão das cadeias da ação e interdependência social. Ocorre uma mudança "civilizadora" do comportamento (ELIAS, 1993, p. 198).

Na sequência da análise sobre os registros realizados por Christ, observamos que esses trazem conotações a respeito das expressões, das sensibilidades das pessoas na rua, das formas já aprendidas e das que deveriam ser direcionadas a outro modo de comportamento. Especificamente retrata a expressão facial, o sorriso, como uma das manifestações emocionais mais significativas para as relações sociais. A escritora descreve que nas ruas “dependendo das pessoas cumprimentadas, às vezes se manifestam os mais variados sentimentos, que podem ser tanto atraentes quanto desagradáveis (CHRIST, 1889, p.135). Esse autocontrole que as pessoas passaram a ter com relação às outras, ou por um sentimento desejável ou não, fez com que gerasse um novo direcionamento às forças corporais. O organismo, ou melhor, os componentes fisiológico, sentimental e comportamental passam a ser ativados, e as emoções controladas e redirecionadas às formas de distinção dos indivíduos. Retoma-se ao que Elias aponta sobre o sorriso na face, função que também se mistura às propriedades inatas e adquiridas e preparam os indivíduos para a convivência em grupo, uma vez que o sorriso é usado na intenção de antecipar determinadas condutas e também “são capazes de aliviar suspeitas e medos” (ELIAS, 2009, p. 43). Essa forma de comunicação humana, como os sinais faciais projetados, adquirira, por meio da mobilização de uma padronização inata, uma aprendizagem em vários graus. Esse entendimento e/ou interpretação dos sinais faciais só é possível de ser percebido nos humanos, para Elias este é “[...] considerado o registro de um processo evolutivo

até agora inédito” (ELIAS, 2009, p. 43). Esse argumento de Elias fica mais claro quando a autora prescreve em seu livro:

Faz parte dos maus hábitos – dos quais muitos só se tornam conscientes de tê-los adquirido quando percebem nos outros o quanto eles são desagradáveis e perturbadores – as risadas altas, os movimentos de braços e mãos, o balancear da cabeça, o franzir da testa, virar os olhos, mostrar a língua com zombaria ou repuxá-la e torcer o nariz, resumindo, fazer caretas, expressão usada para expressar esses péssimos costumes em sociedade (CHRIST, 1889, p. 171).

Essa análise torna-se um elemento interessante, quando se volta com mais atenção ao manual. Há indícios fortes de que Sophie Christ estudou sobre psicofisionomia<sup>62</sup>, uma vez que vários autores que Christ cita em seu livro tiveram conhecimento sobre a arte das interpretações dos aspectos físicos interligados aos sentidos.

A nossa mais pura destinação é enobrecer a natureza, pois, assim como a arte deixa de ser verdadeira arte quando se percebe o artificial nela, não sendo mais de natureza enobrecida, do mesmo modo não será possível reconhecer o verdadeiro caráter de uma pessoa se ela não assimilar o aprendido completamente dentro de si, harmonizando-o com sua natureza (CHRIST, 1889, p.86).

Nesse sentido, corpo/mente e cultura/natureza não podem ser compreendidos separados, pois estão interligados em figurações sociais, cada uma com seu gradiente de poder. O corpo proporciona uma série de funções que podem constantemente ser acionadas e que são desenvolvidas histórica/socialmente, nas formas de sentimentos e dos movimentos corporais.

Um dos sentidos mais usados para uma função discriminatória (especificar algo) é o olhar. Os movimentos dos olhos são usados como controle às respostas das observações, pois conforme os estímulos (imagem) que se veem, os olhos indicam aprovação ou reprovação das ações dos indivíduos.

---

<sup>62</sup> A psicofísica é o sentido sensitivo, a cabeça, o rosto e a expressão dos olhos no sentido mais amplo, o reconhecimento de todas as manifestações da natureza. Foi o filósofo, escritor e pastor Johann Caspar Lavater (1741-1801) que iniciou estes estudos. Suas teorias foram discutidas por Friedrich Schiller (1759-1805) e Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) também tratou intensamente do ensino da psicopedagogia. Carl Huter (1861-1912) é hoje considerado como um dos representantes mais importantes da psicopedagogia.

Fonte: <https://www.psychophysiologyonline.com/psychophysiology/>.

Essa questão foi retratada por Christ, cuja a atitude ideal deveria ser expressada nas ruas pois:

O ser humano é a única criatura que, como imagem de Deus, porta a sua cabeça olhando para cima. Sendo assim, não se deve deixar a cabeça pendendo para baixo, demonstrando mau humor, mas também não se deve deixá-la muito erguida, conscientemente rígida e altiva, mas livre e natural, mantendo os olhos disciplinados, pois não é necessário observar com curiosidade tudo o que encontra. Ficar olhando para trás para observar alguém é tão inadequado quanto atravessar a rua comendo (CHRIST, 1889, p.133).

As pessoas nas ruas chamam atenção, muitas atitudes negadas, outras desejadas e reproduzidas, assim inúmeros comportamentos vão sendo criados e recriados nesta rede social.

### **3.5 As práticas corporais e a adequação à rua para Christ**

Especificamente na Alemanha, a primeira grande onda de industrialização começou depois de 1850, e isso fez com que as principais cidades alemãs se desenvolvessem significativamente. A indústria criou fábricas e empregos que atraíram um gigantesco fluxo de população das áreas rurais. Eram, em sua maioria, pessoas que não poderiam mais garantir o seu sustento na fazenda ou viver de trabalhos manuais. Em geral, eram trabalhadores desempregados que, na expectativa de melhores condições de viver, mudaram-se para as novas cidades, que se tornavam centros industriais. Com isso, em pouco tempo os trabalhadores<sup>63</sup> ocupavam as fábricas e as ruas. Nessa mistura, todos estão de alguma forma presos a certo ritual no tratamento com os outros e a formas específicas de comportamento. Não é possível fugir disso, comenta Elias, “cada uma dessas pessoas tem ou teve uma renda, alta ou baixa, de que vive ou viveu; e, ao passar pela rua, essa função e essa renda, mais evidentes ou mais ocultas, passam com ela” (ELIAS, 1994b, p.21).

---

<sup>63</sup> No meio desses trabalhadores encontram-se mulheres e crianças. Eram muitas crianças que trabalhavam nas fábricas. Os empresários pouco se importavam com a idade delas, muitas tinham por volta de seis anos e executavam trabalhos muitas vezes iguais aos adultos. Somente em 1839, é que foi emitida a primeira lei de proteção para crianças trabalhadoras: o Regulamento Sobre o Emprego de Trabalhadores Juvenis em Fábricas. Ressalta-se que em 1813, a Inglaterra e França já haviam regularizado este tipo de trabalho aos jovens (SILVA, 2009).

Vários condicionantes povoaram as cidades, a pobreza e a necessidade existencial, a reestruturação social, a moralidade dupla da sociedade burguesa, mas também os mercados de consumo emergentes e o desejo de prazer. Vale o registro de que o desemprego e os salários baixos levaram muitas mulheres à prostituição. Assim, na segunda metade do século, na Alemanha houvera a maior porcentagem de prostitutas e para tirar as muitas mulheres da rua, inúmeros bordéis foram sancionados. Considerou-se este espaço como "não cristão" e "abominável", mas tornou-se "um meio indispensável para evitar o pecado ainda maior entre os habitantes de uma cidade". Mesmo a igreja em si era muitas vezes um dos operadores de bordéis (por exemplo, em Mainz, cidade de Christ, ou Estrasburgo). Schulte (1994) afirma que os bordéis eram considerados instituições públicas e foram dirigidos pelas autoridades, e atribuídos como um lugar permanente no tecido social, pois eram portadores de uma função social. As prostitutas que trabalhavam nesses bordéis estavam sob o controle, mas também sob a proteção da cidade. Vale ressaltar que as mulheres que são levadas a se prostituírem mesmo que por vezes seja um trabalho temporário, essa situação passa a negar a natureza essencial, ou seja, a de mãe e esposa, e passa assumir performances de feminilidade e de ter consciência em lidar com essa função que exige administração da sua vida financeira, do tempo, espaço, e os riscos da ilegalidade.

Um outro aspecto é com relação às classes sociais que viviam dos rendimentos dos seus trabalhos. Mais tarde, essa classe passou de posição de subordinadas à classe de dirigentes, e criaram dentro de seus círculos códigos de conduta próprios que frequentemente eram utilizados como armas para confrontar as classes altas aristocráticas, "bondade e virtude em oposição ao código exclusivo de honra e boas maneiras" (ELIAS, 1997, p.133).

A prostituta é a "outra" e as ruas ressaltam brutalmente o outro, o "inferior", suas sujeiras, odores e expõem sua situação de fome e desamparo. Essa mistura nas ruas, nos espaços, isto é, estas teias sociais levaram os indivíduos a ter uma maior flexibilidade nos sentimentos. Cas Wouters, enfatiza que no final do século XIX e início do XX, muitos hábitos de distanciamento social foram sendo abandonados, outros níveis de interpenetração social tornaram mais imprescindível que se alcançassem um maior controle sobre os sentimentos, especialmente o medo de ser provocado ou atacado. Visto que, o "inferior"

também se utiliza de prática corporais, de expressões de auto piedade e chorosas; portam-se de cabeça e de olhos para baixo; outros mais agressivos avançam para cima dos andantes. Nessas tensões, foi necessário que os sentimentos de superioridade sobre os demais indivíduos fossem equilibrados. A explicação de Wouters sobre esses processos são que, “a fórmula que um dia fora natural e que dizia que à superioridade em termos de poder corresponderia uma superioridade do indivíduo enquanto ser humano foi declinando ao ponto de causar profundo constrangimento” (2012, p.559).

Uma dessas manifestações de mudança com o outro foi observada, de acordo por Christ,

Quando nos deparamos com pessoas humildes, seja onde for, não devemos adotar a mesma conduta prescrita a ser seguida diante de pessoas de posição mais elevada. Isso seria inadequado e poderia parecer até mesmo uma zombaria diante de sua pobreza, mas devemos demonstrar uma cordialidade maior ainda, mais compaixão e brandura. Assim também deve ser o cumprimento ao encontrá-los na rua. A expressão do rosto não deve deixar o outro perceber que seria sua obrigação agradecer pelas dádivas recebidas (CHRIST, 1889, p. 47).

#### Outra passagem reforça estas práticas

Se a pessoa que encontrarmos for de classe inferior à nossa, não devemos esperar de modo mesquinho para cumprimentá-la somente depois que ela nos cumprimente, mas, de preferência, cumprimentar antes dela. Uma pessoa nobre, de bom caráter, se caracteriza pelo modo amoroso com que cumpre este dever de amor ao próximo. Um cumprimento frio e áspero demonstra má educação e não responder a um cumprimento por orgulho é ofensivo. Entretanto, as pessoas cumprimentadas também devem ser consideradas de acordo com sua posição. Cumprimentar pessoas de posição superior deve ser feito de modo respeitoso e honroso, pessoas semelhantes, de modo caloroso e, pessoas inferiores, de modo amável e de boa vontade (CHRIST, 1889, p. 135).

A especialização das técnicas são muitas vezes adaptações a que os indivíduos se submetem devido a determinados comportamentos e/ou no controle deles. Essas mudanças nos hábitos mentais, foram perceptíveis e confirmadas por Christ, a partir da recomendação de certas práticas corporais, circunscritas de códigos utilizados no dia a dia.



De acordo com Elias, determinados comportamentos e regras, que se estabeleceram e direcionaram o processo civilizatório, levaram ao aumento dos padrões de vergonha<sup>64</sup> e recato da sociedade. Com relação aos aspectos naturais da vida<sup>65</sup>, como as doenças, velhice e a morte, aos poucos foram sendo pelos indivíduos silenciados. Nesse sentido, as pessoas não querem ver determinadas situações, são levadas para o fundo da cena social. Nesse processo, a velhice foi sendo negligenciada, ela foi enclausurada, restrita à esfera privada, uma vez que as ruas modernas, não são lugares para pessoas lentas e confusas que pouco enxergam.

Christ ensinou como agir com essas pessoas, porém com o aumento dos padrões de vergonha muitas dessas sensibilidades mentais tiveram seus percursos alterados posteriormente, como já explicitado por Elias.

Tratando-se de pessoas mais idosas, não devemos ser mesquinhos, esperando o cumprimento delas, mas devemos cumprimentá-las primeiro. Se encontrarmos pessoas portadoras de alguma deficiência física, enfermas ou tomadas de alguma doença, então tanto o amor ao próximo quanto a decência nos ensinam a não ficar olhando para trás, ou chamar a atenção de algum outro modo (CHRIST, 1889, p. 47).

Outra manifestação descrita pela autora a ser evitada por ser indelicada foi a de “chamar uma pessoa conhecida já de longe e perguntar como vai ou apontar para alguém com o dedo ou acenar” (CHRIST, 1889, p. 137). Controlar estes impulsos nos atos sociais acarretará uma mudança importante, o aumento da “compulsão de policiar o próprio comportamento”. Esse afastamento dos afetos levará a individualização, um isolamento orientado por uma vida coletiva.

---

<sup>64</sup> Gloudblom, a partir da teoria de Norbert Elias, considera que a vergonha é um sinal de uma dor “social”; apresenta-se contraditória pois de um lado os gestos são feitos de uma forma conspícua, e ao expressá-la a pessoa não está tentando apenas se esconder, mas está ao tempo chamando a atenção para si (2009, p.54).

<sup>65</sup> Em seu livro “Sobre a Solidão dos Moribundos” afirmou que o processo atual de civilização tendeu a se individualizar e assim se desenvolver. Para os moribundos, isso significa que sua despedida da vida não será incorporada na família, mas ser isolada em uma instituição como uma clínica, hospital ou lar de idosos. Com o sucesso da medicina, a expectativa de vida aumentou. Isso levou de acordo com Elias, a suprimir o uso consciente do envelhecimento e da morte. Muitas pessoas desejam a morte rapidamente, sem despedidas, um acontecimento sem sofrimento e de preferência a noite durante o sono.

Esse julgamento subjetivo pelo que foi e é socialmente aceito está dentro de uma escala de valores e no mesmo curso de percepção subjetiva seletiva. Isso é consistente com a observação por meio de outras culturas, do trabalho executado por mulheres em comparação especial para os tipos de atividades em que a posição que ocupam é colocada, bem como as atividades que desenvolvem no dia a dia o básico das necessidades humanas: nutrição e reprodução, preparação de alimentos e cuidados da casa. Estas últimas tomam o lugar das mulheres que ficam detidas na casa, e lá as identidades dos residentes se definem, bem como de quem as visitam, principalmente se for outra mulher. A exibição, especificamente feminina, tende a lidar com o mesmo sexo em áreas mais reais, uma vez que suas observações e julgamentos são refletidas a partir de uma perspectiva interna, “uma entende a outra”. Sobre essas relações, Christ evidenciou que: “a amizade deva ser sincera e proveitosa, então não deve haver uma cegueira recíproca em relação aos erros do outro. A idade, opiniões e princípios, tais como o caráter e as condições de vida externas devem estar em harmonia entre si” (CHRIST, 1889, p.195). Em outra passagem ainda prescreve:

À noite, ao escurecer, ao reconhecer conhecidos, não se cumprimenta mais; a exceção só é dada para amigas íntimas. Esta regra do bom tom ninguém irá interpretar como ofensa (...) Se já tiver começado a escurecer, uma moça, principalmente se estiver desacompanhada, segue rapidamente o seu caminho, sem olhar para a direita ou para a esquerda (CHRIST, 1889, p. 136).

O bem-estar com a “outra” traz alento, o bem-estar construído no espaço íntimo passa à extensão na esfera privada em que o eu-nós se identificam, aumentando a rede de interdependência. É possível pensar, ao longo desses processos estabelecidos, que essa identificação responderia, em grande parte, para derrubar diferenciações tradicionais em favor de uma linguagem mais afetiva nos séculos seguintes, pois as “relações sociais são emocionais, emoções individuais são sociais” (GOUDSBLOM, 2009, p. 56).

### 3.6 Christ e o pensar em si e nos outros

As performances dos corpos, as práticas como meio de equilíbrio das intervenções sociais, e que se constituíram em uma nova inscrição corporal, são sujeitas a ressignificações constantes e versatilidades que auxiliam os indivíduos na sua adaptação às novas formas de agir. Os desafios no andar, no olhar, sorrir, cumprimentar, agir revelam o quanto os indivíduos tiveram que internalizar outros tipos de condutas, outros se sentiam à vontade com a rua, o que levou ao afrouxamento das sensibilidades com sua diversidade, e com o imprevisível. Nessas ações ocorrem práticas sociais por meio de um fluxo contínuo no qual cada pessoa distinta está atrelada a outra/s direta ou diretamente. Conforme Elias, “são elos nas cadeias que as prendem” (ELIAS, 1994, p. 23).

No cotidiano da rua podem ser delineados contornos sobre o universo feminino e o masculino. Homens e mulheres compartilham práticas e expressam singularidades, ultrapassam as fronteiras simbólicas que se manifestam corporalmente. Assim como as relações, as fronteiras entre o público e o privado não podem ser consideradas estáticas e o conteúdo de ambas foi e continua sendo histórica/socialmente alterado. Os limites entre público e privado não são resolvidos, dependem da situação e estão em discussão. No entanto, a privacidade é valiosa, porque está intimamente ligada ao desejo de autonomia, e o trabalho foi uma das possibilidades para que muitas mulheres saíssem de casa. Especificamente na Alemanha, o desejo do nós-ideal aliado ao crescimento interno fez com que frentes de trabalho dessem também oportunidade às mulheres. Essa questão é observada quando Christ escreve sobre o desenvolvimento das cidades e como o trabalho da mulher passou a ser parte integrante do processo.

Nas cidades grandes, pela necessidade da época, estabeleceram-se instituições femininas que tomaram a si a tarefa de introduzir as moças para os trabalhos na indústria (...). Pelo talento, afinco e perseverança, as mulheres e moças fincaram pé firme nos mais variados ramos da produção e obtiveram resultados surpreendentes em tempo relativamente curto. Além de escolas para o comércio e a indústria, também é frequentada a escola de desenho, especificamente em Viena; lá é desenvolvido o sentido pelas formas e cores, e objetivada a prática de serviços manuais e visuais, fato que se comprova de modo exemplar pelo excelente desempenho das artesãs de serviços em madeira e marfim, das pintoras de desenhos em porcelana, das bordadeiras e das desenhistas de moldes e padrões (CHRIST, 1889, p.98).

A partir dessas considerações de Christ, compreendem-se que as tradições foram sendo adaptadas e transformadas nesta nova ordem social burguesa que surgia, e transformada em um domínio público evidentemente masculino. A vida profissional e a privacidade da vida familiar codificada, especialmente a feminina, foram divididas, a vida no lar e fora dele. Assim, ao elaborarem táticas, permitiram-nas colocar-se na balança de poder e subverter a ordem, ainda que em seus espaços privados/íntimos as mantivessem como controladoras.

Nessas ações, tanto femininas quanto masculinas, sofreram tensões que concomitantemente afetaram a esfera privada principalmente com a saída da mulher para o trabalho, e em seguida atingiu os setores públicos, como explica Elias (1994b, p.44) “quanto mais essa divisão avança numa sociedade e maior é o intercâmbio entre as pessoas, mais estreitamente elas são ligadas pelo fato de cada uma só poder sustentar sua vida e sua existência social em conjunto com muitas outras”.

Essas transformações são possíveis de serem verificadas dentro do espaço privado quando Christ reforça a função das mulheres, os cuidados da casa, do trato com os empregados e da educação dos filhos, porém novas situações são colocadas e levam os indivíduos a mudarem suas atitudes de acordo com as demandas da vida.

Está certo que a missão propriamente dita da mulher está na sua atuação na família, no círculo doméstico. Entretanto, quando aos pais a carga e os problemas forem muito grandes, quem melhor do que os filhos para empenhar as suas forças e aproveitar os seus talentos para facilitar-lhes a vida? (CHRIST, 1889, p.97).

Christ ainda aponta sobre o preconceito que as mulheres iriam enfrentar ao subverterem a ordem:

O trabalho abriga em si algo enobrecedor e, de qualquer modo, é muito mais honroso tornar-se consciente das próprias habilidades, valorizar e amar o trabalho e se livrar de preconceitos petrificantes, com os quais alguns olham com menosprezo sobre as mulheres que conseguem seu sustento pelas próprias forças e pelo trabalho (CHRIST, 1889, p. 97).

Verifica-se assim a análise eliasiana, quando se observa que há nas relações descritas por Christ diversas figurações relacionais de poder, em que o

indivíduo-eu não pode ser destituído da sociedade-nós. "Isto se expressa no conceito fundamental da balança nós-eu, o qual indica que a relação da identidade-eu com a identidade-nós do indivíduo não se estabelece de uma vez por todas, mas está sujeita a transformações muito específicas" (ELIAS, 1994b, p.9).

Nessas transformações, tanto em circunstâncias individuais quanto coletivas, foi necessário empreender a mesma tarefa: trazer de volta à consciência, quase sempre em face de uma forte resistência, coisas que são esquecidas, mas que precisam ser ressignificadas. Não é uma prática simples limitar esse abismo entre indivíduo e sociedade, pois, em ambos os casos, é necessário um autodistanciamento e, se tiver êxito, pode contribuir para a flexibilização de rigorosos modelos de comportamento.

O sentido de tato, inato, muitas vezes percebe inconscientemente o que é certo. Quando são feitas exigências na sociedade, não é suficiente apenas substituir a ausência das formas da decência (...) Para o sexo feminino, seguir as formas de conduta externas representa o muro de proteção de seu verdadeiro eu e o meio mais importante para merecer e preservar o apreço e a consideração na sociedade humana, bem como servir de exemplo de como é possível atuar de modo muito benéfico entre as pessoas, resumindo, merecer o agrado de Deus e dos seres humanos. Todavia, é muito raro que alguém já se encontre assim preparado por natureza, de modo a encontrar por si mesmo o que é certo, pelo contrário, as regras do decoro precisam ser aprendidas, adquiridas e cultivadas (CHRIST, 1889, p.3).

O modelo de conduta deveria ser seguido e compartilhado por todos dentro da uma ordem, pois naquele momento os indivíduos precisavam de uma orientação, Christ retratou a ordem, e procurou fundamentar-se em Johann Gottfried von Herder<sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> Clérigo, poeta, crítico literário, teólogo, escritor e filósofo germânico nasceu em 1744 em Mohrunge, hoje Morag, na Alemanha, destacou-se pelo movimento literário *Sturm und Drang*, precursor do *romantismo*, que misturou o sentimento nacionalista alemão com o desejo de conhecimento universal próprio do século XVIII. Foi aluno de Johann Georg Hamann (1730-1788) e Immanuel Kant (1724-1804) e absorveu o pensamento filosófico deste. Em (1769) conheceu Diderot, Rousseau e d'Alembert deu aulas a Goethe (1749-1832), sobre quem exerceu influência decisiva e tornou-se seu amigo. Por influência de Goethe foi nomeado pregador da corte em Weimar (1776) e ambos tornaram-se membros de uma sociedade secreta, os *Illuminati*, posteriormente conhecida como a *Maçonaria Iluminada* e ganhou grande prestígio entre nobres e intelectuais na Europa. Morreu em 1803 em Weimar, deixando uma vasta produção literária fonte: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JohaGoHe.html>.

A ordem sobre o espírito e sobre o corpo já deveria ser cultivada desde a mais tenra infância, praticada durante toda a vida, ser visível em toda parte e tornar-se uma segunda natureza. Isso vale até mesmo para as coisas aparentemente ínfimas, como também para os ambientes que podem ser considerados como próprios. Por exemplo, o quarto de dormir de uma jovem moça deve ser um reflexo de seu ser íntimo. “Assim como as pessoas pensam, assim elas moram e assim elas constroem”, afirma Herder (CHRIST, 1889, p.66).

Ao tomar o tempo da escrita do manual, esse desejo por uma orientação de um código de conduta aceito e compartilhado por todos estava em efervescência, uma vez que lutas, desavenças e derrotas, marcaram internamente as sociedades, características específicas da sociedade alemã que, em sua autoimagem, foi construída por pessoas incapazes de conviver sem discórdia e conflitos (ELIAS, 1994b). Nesse sentido, identifica-se esse sentimento em Christ, quando tenta incutir, para além das boas maneiras, um sentimento de mudança entre todos.

Quanto mais próximas as pessoas estiverem ligadas entre si pelos laços naturais e pelas relações no lar, tanto mais elas têm o dever de tolerar-se com amor, honrar uns aos outros e, desse modo, facilitar a vida para si e para todos (...) o entendimento entre si e a delicada consideração mútua dos irmãos é a pedra de toque<sup>67</sup> de uma boa educação e uma prova bem maior do bom tom, do que a lisura externa da conduta nas relações em sociedade (CHRIST, 1889, p.20-22).

Porém, o desejo pelas boas relações, a tolerância dos afetos, essa união entre maiores pares para facilitar a vida em sociedade irá expressar o mais profundo desejo por uma centralidade que daria fim a toda essa fragmentação interna. Porém, muitos indivíduos da sociedade alemã idealizaram um modelo configurado pela força bélica para desfazer essa representação que a história sempre trazia, “depois de 1871, os alemães eram propensos a colocar os aspectos de poder da política acima de todos os outros” (ELIAS, 1997, p.323). Assim sendo, um líder seria de fundamental importância naquele momento. Sobre esta questão Elias escreve:

(...) anseio nostálgico de um soberano, de um monarca, de um líder forte que fosse capaz de as levar à unidade e ao consenso. Como elementos da autoimagem alemã esses traços complementares —

---

<sup>67</sup> Original: *Prüfstein*. Ao longo da história, a expressão "pedra de toque" passou a ser usada em sentido figurado com o significado de padrão de aferimento ou critério usado para determinação da qualidade. Algo em que deve provar a si mesmo ou alguém tem que provar. (fonte: <https://www.duden.de/rechtschreibung/Pruefstein>)

esse receio de sua própria capacidade de encontrar um modo pacífico de convivência e esse anseio de uma poderosa autoridade central que poria fim a toda essa dissensão - mudaram de caráter e de função com o passar do tempo. Mas, em conjunto com outros padrões persistentes da tradição alemã de crenças e atitudes, eles prepararam o terreno para uma predisposição a reagir, de um modo específico, à experiência traumática de fragmentação — o sentimento, que se afirmou repetidas vezes, de que a disposição natural dos alemães significa estarem eles destinados a permanecer desunidos, a menos que um homem forte - um Kaiser ou um Führer - surja e seja capaz de protegê-los de si mesmos, não menos que de seus inimigos (ELIAS, 1994b, p.283).

Algumas décadas seguintes, essa união tomou as ruas, porém de uma força que nem Christ nem outros imaginariam que esses espaços iriam se transformar. Pessoas que ali perfilam, algumas são as mesmas, porém com novos tipos de sentimentos, e performances. As vitrines com as roupas, perfumes, bijuterias expostas, os olhares postos nos vidros, os risos soltos, o cumprimento às amigas, aos idosos, aos pobres, deram lugar ao medo, à raiva, ao desespero, fome e morte. Odores agora são de sangue e da morte, todos se escondem se fecham no privado, em si, uma vez que sair à rua é perigoso expõe sua real situação de inimigo de si e do outro.

A guerra chegou (1914-1918), Christ não chegou ver posteriormente a segunda, mas o Führer estava sendo ali gestado, naquelas ruas por onde Christ passou e guardou-se para si. Seu manual de 1922 teve uma complementação sobre o trabalho feminino, ali quem sabe, observa-se mais mudanças dos sentimentos após esse período de tragédia para tantas pessoas. Mas, aí, serão novos trajetos cursados em outro momento.

## 4 CONCLUSÕES

Ao pensar que as emoções podem ser esquadrihadas dentro da história, podemos afirmar que é um processo de investigação recente, pois a historiografia fundada no século XIX não estava ainda preocupada em perscrutar as emoções, em fontes e analisá-las em termo de funções, modos e causas. Somente aqueles que, no final do século XIX, se interessaram pela História Cultural ou estavam explorando os mecanismos do raciocínio histórico e a compreensão, começaram a interessar-se por "contextos estruturais mentais", em "violência", "dores", "paixões", "vergonha" e "medo" ou no desenvolvimento de sentimentos e sensibilidades nacionais.

Diante do contexto explanado, partimos do princípio de que algumas condutas foram sendo perpetuadas e outras alteradas à medida que os processos relacionais foram se transformando ao longo da história, bem como a circulação de um tipo de literatura de civilidade para atender a demanda de uma classe social que almejava por mudanças nos padrões de comportamentos. E, nesta pesquisa, estendemos o nosso olhar para alguns grupos sociais no Brasil que também foram influenciados por este tipo de impressos, como foi o caso do livro de Sophie Christ, escolhido por Pe. Janssen como instrumento normativo para a utilização nas aulas de etiqueta pela congregação católica das irmãs Servas do Espírito Santo, nos respectivos colégios que fundaram.

Sobre estes manuais de civilidade e boas maneiras, instituídos por configurações diferentes, família, escola, igreja e outros grupos sociais, ressaltamos que, desde o início do surgimento dos primeiros impressos, alguns grupos da sociedade estavam envoltos por preocupações a respeito de códigos regidos pelo primado do comportamento social, que passara a ser a medida do homem civilizado.

Podemos dizer que este processo do cultivo dos bons modos é verificado em textos da Antiguidade que já versavam sobre ética, caridade, humildade, integridade e nobreza. Estas virtudes, todos os homens deveriam possuir e cultivá-las na convivência com os outros. Muitos desses preceitos foram mantidos ao longo do tempo por este tipo de gênero educativo.

Na Idade Média, as primeiras orientações aos jovens noviços nos mosteiros e nos colégios já faziam menção às boas maneiras, porém nenhum



desses textos traziam maiores preocupações sobre as regras do bem viver. De forma geral, os preceitos eram tradicionais e traziam formas de como determinadas posturas deveriam ser lembradas e evitadas socialmente. O primeiro livro do gênero que continha um método ordenado foi o manual de civilidade escrito por Erasmo de Roterdã. O livro foi considerado uma influência para outros tratados que, ao longo do tempo, foram surgindo e seus pressupostos de civilidade ali contidos, marcaram definitivamente como um ponto referencial do processo civilizador, de acordo com Elias.

Quando analisamos os manuais ao longo do processo civilizatório, como o de Erasmo, verificamos que os mais clássicos eram ricos em detalhes, haviam histórias e inúmeros exemplos de como as pessoas deveriam se comportar. Paulatinamente, os manuais foram mudando de acordo com as atitudes e controle das emoções dos indivíduos e principalmente pelos desejos e preocupações de cada tempo. Muitos manuais adquiriram uma estrutura mais didática e se valeram de conteúdos mais simples, com objetivos mais específicos e bem claros, tornando mais acessíveis a compreensão e a internalização de seus preceitos normatizadores para quem os liam. Ricos em detalhes ou escritos de uma forma mais objetiva, direta, todos estes impressos podem ser considerados como leituras que educaram.

Assim, verificamos que os primeiros movimentos dos manuais traziam como preocupação a negação de atitudes antes toleradas e que então passaram a ser cobradas, exigidas. Sendo assim, a grande preocupação dos indivíduos do século XVI estava direcionada para a questão do comportamento social: ser civilizado, menos agressivo, apropriar-se de maneiras mais refinadas, controlar-se e autocontrolar gestos e garantir a boa convivência.

Outro movimento percebido no início do século XVI, que trouxe uma segunda preocupação, foi o respeito para com os outros. Esta virtude tornou-se objetivo central das relações sociais, para isso, a escola foi alvo desses escritos prescritivos como núcleo difusor para atingir um número maior de pessoas da sociedade. Dentro de um ensino mais vigiado, especialmente pelas escolas católicas, a aprendizagem estava envolta com a moral e as boas maneiras, nos momentos de ensino da leitura e escrita.

Com divulgação cada vez mais ampla dos manuais, a preocupação do século XVII estava centrada na construção da individualização em relação ao

outro. Nesses processos, as aparências tomaram conta do cenário e cada vez mais o corpo tornou-se refém das exterioridades, assim, conforme a conhecida sentença de Elias (1994b), os indivíduos tornaram-se “encapsulados”. Os manuais deste período indicavam posturas mais reservadas em termos das formas das palavras, dos gestos e da dissimulação das vontades e dos afetos.

Posteriormente, no século XVIII, segue-se mais um movimento dos manuais, em que a preocupação norteadora estava no resgate do sentido humanista da civilidade, proferido pelo antigo tratado de Erasmo, uma vez que as aparências haviam tomado conta das relações de tal modo que era necessário cultivar a verdadeira civilidade. Assim, os impressos trouxeram regulamentos de uma civilidade dentro dos bons preceitos, prevenindo e afastando os indivíduos da falsa civilidade e, para cumprir estes objetivos, a família passaria a ser figuração fundamental para afirmar e manter esta condição. Esses manuais deveriam unir alguns modos de condutas anteriormente preconizados e educar os indivíduos dentro da ética e da moral para atender as novas condições sociais que se estabeleciam, principalmente após a Revolução Francesa. Os manuais necessitaram ser transformados, pois dentro deles não deveriam existir resquícios de um modelo outrora artificial, era necessário atender as novas preocupações e desejos que se faziam, ou seja, formar um homem educado, civilizado e correto.

Foi nesta perspectiva que os manuais do século XIX fundamentaram ainda mais suas propostas, dentro de um discurso de igualdade em dignidade, simplicidade e a consciência em si. As preocupações desse tempo eram evitar a afetação, o luxo, as boas maneiras seriam regidas pela negação da superioridade, este era o máximo da condição dos indivíduos. É dentro dessa preocupação que o manual de Christ se mostra. Ressaltamos que seu manual, assim como tantos outros, indicou, a partir dos movimentos dessas transformações, o equilíbrio da balança de poder em todas as configurações.

Em todas estas apreensões, verificamos que as boas maneiras era uma virtude nobre, adotada especialmente pela burguesia emergente, que abraçou o ideal com o discurso de que todos os seres humanos eram iguais em dignidade. Para se valer desse anseio, adotaram e imprimiram fortemente determinados comportamentos, entre eles estavam: correção dos modos de agir na casa, na igreja e na rua, e esses desdobramentos dessas figurações estavam

em dominar os espaços, com o tom de voz, no ouvir, no olhar e nas formas de tratamento.

Reforçamos que muitos desses códigos estavam prioritariamente destinados às mulheres que, neste espaço uno e múltiplo ao mesmo tempo, deveriam ser organizadas, tanto no lar, espaço privado, quanto no eu (interior). Estes códigos de sociabilidades inscritos pelos artefatos educativos deram respostas aos interesses da educação feminina do período. As repreensões dos comportamentos considerados desviantes ou promíscuos eram constantemente dadas seja pela família, quanto pela igreja e escola, configurações que foram preponderantes para a conformação de determinadas práticas corporais femininas. Ao mesmo tempo, também marcaram e delineavam as relações entre homens e mulheres e, desse modo, evidenciaram fortemente o lugar e a condição do feminino.

Dentro desse modelo, um outro aspecto, que estava pautado nos impressos, era a honra da mulher. Mesmo com a negação de quaisquer direitos, a imagem de uma "máquina parideira" e o perfil fortemente inscrito por um comportamento típico feminino (bondade, modéstia, humildade e restrição), a vida de uma mulher casada ainda era muito melhor do que a de uma mulher solteira, pois por muito tempo, esta condição da mulher foi socialmente desprezada. Além disso, a mulher casada era vista como símbolo de status social – a arte de receber. O homem esperava dela, além de uma figura delicada, refinada e graciosa, um comportamento moral em público e o apoio incondicional e irrestrito ao seu lado em todos os âmbitos.

Quando se toma a leitura do manual Christ, os preceitos, as regras estão ali, eram necessárias marcá-las, esboçá-las e divulgá-las. A análise que aqui fizemos de excertos para a pesquisa, confirmam alguns elementos de civilidade que deveriam ser utilizados pelas moças no interior da família e no convívio em sociedade.

Em um número considerável das folhas do manual aparece uma necessidade permanente em tais instruções e padrões de comportamento e, ao mesmo tempo, seu conteúdo reflete o caráter do mundo da vida feminina percebida, porém há uma luta constante em reconhecer as situações da vida real. Por outro lado, também há declarações de Christ – como: "determinação feminina", à "educação feminina", "sair de si", "cuidar de si", elementos que se

contrapõe a pedagogia tradicional da época. Sendo assim, a existência da decência feminina e a necessidade óbvia da manutenção de algumas características da cultura da “casa inteira”, ou seja, a obediência aos pais, mais tarde ao marido, a educação dos filhos, trato com os criados, a organização da casa, o trabalho aliado ao desejo do novo, de outras perspectivas, principalmente pela profissionalização, formaram uma unidade. Todos esses aspectos eram essenciais para aquele momento.

O manual de Christ, acreditamos ter sido um forte referencial das práticas corporais femininas, pois dava resposta à educação que alguns setores da sociedade de Mainz almejavam para as meninas e moças no período. Ao analisarmos a circulação do manual, afirmamos que Christ obteve sucesso em sua implementação, uma vez que houve várias edições. Esta difusão de seu livro de bolso, chegou às mãos do padre Arnaldo Janssen, que estava na Holanda, praticamente exilado, perpetuando seu projeto missionário. Janssen provavelmente leu o manual e o conferiu como um livro correto para ser utilizado na educação de meninas, principalmente para as brasileiras tidas como incivilizadas pelas freiras alemãs.

Outro ponto analisado sobre a aceitação do manual, refere-se à documentação produzida pelas irmãs aqui no Brasil, não são detalhistas ao ponto de dizer que o uso do manual foi crucial para a mudança dos modos, porém, ao analisarmos essas fontes – crônicas - escritas anualmente, ao citarem as meninas brasileiras, principalmente nos anos iniciais dos colégios, constatamos que elas foram mudando as atitudes nas relações internas e externas, como por exemplo: a dedicação aos estudos e nas apresentações de trabalhos, como demonstraram as crônicas das irmãs do Colégio Stella Matutina, em Minas Gerais. Reportamo-nos a esse, porque foi o primeiro que as irmãs fundaram e neste espaço, tiveram as primeiras experiências com a cultura brasileira e especialmente com as meninas estudantes. Este colégio foi o difusor da congregação no Brasil, guardadas as devidas proporções, ressaltamos as especificidades culturais de cada estado, cada cidade, desse modo, as freiras se utilizariam de outros tipos de sentimentos, porém, sem mudar a essência do projeto. Assim sendo, consideramos o manual de Christ como um dos mecanismos para o controle e autocontrole dos comportamentos educacionais das meninas brasileiras, uma vez que as freiras seguiriam as

ordens de Janssen, sem questioná-las, pois não desrespeitariam a hierarquia; um segundo elemento é pelo medo de errar. Neste aspecto, acreditamos que, por ser o início do projeto missionário e sendo as primeiras irmãs no Brasil representantes da congregação, deveriam executá-lo com sucesso. Posteriormente à efetivação do projeto educacional/religioso, outras formas de comportamentos poderiam ter sido inculcadas, alteradas ou até mesmo deixadas de lado em virtude da convivência com as meninas, e pelo fato das irmãs se apropriarem de alguns aspectos da cultura brasileira, enfim, dos próprios sentimentos das freiras. Entretanto para aquele momento era fundamental às irmãs seguirem as determinações de Janssen; e o último aspecto salientado sobre o uso do manual foi que as freiras estrangeiras, ao olharem o “outro”, desejaram imprimir o ideal de sociedades ditas como mais “civilizadas”, “nós-ideal”, àquelas, no caso o Brasil, que ainda não possuía os mesmos sentimentos.

Ao refletirmos sobre estes aspectos, acreditamos que o manual foi empregado dentro dos muros das escolas que elas fundaram, e as irmãs se colocaram enquanto interlocutoras de uma educação adequada para o corpo feminino cristão, seja nas aulas de etiqueta, seja nas exterioridades, nos “jeitos das freiras”, pois, elas, além de todo o aparato – vestimenta, hábito, o crucifixo no pescoço, enfim demonstraram os produtos da fé, “objetos cridos”, e ao lerem o manual e aplicá-lo nessas instituições educacionais, e aqui nos reportamos às outras, não só no Brasil, mas naquelas escolas em que as freiras observaram a necessidade de cultivar nas meninas os bons modos, recorriam novamente ao instrumento normativo, e assim retomavam aos “jeitos de ser mulheres”. Desse modo, queriam este “jeito de freira” e “jeito de mulher” para as demais mulheres.

De modo geral, o manual colaborou com a formação educacional de meninas brasileiras de estados distintos. Uma vez considerado como um “vetor de sistemas”, estabeleceu com seu público maneiras e valores comprometidos com a civilização, subsídios que devem ser entendidos a partir da reflexão de uma sociabilidade desejada, ou seja, a do homem urbano e civilizado. Neste sentido, esta rede de sociabilidades femininas que foram criadas pelos colégios das freiras e, portanto, usado o manual como um instrumento de condicionamento, não podem ser rompidas, pois, muitos comportamentos ficaram internalizados e outros, cada vez mais, se transformaram e se estenderam num longo processo.

Sendo assim, este feminino adequou-se socialmente a modelos esperados e impostos e essas regras se estenderam em toda a organização da vida concretizadas nas emoções, e das práticas corporais. Práticas corporais que acreditamos que Sophie Christ executou muito bem para permanecer fiel à prescrição, mantendo a “honra” e “dignidade” durante seus 95 anos, conforme discurso da biógrafa. Porém, biografias podem ser descritas e não evidenciam claramente as estruturas psicogenéticas e sociogenéticas de um indivíduo.

Manter exterioridades, acreditamos ser uma das estratégias de Christ para o seu lugar de mulher. O medo a levou aos comportamentos tão regrados, os julgamentos pelos olhos observadores dos corpos estavam sempre em vigília. Estes olhos que a escolheram para palestrar e posteriormente, a indicaram para a escrita do manual. Era um desejo de grupos nós-ideal, para a manutenção do feminino, da sentimentalidade da mulher.

Neste sentido, consideramos o manual Christ como o retrato da sublimação do feminino alemão. Sua escrita revela-se conservadora, porém alguns indícios nele contido, como viajar, fugir de certos hábitos e a capacidade de a mulher ter consciência e cuidar de si, trazem Christ à subversão da ordem, sua vida tão distinta, indicam que buscou nos equilíbrios na balança de poder, nas figurações das quais fez parte, usar de práticas femininas, que a permitiram imprimir mudanças. Assim, acreditamos que o manual estava para atender às expectativas do ambiente social e também para implementar os próprios planos de vida de Christ. Isso torna-se importante ao observar quando se trata principalmente para explicar ações *não* convencionais, ou seja, a informalização dos costumes que estava em curso. Neste sentido, emergiram os conflitos nesta identidade, que torna-se "eu" ou, “nós-eles”, ou seja, o primeiro do conflito entre "o próprio"(eu) e o próprio das expectativas "sociais”.

Ao pensar nas expectativas, Christ utilizou-se da escrita para resolver esta tensão, pois em um tempo em que profissionalização das mulheres era incomum, escrever dava condições a muitas delas de sobreviverem. Por isso, várias passagens de seu livro trazem o trabalho como preponderante na vida das mulheres. Ressaltamos que poucas mulheres burguesas trabalhavam nas ocupações tipicamente "femininas", ou seja, faziam trabalhos voluntários no campo social ou trabalhavam como governantas em casas da alta classe. Com as altas taxas financeiras educacionais, muitas não exerciam profissões civis

clássicas, como medicina, direito e engenharia. Se para estas mulheres da burguesia parecia difícil esta condição, para as da classe baixa fora muito mais complexo o acesso à educação.

No processo de visibilidade do feminino, a mulher escritora surge como possibilidade para muitas mulheres. Esta profissão foi aceita na medida em que essa atividade era bem compatível com seus deveres primários no lar e na família. Desde o início do século XIX, com o aumento do número de mulheres alfabetizadas, algumas assumiram a escrita como profissão e passaram a ter renda própria. Em seus escritos, de forma geral, trataram das seguintes questões: educação inadequada das mulheres, casamento, participação política e falta de campo de trabalho.

Christ abriu a cortina de seu palco e se mostrou para o mundo com sua obra. Os aprendizados foram determinantes na elaboração de sua individualidade como atriz, viajante, escritora, jornalista, e conseguiu nos demonstrar como sua formação, neste cotidiano feminino e díspar, a colocou em condição de equilibrar-se socialmente ao dominar e subverter espaços predominantemente masculinos.

Ao partir da construção de uma mulher ideal, Sophie Christ evidencia como os níveis mais elevados de regulação dos indivíduos e de conhecimento social se estabeleceram. O corpo esteve entrelaçado com o público e privado, e a cada geração podemos perceber o seu redimensionamento que afetou a vida cotidiana. Isso só foi possível a partir das normas e das boas maneiras, elementos que serviram de estrutura para que as pessoas, ao observarem os outros e si mesmas, fossem capazes de autorregular-se.

Assim sendo, os processos de informalização, a despeito das tensões, deram aos indivíduos consciência e aceitação dos códigos prescritos pela sociedade. Códigos que estão em andamento, que ninguém sabe quando terminará!!

## 5 FONTES

### **Documentos Eclesiásticos**

Cartas Pastorais do Bispo Fundador Arnaldo Janssen às Primeiras SSps do Brasil:1891 a 1911.

Compêndio do Vaticano II: Constituições decretos declarações. Editora Vozes: Petrópolis, 1971.

### **Arquivo do Seminário São José - Ponta Grossa**

CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO. **Crônicas da Congregação do Verbo Divino em Guarapuava. 1907 – 1959.** Tradução Pe. Ricardo Kupper. Ponta Grossa, 1993.

### **Arquivo da Casa Provincial – Ponta Grossa**

IRMÃS SERVAS DO ESPÍRITO SANTO. **Crônicas do Colégio Nossa Senhora de Belém: Guarapuava (1907 – 1955).** Tradução Ir. Cecillie P. Homen. São Paulo, 2005.

SVD. **Arnaldo Janssen: Uma Vida a Serviço da Missão.** Tradução Irmã Noemia Sulzbach. 2004.

### **Manuais**

AUTANT, Jacqueline. **Não Faça Isso!: código de boas maneiras.** Rio de Janeiro: Irmãos Di Giorgio & Cia Ltda, 1960.

B.N. **Novo manual de civilidade ou regras necessárias para qualquer pessoa poder frequentar a boa sociedade:** Typographia Universal, Lisboa. 1867.

BONINI, Íside. **Boas maneiras:** em sociedade. São Paulo: Edigraf, 1963.

**CARTAS DE ARNALDO JANSSEN À AMERICA DEL SUR.** Tomo IV: 1905-1908. Roma, 1996

CHRIST, Sofhie. **Orientação prática sobre a conduta da juventude feminina.** 3ª ed. Editora: Verlag von Franz Kirchheim: Mainz,1889.

**COMPÊNDIO DE CIVILIDADE:** para uso das famílias e dos institutos educativos. São Paulo. Livraria Salesiana, 1946.

D'Ávila, C. (1951). **Bôas Maneiras.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934



GENCÈ, Condessa de. **Tratado de Civilidade e Etiqueta**. 3ª ed. Lisboa: Guimarães, 1916.

NEVES, D. Guilhermina de Azambuja. **Entretenimentos Sobre os Deveres da Civilidade Collecionados para Uso da Puericia Brasileira de Ambos os Sexos**. 2ªE. Typographia Cinco de Março: Rio de Janeiro, 1875.

**PEQUENO MANUAL DE CIVILIDADE PARA USO DA MOCIDADE**. Rio de Janeiro: FTD, 1932.

ROQUETTE, J.I. **Código do Bom-Tom**: ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

VERARDI, Luiz. **Manual do Bom-Tom**, 5ª ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1895.

## 6 REFERÊNCIAS

ARLEY, Andriolo. **Metamorfoses do olhar na viagem de Goethe à Itália**. ArtCultura, Uberlândia, v. 13, n. 23, p. 113-127, jul.-dez. 2011.

AGUIAR, Thiago Borges. **Jan Hus**: Cartas de um educador e seu legado imortal. São Paulo: Annablumes, 2012.

ALBUQUERQUE, José Lindomar. As fronteiras ibero-americanas na obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Análise Social**, vol. XLV (195), 2010, p. 329-251.

ALVES, Márcio Moreira. **A igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

AQUINO, Mauricio de. As congregações e ordens religiosas de Portugal em diáspora no Brasil no início do século XX: instituições eclesiais, modernidade e tensões sociais. **Revista Nupem**. Campo Mourão, v. 8, n. 14, jan./jun. 2016, p. 117-127).

AQUINO, Mauricio de. A diáspora das congregações femininas portuguesas para o Brasil no início do século XX: política, religião, gênero. **Caderno Pagu** (42), janeiro-junho de 2014, p. 393-415.

AQUINO, Maurício de. A Igreja Católica na Primeira República Brasileira (1889-1930): laicidade pragmática, diocesanização, congregações religiosas. In: CARREIRO, Gamaliel Silva *et al* (Orgs.). **Todas as águas vão para o mar**: poder, cultura e devoção nas religiões. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 2013, p. 119-142.

ARTUR, Angela Teixeira. **As Origens dos “Presídios de Mulheres” do Estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. 2011.

BEOZZO, José Oscar. **Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada**. Revista Eclesiástica Brasileira (REB), Petrópolis, Vozes, v. 37, dez 1977.

BHURIYA, Devendra. **Sagrado Coração de Jesus na vida de Arnaldo Janssen**. Tese de Doutorado da Universidade Pontifícia Comilas. Facultad de Teología Instituto de Espiritualidad. Madrid. 2005.

BORNEMANN, F. **Arnaldo Janssen: fundador de los misioneros del Verbo Divino**. Tradução de Arnold Janssen der Gründer des Steyker Missionswerkes. Original. Estella: España, Verbo Divino, 1971.

BURKE, Peter. **As Fortunas d'O Cortesão**. São Paulo: Editora Unesp, 1997

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. **Entre o tradicional e o moderno: os femininos na revista Vida Doméstica**. Gênero, Niterói, v. 9, n. 2, p. 103-134, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2001.

CASTIGLIONE, Baldassare. **O Cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Escrita da História**. 3ªed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2015.

CHORNOBAI, G.Q. **Igreja Católica, educação feminina e cultura escolar em Ponta Grossa(Paraná): A escola norma de Sant'Ana (1947-1960)**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Paraná, 2002.

COMENIUS, Jan Amos. **A Escola da Infância**. Tradução de Wojciech Andrzej Kulesza. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

CUNHA, Maria Tereza Santos. **Das mãos para as mentes**. Protocolos de civilidade em um jornal escolar/SC (1945-1952). Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 139-159, jul./set. 2013. Editora UFPR

\_\_\_\_\_. **Tenha modos! Manuais de civilidade e etiqueta na Escola Normal (1920- 1960)**. Disponível em: <www.MTS Cunha – faced.ufu.br. 2010a.

\_\_\_\_\_. **Os dizeres das regras: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta**. Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../488.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../488.pdf) 2010b.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil (1850)**. Tradução, Prefácio e Notas de Sérgio Buarque de Holanda. Livraria Martins: São Paulo, 1941.

DIETHE, Carol. **Towards Emacipation: German Women Writers of the Nineteenth Century**. New York: Berghahn Books, 1998.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. v 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1994b.

\_\_\_\_\_. **Os alemães.** A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de A. Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. El cambiante equilibrio de poder entre los sexos In: WEILLER V (org). **La civilización de los padres y outro ensayos.** 1 ed. Colômbia, Editorial Norma 1998.

\_\_\_\_\_. **Sobre o tempo.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **A sociedade de corte:** investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Norbert Elias por ele mesmo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001b.

\_\_\_\_\_. **A Solidão dos Moribundos.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001c.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia.** Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. Sobre os Seres Humanos e suas Emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas. **O Controle das Emoções.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2009. p. 19-46.

DELLA CASA, Giovanni. **Galateo ou dos costumes.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ERASMO. **De pueris(Dos Meninos).** A Civilidade Pueril. São Paulo: Ed. Escala. [19?]

DICIONÁRIO DO AURÉLIO ONLINE - **Dicionário Português.** 2008 - 2017

DICIONÁRIO PORTUGUÊS. **Civilidade[on-line]** – Edição 1.5 (nov.2016). Disponível <http://dicionariportugues.org/pt/civilidade>

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala.** Rio de Janeiro: Record. 43ª ed., 2001.

GEBARA, Ademir. **Conversas sobre Norbert Elias:** depoimentos para uma história do pensamento sociológico. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2005.

GINZBURG, C. **Mitos emblemas sinais**: morfologia e história. 4ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GLOUDSBLOM, Johan. A vergonha uma dor social. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas. **O Controle das Emoções**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009. p. 19-46.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Iphigenie auf Tauris**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Insituto Hans Staden, São Paulo, 1964, p. 11-155.

GROSSI, Miriam Pillar. **O jeito de freira**: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. nº 73, 1990.

HADDOUTI, **Christiane Schulzki. Identität und Wahrnehmung bei Ida von Hahn-Hahn und Ida Pfeiffer anhand ihrer Orientberichte**. Diplomarbeit im Studiengang Kulturpädagogik an der Universität. Hildesheim, 1995.

HÜBEL, Marlene. **A alegre dignidade da personalidade**: Sophie Christ (1836-1931) Mainz – Caderno 3.

IPANEMA, Cybele; IPANEMA, Marcelo. **Silva Porto: livreiro na corte de D. João, editor na Independência**. Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2007.

KANT, Emmanuel. **Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime** - Ensaio Sobre as Doenças Mentais. Tradução de Vinicius de Figueiredo. Campinas, Papyrus, 1993.

\_\_\_\_\_.KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática (Introdução)**. Tradução de Artur Morão. Lisboa:Edições 70, 1994.

\_\_\_\_\_. **Resposta à pergunta**: O que é Iluminismo?”. Tradução portuguesa (Artur Morão).  
[http://www.lusosofia.net/textos/kant\\_o\\_iluminismo\\_1784.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf).

\_\_\_\_\_. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco C. Fontanella.Piracicaba: Editora UNIMEP, 1996.

KREUTZ, Lucio. Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul. IN. MUACH, Claudia. VANCONCELLO, Naira. (Org.). **Os alemães no Sul do Brasil**. Canoas: Ed.Ulbra, 1994.

RIBEIRO, Renato Janine. **A Etiqueta no Antigo Regime**: Do sangue à doce vida. 2 ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LE GOFF, Jacques. Na idade Média: tempo da igreja e tempo do mercador. In: \_\_\_\_\_. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. p. 43- 60.

LEONARDI, Paula. **Congregações católicas e educação: o caso da Sagrada Família de Bordeaux**. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, SP, v. II, n. 2 (26), p. 103-129, mai/ago, 2011.

\_\_\_\_\_. **Além dos espelhos. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2010.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 167-182.

LOUYS, Pierre. **Manual de Civilidade Destinado às Meninas para uso na Escolas**. São Paulo: Editora Imaginária, 2005.

MAGALHÃES, Justino. **Um contributo para a história do processo de escolarização da sociedade portuguesa na transição do antigo regime**. Educação, Sociedades & Culturas, Porto Alegre, n.5, p.07-31, 1996.

MARIA, Júlio, pe. — **O Catolicismo no Brasil**. Memória Histórica, Rio de Janeiro, Agir, 2ª ed., 1950.

MARTINS, Rui Cunha. Fronteira, referencialidade e visibilidade. In: **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, Edição Especial, n.1, p.7-19, 2000.

MORSE, Richard M. **A volta de McLuhanaíma: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MISSIONARIOS DA CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO NO BRASIL. **Nossa História Nossa Missão: 1895/2000**. Sociedade Propagadora Esdeva: Belo Horizonte, 2000.

NUNES, Ruy. Prefácio. IN: LAUAND, Luiz Jean. **Educação, teatro e matemática medievais**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1990. (org.). Idade Média: cultura popular. São Paulo: FFLCH- Edix, 1995. (org.).

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **Fronteiras culturais em um mundo planetário-paradoxos da(s) identidades(s) sul-latino-americana(s)**. Revista Del CESLA, n. 8, Varsóvia, Polônia, 2006, p. 9-19.

PORTUGAL. **Lei de 6 de novembro de 1772**.

PRIETO, H. **Quer ouvir uma história?** Lendas e mitos no mundo da criança. São Paulo: Angra, 1999.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade –Rio de Janeiro, século XIX.** In: ACERVO: Revista do Arquivo Nacional. Vol.8.n.01/02.RJ: Ministério da Justiça. 1995.

\_\_\_\_\_. **A cidade e a moda.** Brasília: UNB, 2002.

RENK, Valquiria. **A educação dos imigrantes alemães católicos em Curitiba.** Curitiba: Champagnat, 2004.

REUTER, Jakob (SVD). **Arnaldo Janssen: cativado e enviado pelo Espírito.** Braga: Editorial Verbo Divino, 2000.

RIBEIRO, Renato J. **A Etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida.** 2 ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

RICHÉ, Pierre. Introdução. In: **Dhuoda: Manuel pour mon fils.** Paris: Sources Chrétiennes, 1975.

ROCHA, Rita C. L. **História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes,** *Analecta, Guarapuava, v. 3, n. 2, p. 51-63, jul/dez. 2002.*

\_\_\_\_\_. **Educação e civilidade: o discurso da Ordem Missionária Servas do Espírito Santo (1907-1955).** Dissertação de Mestrado da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, 2007.

ROCHA, Rita C. L.; VIEIRA, Cesar Romero A. V.. **Os Manuais de Civilidade e os Modos de Civilizar a Infância.** XV Congresso Internacional “Processos civilizatórios: El legado de Norbert Elias”. México, 2014.

ROCHA, Rita. C. L. VIEIRA, Cesar Romero A. V.. **A Infância Exemplar: Progresso Moral ou Processo Civilizatório?** Anais da I Jornada de Estudos Elisianos. Paraíba, 2015a.

ROCHA, Rita. C. L. VIEIRA, Cesar Romero A. V.. **Sociedades missionárias católicas e protestantes: religião, educação e civilidade.** VIII Congresso Brasileiro de História da Educação. Matrizes interpretativas e internacionalização. Maringá, 2015b.

ROCHA, Rita. C. L. VIEIRA, Cesar Romero A. V.. **Fronteiras culturais e missões religiosas no Brasil: as servas do Espírito Santo.** IN:GEBARA, Ademir(org.). **Leituras de fronteiras :novas achegas.** Jundiaí: Paco Editorial, p. 275-303, 2017.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem da desigualdade.** Tradução de Maria Lacerda de Moura. Edição Eletrônica: Ridendo Castigat Mores. 1754.

\_\_\_\_\_. **Emilio ou da educação.** 3 ed. Rio de Janeiro: Berdrant, 1995.

SARAT, Magda. **Histórias de Estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação.** Tese de Doutorado da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educação, Memória e Gênero:** contribuições de Norbert Elias. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.17, n.33, p.118-139, jan./jun. 2011.

SCHWARCZ, L. M. & COSTA, Â. M. da. Como ser nobre no Brasil. Manuais de bons costumes: ou a arte de bem civilizar-se. In: Lilia Moritz Schwarcz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

SCHWARTZMAN, Simon. **O espelho de Morse.** Novos estudos CEPRAP, São Paulo, n. 22, p. 185-192.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração, colonização e identidade étnica:** (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no sul do Brasil). Revista de Antropologia. São Paulo, v.29, p.57-71, 1986.

\_\_\_\_\_. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. IN: IN. MUACH, C. VANCONCELLO, N. (Org.). **Os alemães no sul do Brasil.** Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

SCHULTE, Regina. **Speerbezirke.** Hamburgo. Editora Europeia, 1994.

SERBIN, Kenneth. P. **Padres, celibato e conflito social:** uma história da igreja católica no Brasil. Companhia das Letras, 2008.

SILVA, José Antunes. **Diálogo Profético:** identidade e missão da congregação do Verbo Divino segundo o seu xv capítulo geral (ano 2000). Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa, 2012.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. **As terras inventadas:** discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SILVA, Sofia Vilela Moraes. Trabalho Infantil: aspectos sociais, históricos, e legais. IN: **Revista Olhares.** Vol. 1, 2009.

VIEIRA, Cesar Romero A. **Protestantismo e educação:** a presença liberal norte americana na reforma Caetano de Campos - 1890. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

VISSER, Margaret. **O ritual do jantar:** as origens, evolução, excentricidades e significado das boas maneiras à mesa. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

WOUTERS, Cas. **Tecnologia e o Equilíbrio da Sensualidade no Amor e no Sexo.** Revista Gestão Industrial. Ponta Grossa, v. 02, n. 03: p. 174-183, 2006.



\_\_\_\_\_. **Como Continuaram os Processos Civilizadores:** rumo a uma informalização dos comportamentos e uma personalidade de terceira natureza. *Revista Sociedade e Estado*. Dossiê Norbert Elias, Brasília, v.27, n.3. set/dez, 546-570, 2012.

WARDE, Mirian Jorge. **Americanismo e educação:** um ensaio no espelho. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 14, p. 37-43, 2000.

ZULIAN, R. W. **Catolicismo e educação em Ponta Grossa (1889-1930)**. Dissertação de Mestrado. Ponta Grossa, UEPG, 1998.